

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Luiza Hermes

Interior

Porto Alegre
2021

Luiza Hermes

Interior

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Porto Nogueira

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Hermes, Luiza
Interior / Luiza Hermes. -- 2021.
114 f.
Orientadora: Isabel Porto Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Música Popular. 2. Processos Criativos. 3.
Composição. 4. Produção Musical. 5. Epistemologias
Feministas. I. Nogueira, Isabel Porto, orient. II.
Titulo.

AGRADECIMENTOS

Por mais estranho que possa parecer, preciso agradecer primeiramente a mim. Obrigada por não desistir, por se permitir criar e por acreditar em si. Se me orgulho tanto desse trabalho hoje é porque eu consegui, eu fui boa o suficiente pra mim mesma.

Depois desse gesto um tanto egocêntrico, mas necessário, quero agradecer aos meus pais, Lenice e Gilberto Hermes, por me apoiarem, ficarem do meu lado e me incentivarem a fazer o que eu amo, por mais que fosse tão diferente. Obrigada por fazerem de tudo para que eu tivesse a melhor educação, por me incentivarem a subir cada vez mais alto e acreditarem que eu posso chegar onde eu quiser. O apoio de vocês, os abraços, o carinho e a força foram a base que me sustentou durante esse caminho.

Agradeço também a todos os professores de música que tive, antes e durante a graduação. Em especial a minha orientadora, Isabel Nogueira, que me fez ver a música de outras formas, que me ajudou a me sentir mais confortável em um curso que eu sempre amei mas que, às vezes, não aprecia tão convidativo assim. Por acreditar em mim, me orientar e tornar os processos tão humanos, não meros trabalhos.

Ao grupo Sônicas por também me apoiarem e formar uma corrente tão sólida de apoio e discussões dentro da academia. O aprendizado e as amizades ficarão para sempre.

Também agradeço aos meus amigos do curso e fora dele, minhas deusas e todes companheiros de trajetória de TCC, em especial a Anna Perin, Antonella Pons, Eduardo Moro, Jalile Petzold, Kellen Pavan e Madalena Rasslan que me escutaram, me ajudaram e estiveram muito presentes durante toda essa trajetória. Felizmente tenho muitas pessoas boas ao meu lado e espero que possa retribuir todo amor e ajuda a todes.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu companheiro Douglas Pereira por me acompanhar e me acalmar em momentos de crise, por incentivar e estar do meu lado, me ajudar a ser forte e me ouvir por mais que não fizesse sentido às vezes.

Amo todes vocês.

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousaram
criar a partir do lugar da dor e da luta, que expõem
corajosamente suas feridas para nos oferecer sua
experiência como mestra e guia, como meio para mapear
novas jornadas teóricas.

bell hooks

RESUMO

Este trabalho de graduação em música popular teve como objetivo compor, arranjar e produzir quatro canções de minha autoria que foram criadas durante o curso de graduação em Música Popular, algumas compostas antes e outras durante a concepção deste trabalho. Descrevo os processos criativos com base no conceito de pesquisa artística de López-Cano e Opazo (2014) e as epistemologias feministas de Margareth Rago (1998), além de abordar alguns questionamentos de música e gênero apresentados por Nogueira, Pedro e Zerbinatti (2018). Junto a esses conceitos, trago a ideia de *interior*, como um convite para conhecer e entender a minha formação como artista e como se dão meus processos a partir disso. Procuo detalhar como as criações aconteceram, como me senti e quais as ferramentas que usei para compor, para que esses processos possam inspirar futuras criadoras. Também me inspiro na forma de escrita de bell hooks, na intenção de que este trabalho acadêmico seja acessível para leitores e leitoras para além da academia.

Palavras-chave: Música Popular. Processos Criativos. Composição. Produção Musical. Epistemologias Feministas.

ABSTRACT

This graduation project in popular music has as a goal to compose, arrange and produce four songs written by me, which were created along the graduation in popular music, some composed before the conception project and others during it. The processes described are based on the concept of artistic research by López-Cano and Opazo (2014), and the feminist epistemologies by Margareth Rago (1998), it also addresses some questions about music and gender by Nogueira, Pedro and Zerbinatti (2018). Along with these concepts, I bring the idea of *depth*, as an invitation to meet and understand my formation as an artist and how are my processes from that. I try to detail how the creations happened, how I felt and which tools I used to compose, so that these processes can inspire future creators. I am also inspired by bell hooks' writing, with the intention that this academic project is accessible for readers beyond the academy.

Key-words: Popular Music. Creative Processes. Composition. Music Production. Feminist Epistemologies.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Foto da Banda do colégio Marista São Luis tirada em 2015.	16
Imagem 2 - Foto dos poemas que foram utilizados na música.	31
Imagem 3 - Parâmetros do reverb no plugin Fleet utilizado na track eww de Navio no Espaço.	35
Imagem 4- Parâmetros do equalizador utilizado na voz de Navio no Espaço.	36
Imagem 5 - Parâmetros do compressor utilizado na voz de Navio no Espaço.	37
Imagem 6 - Parâmetros do reverb Ruby Room no ReaVerb, utilizado nos instrumentos de Navio no Espaço.	38
Imagem 7 - Parâmetros da automação do reverb nas tracks dos instrumentos de Navio no Espaço.	39
Imagem 8 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	40
Imagem 9 - Parâmetros do ReaComp utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	41
Imagem 10 - Parâmetros do reverb Ruby Room no ReaVerb, utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	42
Imagem 11 - Parâmetros do reverb Going Home no ReaVerb, utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	42
Imagem 12 - Parâmetros do reverb Ruby Room em cada track de voz de Navio no Espaço.	43
Imagem 13 - Parâmetros do reverb Going Home em cada track de voz de Navio no Espaço.	43
Imagem 14 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Navio no Espaço.	44
Imagem 15 - Parâmetros do EQ Coffee The PUn utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	44
Imagem 16 - Parâmetros do MCompressor utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.	45
Imagem 17 - Parâmetros do equalizador utilizado na track beat funk 2 de Desenho Entediante.	49
Imagem 18 - Parâmetros do plugin de baixo utilizado em Desenho Entediante.	49
Imagem 19 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nos instrumentos de Desenho Entediante.	51
Imagem 20 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado na track "beat funk 2" de Desenho Entediante.	51
Imagem 21 - Parâmetros do reverb Ruby Room nas tracks de instrumento de Desenho Entediante.	52
Imagem 22 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado na track "beat funk 2" de Desenho Entediante.	52
Imagem 23 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.	53
Imagem 24 - Parâmetros do EQ Coffee ThePUn utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.	53

Imagem 25 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.	54
Imagem 26 Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.	55
Imagem 27 - Parâmetros do reverb Ruby Room em cada track de voz de Desenho Entediante.	55
Imagem 28 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Desenho Entediante.	56
Imagem 29 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall na track "voz duplicada" de Desenho Entediante.	56
Imagem 30 - Foto da primeira versão da letra de Poema Canção.	57
Imagem 31 - Parâmetros do Beat Delay na ponte em Poema Canção.	61
Imagem 32 - Parâmetros do Channel Strip na voz de Poema Canção.	61
Imagem 33 - Parâmetros do MEqualizer utilizado na voz da primeira versão de Poema Canção.	62
Imagem 34 - Parâmetros do MCompressor utilizado na voz da primeira versão de Poema Canção.	62
Imagem 35 - Parâmetros do plugin da track "piano 1" de Poema Canção.	63
Imagem 36 - Parâmetros do MAutopan utilizado na track "piano" de Poema Canção.	64
Imagem 37 - Modificações feitas no chipô fechado do Sitala utilizado em Poema Canção.	65
Imagem 38 - Parâmetros do MAutopan utilizado na track "piano 2" de Poema Canção.	66
Imagem 39 - Parâmetros do reverb Parking Garage utilizado nos instrumentos de Poema Canção.	67
Imagem 40 - Parâmetros do reverb Parking Garage em cada track de Poema Canção.	67
Imagem 41 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Poema Canção.	68
Imagem 42 - Parâmetros do reverb Five Columns utilizado nas tracks de voz de Poema Canção.	69
Imagem 43 - Parâmetros do reverb Five Columns em cada track de voz de Poema Canção.	69
Imagem 44 - Foto da letra de Filhas da Lua escrita no caderno.	76
Imagem 45 - Alterações feitas no plugin do baixo de Filhas da Lua.	78
Imagem 46 - Parâmetros do arpejador utilizado no sample CM Pluck Time do solo de Filhas da Lua.	80
Imagem 47 - Parâmetros do MEqualizer utilizado no bumbo de Filhas da Lua.	81
Imagem 48 - Parâmetros do reverb utilizado nos instrumentos de Filhas da Lua.	82
Imagem 49 - Parâmetros do reverb utilizado no bumbo de Filhas da Lua.	82
Imagem 50 - Parâmetros do reverb dos instrumentos em cada track de Filhas da Lua.	83
Imagem 51 - Parâmetros do reverb do bumbo na track de bumbo de Filhas da Lua.	83

Imagem 52 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.	84
Imagem 53 - Parâmetros do EQ Coffee ThePUn utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.	84
Imagem 54 - Parâmetros do MCompressor utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.	85
Imagem 55 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.	86
Imagem 56 - Parâmetros do MCharmVerb utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.	86
Imagem 57 - Parâmetros do reverb ReaVerb em cada track de voz de Filhas da Lua.	87
Imagem 58 - Parâmetros do reverb MCharmVerb em cada track de voz de Filhas da Lua.	87
Imagem 59 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Filhas da Lua.	88

SUMÁRIO

1. do interior	13
1.1 do crescimento	13
1.2 da universidade	17
1.3 do trabalho	20
2. das condições de produção e acessibilidade	25
3. das canções	30
3.1 dos processos criativos	30
I. de Navio no Espaço	30
II. de Desenho Entediante	46
III. de Poema Canção	56
IV. de Filhas da Lua	70
3.2 da descoberta de uma nova voz	89
Considerações Finais	91
Referências	92
Apêndice	93
Apêndice 1 - Diário de Bordo	93
Apêndice 2 - Auto retratos	107

*Por ser daqui, conheço as ruas e calçadas
Conheço o interior das casas
E o interior de quem vive dentro das casas
E o interior do interior
(5 a seco, Tô Brandileone - Interior)*

1. do interior

1.1 do crescimento

Eu acredito que a música entrou na minha vida primeiramente através da dança quando eu tinha uns 5 anos, mais ou menos, ou pelo menos é quando eu me lembro de começar a ter afeição a melodias e ritmos principalmente. Eu entrei para um grupo de dança da escola, e lembro de sempre perceber uma facilidade rítmica em mim e por isso gostava muito de dançar, era uma criança agitada e aquilo me dava prazer e diversão; eu era boa naquilo. O grupo começou primeiramente com as alunas mais velhas e se formou por causa do interesse delas na dança; depois foi criado um grupo infantil que também era composto somente por meninas, de diversas idades, acredito que entre 5 e 10 anos, ministrado pela Mavi Frantz, uma das alunas mais velhas que fazia parte do grupo juvenil. Dancei por cerca de quatro anos, até que o grupo se dissolveu.

Ainda durante minha infância, participei de uma invernada artística de danças gauchescas que havia se formado com crianças e adolescentes do município de Passo do Sobrado, cidade do interior do Rio Grande do Sul onde me criei e vivo desde bebê. Era ministrada por um casal de dançarinos de Venâncio Aires, e os ensaios eram realizados todo sábado de manhã no Ginásio Rui Barbosa, em Passo do Sobrado. Era um incentivo do município para que a cultura gaúcha se mantivesse entre os jovens e crianças. Considero que a dança teve papel fundamental no meu desenvolvimento artístico, é algo que sempre me interessei e continuo gostando e que percebo que influenciou no meu gosto por ritmo e por minha facilidade nisso.

Meu primeiro contato com um instrumento musical foi em uma oficina do PETI¹. Tive duas aulas de flauta doce, eu era criança e não lembro bem porque não continuei, mas lembro direitinho da folha que o professor nos deu com a posição dos dedos para cada nota no instrumento. Eu tenho a minha flauta até hoje, mas acabei não tocando e nem me aprofundando no instrumento.

Anos depois, na minha adolescência, comecei a frequentar a Igreja Católica com uma senhora que morava nos fundos do salão de beleza da minha mãe e que

¹ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, criado pelo Departamento de Assistência Social do município de Passo do Sobrado. Contava com inúmeras oficinas de ensino que eram oferecidas no turno inverso às aulas, para jovens e crianças de classes de baixo poder aquisitivo.

alugava o espaço para ela. O nome dela é Célia Kroth. A dona Célia foi, durante os anos que minha mãe alugou o espaço dela, uma avó para mim. Nós fazíamos companhia uma para outra. Um dia ela me convidou para ir à igreja com ela e me lembro que não era uma missa. Era uma reza de terço, se não me engano (eu nunca dei muita importância para igreja e os significados dos seus rituais) e lembro que fui porque queria fazer companhia a ela. Eu comecei a frequentar semanalmente a igreja com a Dona Célia, ela cantava no coro e eu ficava por perto, até que um dia uma outra senhora do coro me escutou cantando junto durante a missa e disse que eu era afinada e que, se eu quisesse, podia participar do grupo. Junto do coro, havia uma menina, Vanessa Dorneles, ela tocava violão durante as missas e em outras celebrações da igreja. Vanessa foi a minha primeira professora de violão, ela me dava aulas na igreja antes da reza do terço, me ensinou algumas músicas que eram tocadas durante a missa e também Asa Branca². Eu não cheguei a tocar violão durante as missas, mas cantei algumas vezes no coro. Foi nessa época que eu ganhei meu primeiro instrumento, um violão de nylon da marca Condor.

Após algumas aulas eu percebi que não queria tocar músicas da igreja e que aquilo não me interessava muito. Parei de frequentar a igreja e procurei outro professor. Passei então a ter aulas particulares com Ricardo Etges³. Ele parecia uma boa opção como professor para aquele momento do meu aprendizado musical, para que eu tocasse um repertório que me agradasse mais. Eu tive aulas com ele durante dois anos, ao mesmo tempo que eu participava da banda da escola e do município, bandas essas que vou falar a seguir. Nas aulas comecei a aprender harmonia, a ler cifras e também passei a tocar um repertório diferente que abrangia pop, músicas tradicionalistas gaúchas e sertanejo universitário.

Também durante a minha adolescência, começou um projeto para criar uma banda marcial na minha escola. A ideia veio de uma banda de outra escola do município e havia sido bem recebida pela população, o que levou também à criação da Banda Municipal de Passo do Sobrado logo depois, todas regidas por Edinho Nascimento⁴. A instrumentação e formato, no começo, eram de banda marcial, com instrumentos de sopro (escaleta, trompete e trombone) e percussão (bumbo, surdo e

² Canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

³ Cantor e instrumentista. Integrante da Banda Magia Musical.

⁴ Músico multi-instrumentista e cantor. Também atua com professor de música em Santa Cruz do Sul.

caixa). Desfilávamos no 20 de setembro⁵ e fazíamos outras apresentações em escolas e eventos da cidade. Eu entrei na banda da escola em 2011 ou 2012 por incentivo de uma amiga e comecei tocando escaleta. Lembro de como o interesse pela banda entre os estudantes havia aumentado e não havia instrumentos de sopro para todos (os instrumentos de sopro eram os mais cobiçados). Por isso, tive que passar por uma espécie de seletiva, um teste melódico e rítmico com mais três meninas pra decidir quem iria tocar escaleta, aquela que conseguisse tocar melhor a melodia, que acertasse a maior quantia de notas e o ritmo, dados pelo professor, tocaria escaleta, e as outras iriam tocar instrumentos de percussão. Logo eu já estava super interessada em aprender mais e a tocar mais com a banda, passei a ensaiar também com a banda municipal e lá comecei a estudar saxofone alto e depois, ainda, lira⁶ e teclado.

A banda municipal passou por várias mudanças ao longo dos anos. Tanto essa, quanto as bandas das escolas acabaram tornando-se, de certa forma, uma só, pois tinham o mesmo professor, instrumentação e repertório. Infelizmente, aos poucos, o interesse dos alunos foi diminuindo e com isso a banda também. Deixamos de ser uma banda marcial e passamos a fazer apresentações como banda de palco nos eventos. Nos últimos anos éramos menos de 10 integrantes. Eu continuei com o grupo e com o mesmo professor até me formar no Ensino Médio e, depois, segui ajudando o professor e tocando na banda da escola Marista São Luís, em Santa Cruz do Sul. A banda Marista foi criada com um formato parecido com a de Passo do Sobrado. Inclusive, eu e mais seis alunos de Passo do Sobrado, fomos convidados a participar e ajudar na formação da banda do colégio São Luís e ficamos tocando lá durante três anos.

Essa experiência em bandas foi a mais importante e significativa para mim, foi onde eu criei laços com a música e decidi que era o que eu queria estudar e trabalhar. Tive um grande incentivo do professor Edinho Nascimento durante todos os anos de banda. Também foram muito importantes para mim os ensinamentos e apoio do baterista e professor Astor Rocha, que foi o outro regente da banda do colégio Marista São Luís.

⁵ Data que simboliza a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.

⁶ Instrumento percussivo de metal com alturas de notas definidas, comumente utilizado em bandas marciais.

Imagem 1 - Foto da Banda do colégio Marista São Luis tirada em 2015.



Fonte: acervo pessoal.

No mesmo ano que comecei a tocar lira nas bandas foi quando comecei a ter aulas de piano com a professora Norma Clarice Schutz Araújo, em Santa Cruz do Sul. Eram aulas particulares de piano clássico, com um método considerado erudito. Foi quando eu aprendi a ler partitura e a tocar alguns estudos para iniciantes no piano. Eu estudava em um teclado emprestado pelo professor Edinho Nascimento pois não tinha dinheiro para comprar um piano, na época. Lembro que minha professora falava que eu teria que estudar sete anos de piano para então poder entrar em um curso superior de música. Estudei dois anos com ela e acabei mudando de professor pois queria me preparar para a prova específica para o curso de música popular. Comecei então a estudar com Jairo Padilha⁷.

Com o Jairo eu tive um estudo mais perceptivo e intuitivo, com um repertório de música popular e focando no que era pedido para a prova específica. Ele me ensinou solfejo e teoria utilizando os livros do Bohumil Med e me auxiliou durante os dois anos que prestei vestibular, até que entrei na UFRGS em 2018. Logo que comecei a estudar com ele, meus pais conseguiram comprar meu primeiro piano digital, da marca Casio.

⁷ Instrumentista e professor de música residente na cidade de Santa Cruz do Sul.

1.2 da universidade

Em março de 2018 comecei a cursar Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eu havia chegado onde eu tanto sonhava e desejava! Eu, uma mulher do interior do Rio Grande do Sul, indo para a capital do estado, estudar em uma universidade federal. Sair da minha cidade foi difícil e emocionante ao mesmo tempo. Eu estava acostumada com o que eu conhecia, com saber para onde ir, com poucas pessoas e fluxo de informação lento. Quando cheguei em Porto Alegre foi um choque gostoso, eu sempre gostei de conhecer lugares novos e de conviver com pessoas diferentes. Os sotaques diferentes, os jeitos de andar na rua, os cuidados, o medo, a agitação, tudo parecia incrível para mim. Fiquei bastante emocionada de me ver em um lugar diferente aprendendo um novo jeito de viver.

Dentro da universidade, os elementos mais importantes ou que significaram uma mudança de perspectiva no meu jeito de pensar e entender música, com certeza, foram a convivência com pessoas de lugares diferentes, pensamentos, influências, gostos e referências variados. Entrar em contato com tantas coisas novas me fez entender melhor que bom/belo/bonito é subjetivo e que uma música não é melhor que a outra: só têm elementos diferentes que agradam uma ou outra pessoa. Quando eu cheguei na universidade eu acreditava que a MPB⁸ e o Jazz eram os melhores tipos de música e que era isso que eu devia aprender, não existia outro caminho. Hoje eu continuo achando que essas músicas são boas mas entendi que eu não sou obrigada a tocá-las se eu não quiser. Eu também conheci novos gêneros musicais, encontrei múltiplas referências e passei a olhar de outra forma pra música que eu toco e escuto, também questionando o gênero e a identidade étnico-racial das pessoas por trás das músicas que eu consumo. Passei a perceber que a música é sobre pessoas também, que posso pensar e estudar muito além de acordes, harmonias, melodias etc.

Meu primeiro ano foi bastante agitado, eu queria conhecer tudo e todos, andar pelo campus, saber tudo o que a universidade poderia me oferecer. Tive uma grande ajuda das minhas colegas e veteranas Giulia Nakata⁹ e Victória Cristina¹⁰. Giulia me ajudou desde o começo, antes mesmo de começarem as aulas, a

⁸ Música Popular Brasileira. Gênero musical.

⁹ Pianista e pesquisadora nipo-brasileira de Porto Alegre. Co-fundadora do projeto Brota Lab.

¹⁰ Cantora e instrumentista paulistana. Co-criadora do Podcast Chão de Taco e integrante do projeto Brota Lab.

recepção dos calouros aconteceu já online, com um grupo de WhatsApp, onde calouros e veteranos foram apresentados por ali e eu logo criei uma conexão com ela. Nós conversamos bastante e ela tirou dúvidas sobre material, professores, lugares para comer, como andar pela UFRGS, quais ônibus podia pegar, me apresentou colegas e também me ajudou a me enturmar. Giulia e Victória me convidaram para vários eventos e me mostraram a imensidade de coisas que aconteciam na universidade. Uma delas foi a comemoração do mês da mulher no Instituto de Artes, no ano de 2018. Nela, havia uma programação de uma semana com rodas de conversas entre mulheres ministradas por professoras do Instituto de Artes e, no final, um sarau com apresentações de músicas e poemas compostos somente por mulheres.

Nesse evento, aflorou meu interesse pelo movimento feminista, que eu já conhecia e me identificava mas não havia me aprofundado em leituras ou debates, e as pesquisas sobre música e gênero, assunto apresentado pela professora, doutora e pesquisadora da área, Isabel Nogueira¹¹, algo totalmente novo mas que fizera sentido pra mim. A partir dali, comecei a olhar para os lugares que eu frequentava e notar, tanto quantas mulheres estavam lá e eram citadas, como também, a etnia delas. Nessas rodas de conversas, foi onde eu aprendi a escutar e aprender, ao invés de deduzir, mas também a questionar, ao invés de normalizar os padrões pré-estabelecidos, que são masculinos, heteronormativos e brancos.

Questionar quantas mulheres são citadas e estão presentes nos lugares que frequento tem tudo a ver com o meu trabalho. Eu não só questiono os outros como também a mim mesma. Passei a trazer mais composições de mulheres para o meu repertório no piano, além disso, também passei a aceitar e a me colocar em lugares que, por causa do patriarcado, eu acreditava serem masculinos. Um exemplo disso é me aceitar como compositora, e aqui, neste trabalho, apresento canções minhas, nas quais desempenhei também o papel de arranjadora e produtora musical. Vale lembrar que todos os dias são de luta mental para me validar nesses lugares, não só a validação dos outros como a minha também, pois carrego o pensamento de que esse não é meu lugar e que um homem faria melhor, mesmo eu não gostando ou não me identificando com o trabalho dele, o dele seria mais válido.

¹¹ Compositora, produtora, cantora e instrumentista Pelotense. É pesquisadora e doutora em música, professora de graduação e pós-graduação no Instituto de Artes da UFRGS. Link: <https://isabelnogueira.com.br/>

Esse pensamento não é pessoal, mas sim sistêmico. Ele vem de uma estrutura patriarcal e sexista que faz as mulheres descreditarem de sua capacidade, assim como leva a população em geral, desde muito cedo, a validar mais facilmente trabalhos de homens brancos cisgênero.

A partir de todas essas experiências e esse interesse que surgiu nas pesquisas de música e gênero, no primeiro semestre de 2021 comecei a participar como ouvinte do grupo de pesquisa em estudos de gênero, corpo e música, o Sônicas¹², que é coordenado pela professora doutora Isabel Nogueira no Instituto de Artes da UFRGS. No Sônicas passei a ler mais sobre o tema e pensar junto com outras mulheres sobre tudo isso, criando uma rede de apoio e também estratégias com base em epistemologias feministas que contestam os modos hegemônicos de fazer música, pesquisar, criar e ser.

Durante a graduação, foi quando compus minha primeira canção, ela foi criada em uma aula sobre samba na disciplina de Música Popular do Brasil ministrada pela professora Luciana Prass¹³. Foi um samba feito em grupo, nós chamamos a canção de Samba da Carne¹⁴, e falava sobre o restaurante universitário. Hoje percebo como a composição de canções é presente durante o curso, ou como foi presente para mim. As aulas de prática musical coletiva, principalmente, foram fonte motivadora para que as canções desse trabalho acontecessem, vou explicar mais sobre como essas aulas tiveram influência nas minhas criações nos capítulos reservados para falar sobre elas.

Também aprendi a gravar e editar áudio, primeiramente no BandLab¹⁵ e depois migrando para o Studio One¹⁶. Esse aprendizado se deu por conta do isolamento social devido à pandemia da COVID-19, quando precisei gravar músicas ou parte delas para as aulas de prática musical coletiva. A partir disso, fui explorando as possibilidades no BandLab e, no primeiro semestre de 2020, compus música eletrônica pela primeira vez, usando principalmente a linguagem MIDI¹⁷ com instrumentos virtuais; também gravei sons ambientes e de alguns animais da minha

¹² <https://www.ufrgs.br/sonicas/>

¹³ Violonista, etnomusicóloga, pesquisadora de tradições musicais afro-brasileiras, doutora em música e professora no Instituto de Artes da UFRGS.

¹⁴ <https://youtu.be/TdiCH-QLcy4>

¹⁵ Plataforma musical online da empresa BandLab Technologies que conta com recursos de DAW (Digital Audio Workstation), armazenamento das criações online e também possibilita que os artistas compartilhem seus trabalhos.

¹⁶ DAW desenvolvida pela PreSonus.

¹⁷ Musical Instrument Digital Interface.

casa, usando o conceito de escuta profunda da Pauline Oliveros¹⁸, *sampleei*¹⁹ esses sons que gravei e usei nas músicas, algo bem diferente do que eu fazia nas práticas presenciais, onde eu tocava somente teclado. Me aprofundei cada vez mais nesse aprendizado, e usar instrumentos eletrônicos para fazer música foi algo que me cativou a partir do momento que comecei a mexer e a conhecer as plataformas e a imensidão de timbres e sons que aquilo tudo me oferecia.

1.3 do trabalho

Esse projeto é sobre meus processos de criação, composição e arranjo das minhas músicas, que foram compostas total ou parcialmente por mim. Trata-se de uma pesquisa artística vinculada à análise de processos criativos, ideias trazidas no trabalho de López-Cano e Opazo, onde:

as questões de pesquisa não emergem apenas da prática artística, mas também são resolvidas por meio dela, o ciclo de retroalimentação prática/reflexão desempenha um papel importante nas várias abordagens metodológicas (Polifonia Research Working Group, 2010, p. 55 apud López-Cano e Opazo, 2014, p. 2).²⁰

O trabalho também está ligado às pesquisas de música e gênero (NOGUEIRA; PEDRO; ZERBINATTI, 2018), e às epistemologias feministas (RAGO, 1998), onde o objeto de pesquisa sou eu e meus processos criativos, levando em consideração tudo que sou e o meio onde vivo. Sou mulher cis, branca, heterossexual, de classe média baixa, estudante, feminista, artista, criadora, compositora, pianista, arranjadora, que gosta de trabalhar com tecnologia e criar a partir de instrumentos eletrônicos. Sou do interior do Rio Grande do Sul, moro com meus pais, afastada do grande centro cultural que é a capital do estado, longe dos amigos da faculdade e artistas que costumo trabalhar, em um tempo de pandemia e isolamento social.

¹⁸ Consiste em uma prática de escuta de cunho meditativo que tem como objetivo a expansão da percepção sobre toda a vastidão, amplitude e complexidade dos sons que compõem o espaço/tempo sonoro que nos cerca (OLIVEROS, 2005: xxiii apud: URIARTE; MANNIS, 2017, p.13).

¹⁹ *Sample* significa amostra de som, pode ser um trecho retirado de uma música, som de instrumentos ou até gravações do dia-a-dia.

²⁰ “no sólo las preguntas de investigación emergen de la práctica artística, sino que también se resuelven a través de ésta, el bucle de retroalimentación práctica/reflexión juega un importante rol en las diversas aproximaciones metodológicas”.

Busco aqui aceitar tudo que sou e consigo perceber neste momento, quão importante minhas subjetividades são nas minhas criações e como elas podem ou não aparecer nas músicas. Para isso, levo em consideração tudo isso que me atravessa, o que me torna o que sou, influenciando diretamente nas tomadas de decisão e nas minhas músicas, vem a ideia de interior. O interior de mim e o interior onde vivo, e também o interior das músicas.

O primeiro, é aquele que decide, que pensa, que absorve as coisas ao redor, é o que me torna única. O interior de mim são todas as minhas subjetividades guardadas em um só lugar. São meus sentimentos, minhas dúvidas, medos, alegrias, prazeres, a ansiedade e o pânico de começar e o alívio e a emoção de criar. Para falar dos meus processos de criação, entendo que esses interiores são partes essenciais para a criação desse texto e músicas, meus sentimentos, gostos e também o meu estado psicológico influenciam em cada decisão que tomo ao longo das criações e, por isso, acredito que seja essencial citá-los.

O segundo *interior* é o meu lar, é o lugar geográfico de onde sou. Passo do Sobrado, a cidade do interior do Rio Grande do Sul onde eu cresci e me criei, é parte importante da formação do interior de mim, portanto, também tem influência nos meus gostos e decisões. Estar aqui também influencia na forma como minhas músicas estão sendo criadas, gravadas, editadas, em casa e sem acesso a um estúdio, levando em conta também a questão financeira, por não ter condições de pagar estúdio, artistas e/ou produtores. Gosto da forma que estou fazendo e não tenho certeza se faria diferente em outras condições, mas com certeza está sendo feito assim por serem essas as ferramentas que tenho acesso. Acho importante citar os gostos musicais com os quais tenho vínculo afetivo por conta desse lugar: o sertanejo universitário, o funk, o pop e outros tipos de música de massa, que são incansavelmente tocadas nas rádios, festas, propagandas, etc. Esse é o tipo de música que está ao meu redor, que cresci ouvindo e que, por mais que não apareçam diretamente nas minhas músicas, são parte de mim.

Os dois anteriores me levam ao terceiro e último *interior*, o foco principal deste trabalho: o interior das minhas músicas. Este tema será abordado nos capítulos seguintes, onde descreverei as músicas individualmente. Nessa descrição, irei especificar cada parte da música, de onde ela veio, como foi criada, quando foi criada, quais as referências e como eu me senti durante o percurso. O processo de descrição e relato sobre a criação foi desenvolvido através de um diário de bordo

escrito de forma online, no Google Docs, e de anotações no meu caderno de aula, trazendo referências de cadeiras que cursei nesse ou em outros semestres. Além disso, transcrevi algumas anotações que realizei na minha mandala lunar²¹ e utilizei algumas gravações de áudio onde registrei processos como forma de recordação.

Trago os relatos desse diário de bordo junto a este texto como forma de expor mais ainda os meus processos, suas contradições e as mudanças de perspectiva que passei. Acredito que seja interessante perceber essas transformações, as mudanças de ideias. Pode-se notar que os relatos não estão totalmente finalizados, que passei alguns dias sem escrever. Isso aconteceu pois esse diário não foi feito de forma obrigatória mas sim intuitiva, seguindo minha vontade de escrever ou de anotar o que era importante para mim naquele momento. Também acho importante perceber que nem tudo que está escrito ainda faz sentido para mim, mas mesmo assim faz parte do processo.

Também utilizo auto retratos no intuito de olhar para mim mesma durante esse ano de aprendizado e pesquisa. A partir de todos estes relatos, percebo a forma cíclica como se desenvolveram os processos, revelando que tenho alguns dias produtivos e outros nem tanto.

Também trago esses retratos junto a esse texto como outra forma de expressar meu processo. Tentei ser o mais natural possível, mostrar ao máximo o que eu realmente era naquele momento. Para mim, em alguns retratos fica bastante claro o contraste entre os dias bons e ruins e me parece muito importante ter essa recordação, por mais que para outras pessoas esse contraste não seja tão perceptível. Eles foram tirados aleatoriamente, quando eu me lembrava, principalmente quando algum sentimento se mostrava evidente e fazia sentido para mim registrá-lo.

Acredito que especificar o processo de criação e composição dentro da academia, falar sobre as dificuldades e os caminhos que levaram até ela, mostra uma visão mais humana para os que vierem depois de mim, desmistificando a ideia de “gênios” que parecem máquinas de compor, que produzem muito e parecem não ter problema nenhum com isso. Além disso, vejo em mim a curiosidade sobre os

²¹ É uma agenda e um livro de autoconhecimento que trabalha com a ideia de ciclos (lunares, menstruais, terrestres, etc). A mandala lunar contém textos sobre esses ciclos e convida para olhar para si todos os dias com base nos nossos próprios ciclos. Ela utiliza um diagrama lunar para pintarmos de acordo com temas que achamos importante serem estudados e monitorados por nós mesmas, durante todo o ano, além de ter um espaço para escrita, como em um diário.

processos de outras pessoas e em saber sobre as diferentes formas de criar, como diz Velardi:

As pessoas artistas sabem da riqueza dos processos, do quanto envolvem de ordenação seguida de caos, seguida de ordenação... e de caos. De fluxo, fluência, estancamentos, paradas. Renúncias, descartes e incorporações. De como são alterados no percurso e do quanto, muitas vezes, estes são mais interessantes do que os resultados a da forma final. Cuidar dos percursos, valorizar os processos e narrá-los detalhadamente, erros e acertos: essa é talvez a mais importante premissa daquelas pessoas pesquisadoras que apostam no fato de que as formas de investigação dentro e fora das Artes podem ser inspiradas por artistas em seus processos, e não só por epistemologias consagradas ou teoria a priori. Isso especialmente se a proposta for investigar experiências vivas, postas no mundo em movimento. E elaborarmos uma narrativa que seja coerente com isso tudo - e a trazermos para a Academia - parece mais do que uma tarefa, uma urgência. Para as Artes, mas também para a Ciência e a Tecnologia (VELARDI, p. 51 e 52, 2018).

Este trabalho é um EP composto por quatro músicas: *Navio no Espaço*, *Desenho Entediante*, *Poema Canção* e *Filhas da Lua*. A ideia sonora inicial para as músicas é usar o piano como base harmônica, baixo sintetizado fazendo uma linha melódica mais grave e *beats* criados a partir de instrumentos eletrônicos, como forma de ritmar os arranjos. Todos esses elementos serão gravados no formato MIDI usando meu piano digital como controlador MIDI.

Minhas referências sonoras têm muita relação com os meus gostos musicais, eles vêm da música pop e também de sons e efeitos “estranhos”, vindos de *samples*, ou gravados e modificados. A junção desses elementos me agrada muito, algo que Lux e Tróia²² expressam muito bem nas canções da Duda Beat²³, então, eles têm influência sonora nesse trabalho. Para mim, é muito importante que as minhas referências não sejam apenas homens, mas também mulheres e pessoas não-binárias para que sejam lembradas, exaltadas e citadas. Percebo que é muito mais fácil continuar a escutar produções feitas por homens pois eles estão em todos os lugares e suas criações são lançadas e valorizadas com muita facilidade. Quebrar este ciclo me parece necessário e, a partir da percepção de que são dois homens que produzem as músicas da Duda Beat, procurei novas referências de produção. Me identifiquei muito com o trabalho da Viridiana²⁴, principalmente nas

²² Lux Ferreira e Tomás Tróia. Produtores musicais.

²³ Cantora e compositora recifense.

²⁴ Artista porto-alegrense performada por Bê Smith. Link do Spotify: https://open.spotify.com/artist/4VngUHDob5tc60HThCPnUy?si=8sb_Qi4hTmybfp3tZumbUQ

canções lançadas nesse ano, e no álbum “O Que Range”, da Rita Zart²⁵, produzido por ela. Passo então a me inspirar nessas duas artistas para a produção das minhas músicas. Além delas, me inspiro nas letras e melodias das canções de artistas como Beyoncé, Rita Lee e da própria Duda Beat. Gosto de elementos rítmicos dançantes e sincopados e linhas de baixo marcantes e, embora essas artistas não apareçam explicitamente nas minhas canções, com certeza eles servem como estímulo para criar algo que seja do meu jeito, algo que eu goste. Os elementos rítmicos utilizados pelos artistas que usarei como referência também são muito importantes para mim durante a criação dos arranjos, é algo que costumo priorizar bastante e que me chama mais atenção nas músicas que escuto. Acredito que isso vem primeiramente das experiências que eu tive com a dança e que teorizei mais tarde, durante os estudos de música. Durante a graduação, as aulas de percepção musical com a professora Ana Fridman²⁶, com certeza, me trouxeram de volta para essa internalização rítmica e essa afetividade, através das atividades de percussão corporal que fazíamos em aula e as danças descontraídas que surgiam nas mesmas. Quando falo disso, não quero dizer que minhas músicas terão algo ritmicamente inovador ou diferente, mas sim que ritmo é uma parte importante para mim.

Outra questão a ser considerada é o formato deste texto, apesar de seguir alguns padrões de formatação acadêmicos, escolhi escrevê-lo em primeira pessoa com uma linguagem mais coloquial, pois, como já disse bell hooks (2017, p. 99) “o fato de eu não usar os formatos acadêmicos convencionais, são decisões políticas motivadas pelo desejo de incluir, de alcançar tantos leitores quanto possível no maior número possível de situações”. Além disso, essa é a forma com que me sinto confortável para escrever e relatar meus processos.

²⁵ Link do álbum no Spotify:

<https://open.spotify.com/album/4T3sOKsMRYfyZfVvzBOR8G?si=wCXRKOpLSGKqkYW6ehcRgQ>

²⁶ Pianista, compositora e arranjadora paulista, doutora em música atuando como professora da Escola de Comunicações e Artes da USP.

2. das condições de produção e acessibilidade

Quando comecei a pensar sobre o que eu faria no meu TCC, já durante a pandemia, tinha medo de escolher criar e produzir músicas. Isso aconteceu pois eu estava no interior do Rio Grande do Sul, longe dos meus amigos músicos, do estúdio disponibilizado pela UFRGS e dos técnicos que eu conhecia e que poderiam me ajudar com produção musical.

Por mais que eu visse nas redes sociais que era possível produzir em casa, pois vários colegas estavam fazendo isso, eu imaginava que seria necessário investir muito dinheiro para que isso acontecesse, para que eu tivesse um bom resultado nas produções, dinheiro esse que eu não tinha.

No início do meu sétimo semestre na universidade, após produzir algumas músicas para as aulas de prática musical coletiva e perceber que eu já tinha como começar, resolvi que essa seria a minha escolha. Eu tinha muito medo do resultado que conseguiria, me sentia incapaz de fazer algo que achasse realmente bom, ainda mais com as poucas coisas que tinha - computador, fone, piano digital e acesso a uma DAW - pois, na minha imaginação, seria necessário adquirir muitos equipamentos para produção musical. Por conta disso, minhas expectativas eram muito baixas.

Percebo como os equipamentos que eu já tinha foram importantes. Por mais que hoje em dia seja possível produzir com o celular, o notebook facilitou muito o processo. Além disso, outra coisa a qual tive acesso foi um fone de ouvido de qualidade.

Sei que nem todas as pessoas que lerem esse texto terão acesso a equipamentos similares ou capacidade financeira para adquiri-los. Mesmo assim, ressalto como foi de extrema importância para mim todas as coisas as quais tive acesso de forma gratuita. A quantidade dessas coisas também me impressiona e me faz sentir grata. Por isso, acho importante que esse capítulo seja sobre isso. Sobre o que eu tive acesso e sobre quem me proporcionou isso.

Segundo o conceito de acessibilidade citado no site da Universidade Federal do Ceará:

No senso comum, acessibilidade parece evidenciar os aspectos referentes ao uso dos espaços físicos. Entretanto, numa acepção mais ampla, a acessibilidade é condição de possibilidade para a transposição dos

entraves que representam as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social. (Portal da UFC²⁷)

Levando isso em conta, quando digo acessível, me refiro à possibilidade de acesso à ferramentas para produção musical que são disponibilizadas gratuitamente, permitindo que mais pessoas tenham a oportunidade de produzir suas próprias músicas. Um exemplo podem ser pessoas de classes de baixo poder aquisitivo.

Voltando um pouco no tempo, uma das primeiras coisas que preciso lembrar é que estudei a vida toda em uma escola pública da rede estadual. Muitos jovens de escolas como a minha acabam não tendo acesso a educação musical ou qualquer educação que saia do leque de prioridades da educação brasileira hoje em dia. Digo isso recordando relatos de amigos de outras escolas. Não devo só a minha escola esse acesso, mas, principalmente, a administração da minha cidade e as empresas que incentivaram esse ensino na cidade.

Meu primeiro contato com música, como eu já relatei, foi em um projeto social. Depois foi na banda da escola e banda municipal. Tudo isso gratuitamente, construído com dinheiro público para as pessoas da cidade e que me levaram a fazer um curso superior em Música em uma universidade pública federal.

Passando a falar sobre a minha educação na universidade e o que possibilitou que eu conseguisse produzir minhas músicas, uma das primeiras e mais importantes coisas foi a rede de apoio e informação que tive acesso na universidade. Essa rede é composta por professores, sendo Isabel Nogueira a principal delas, e colegas do curso de música. Ela foi formada durante os anos que cursei a graduação

Percebo que essa rede se fortaleceu principalmente durante a pandemia, pois a busca por programas de gravação e formas de produzir música aumentou muito entre os músicos. Nós precisamos buscar meios de nos comunicar e fazer música juntos mesmo estando longe. Com isso, durante as aulas, nos grupos de whatsapp e em bate-papos informais, cada pessoa tinha uma informação nova para dar sobre isso, novos programas, *plugins*, recomendação de vídeos para aprender a usar cada coisa etc.

O grupo Sônicas também foi importante nessa parte. Esse sempre foi um lugar de troca e incentivo entre as participantes, onde cada uma trazia suas experiências e ferramentas para compartilhar com as outras.

²⁷ <https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade>

A partir dessa rede, fui tentando usar os programas, aprendendo aos poucos. Motivada por isso e visando ajudar outras pessoas a terem acesso gratuito a coisas necessárias para produzir, vou falar brevemente sobre cada uma delas e também fazer uma lista desses elementos para que possam ser acessados facilmente.

Primeiramente, os programas que utilizei: BandLab, StudioOne e Reaper.

O BandLab foi uma indicação da Simone Rasslan, ela tem um piano digital igual ao meu e por isso perguntei para ela como fazia para gravar com ele. Ela me indicou o programa, que é online, e aos poucos fui descobrindo que, além de gravar meu instrumento, podia fazer *beats* e tantas outras coisas. Ali foi onde tive meu primeiro contato com produção, fiz meus primeiros *beats* e testei *samples* de instrumentos diferentes. A maior dificuldade que encontrei com ele foi que só podia fazer edições online.

O segundo programa que tive acesso foi o Studio One. Ele foi muito bom para as minhas produções, tem um visual acessível com as ferramentas de edição bem visíveis. Acredito que isso o torna um bom programa para quem está começando, ele tem bancos de *samples* bons, e considero bem intuitivo. Além disso, ele tem a possibilidade de deixá-lo todo em português. Dessa vez, quem me indicou o programa foi a Jalile Petzold²⁸, ela também me deu várias dicas e me mostrou como usar o programa.

A parte que eu não gostei do Studio One é que eu não descobri como utilizar *plugins* de banco de *sample* nele, só consegui utilizar os *samples* nativos do programa.

A última DAW é o Reaper. Este programa não é gratuito, mas ele tem uma versão de avaliação ilimitada destinada ao uso não-comercial. No começo eu não achei o programa muito intuitivo e também achei estranho que não tivesse *samples* de instrumentos nativos do programa²⁹. Isso acontece pois a intenção do Reaper é que cada produtor monte sua biblioteca de instrumentos de acordo com o seu gosto e sua necessidade. Pode ser um pouco complexo para quem está começando, mas aos poucos eu percebi como isso pode ser importante para o processo criativo de cada produtor.

²⁸ Compositora, multi-instrumentista, cantora, produtora e arranjadora mineira radicada em Porto Alegre. Também é pesquisadora e atua como bolsista no grupo de pesquisa Sônicas, na UFRGS.

²⁹ Só são disponibilizados pelo programa dois instrumentos virtuais.

Adicionar *plugins* ao meu próprio gosto é uma das coisas que mais me cativam no Reaper no momento, há uma liberdade maior por mais que a busca pelo que queremos às vezes possa ser um pouco mais complicada. Por fim, um dos maiores obstáculos, talvez, seja que a versão principal do programa - disponível para download no site oficial - está totalmente em inglês³⁰ e isso pode afastar algumas pessoas. Particularmente, não me parece, nesse momento, que a utilização das ferramentas seja algo muito intuitivo nesse programa e o fato de sua versão principal estar em outra língua pode dificultar ainda mais.

Entretanto, por ser uma DAW completa e acessível financeiramente, existem vários conteúdos na internet ensinando como utilizar o programa e dando dicas importantes de produção musical. Canais do Youtube foram o meu principal meio de busca por informação, citando dois dele que me ajudaram com isso trago o *Grave Você Mesmo*³¹ e o *Reaper Brasil*³².

Levando prós e contras em consideração, o Reaper é o meu programa favorito e foi o principal programa utilizado para produzir as músicas desse trabalho.

Nas minhas produções, além dos programas, todos os *plugins* e VSTs³³ que utilizei também são gratuitos. Alguns são nativos do Reaper, outros eu baixei para utilizar nas aulas de Composição Auxiliada Por Computador, com o professor Luciano Zanatta³⁴, ou para o *workshop* com a ariadyne ferranddis³⁵ - falarei mais sobre isso no capítulo sobre *Navio no Espaço* - e também tem aqueles que procurei e baixei por terem timbres que eu gosto e posso utilizar durante as produções.

A seguir, trago uma lista dos *plugins* que eu tenho instalados e uso no Reaper com o link para baixar cada um deles:

AAS Player da Applied Acoustics Systems:
<https://www.applied-acoustics.com/aas-player/>

³⁰ Acredito que possa existir uma versão em português já que se trata de um programa de software aberto.

³¹ <https://www.youtube.com/c/GraveVoc%C3%AAMesmo>

³² <https://www.youtube.com/c/ReaperBrasil>

³³ Virtual Studio Technology (Tecnologia de Estúdio Virtual) é um sistema de comunicação virtual desenvolvido pela empresa Steinberg. O sistema utiliza um sinal para simular o hardware (produto) tradicional de um estúdio de gravação com um software(programa). Ele integra em sua interface: efeitos de áudio, sintetizadores, editores e dispositivos de gravação. Fonte: <https://www.aprendateclado.com/o-que-e-vst/>

³⁴ Instrumentista, arranjador, compositor e produtor gaúcho. Também é pesquisador, doutor em música e professor do Instituto de Artes da UFRGS.

³⁵ Baixista e produtora gaúcha. Também atua como pesquisadora e é integrante do grupo de pesquisa Sônicas, na UFRGS. O nome está em letras minúsculas por escolha da artista.

Coffee - "The PUn" da Aquarius Acustica:
<https://www.acustica-audio.com/pages/specials/the-pun>

Helm de Matt Tyrel: <https://tytel.org/helm/>

LABS da Spitfire Audio: <https://labs.spitfireaudio.com/>

Pack de efeitos gratuitos da Melda Production:
<https://www.meldaproduction.com/effects/free>

Sitala - Free Drum Sampler Plugin da Decomposer:
<https://decomposer.de/sitala/>

TDR VOZ SlicEQ da Tokio Dawn Records:
<https://www.tokyodawn.net/tdr-vos-slickeq/>

Vital: <https://vital.audio/>

Vocal King da JHudStudio: <https://www.jhudstudio.com/audio-plugins>

Usar somente *plugins* gratuitos foi uma escolha um tanto forçada pois eu não tinha dinheiro para comprá-los. Entretanto, há uma imensidão de desenvolvedores que disponibilizam seus bancos de *samples* gratuitamente e até empresas têm algumas opções gratuitas para baixar, com menos ferramentas ou em versões mais básicas (feitas com equipamentos de gravação ou gráficos mais simples).

Por fim, lembro que não somente nas produções artísticas como também na produção do texto, da pesquisa acadêmica e aprofundamento nos conceitos usados tanto quanto no pensar sobre o fazer, foram importantes as produções feitas antes da minha, os relatos de experiência de outros artistas assim como os trabalhos acadêmicos teóricos que foram disponibilizados para leitura, em revistas, anais etc e que puderam ser utilizados como referência para as minhas criações.

3. das canções

Neste capítulo, procuro detalhar os processos de criação das canções *Navio no Espaço*, *Desenho Entediante*, *Poema Canção* e *Filhas da Lua*, desde sua composição até o final do processo de produção musical de cada faixa.

Relato meu jeito de fazer música, como um dos inúmeros jeitos de fazer, na intenção de inspirar e ajudar pessoas que buscam aprender mais sobre isso. Destaco as ferramentas usadas como programas e *plugins*, assim como minhas referências sonoras e bibliográficas, e também as pessoas que participaram de todo o processo.

3.1 dos processos criativos

I. de Navio no Espaço

Das canções apresentadas neste trabalho, esta foi a primeira a ser concebida. Durante uma aula de Prática Musical Coletiva II, no ano de 2018, a professora da cadeira, Luciana Prass, trouxe alguns poemas de Ana Cristina Cesar³⁶ e Rupi Kaur³⁷ e nos deu a tarefa de musicá-los, podendo adicionar, retirar ou modificar a letra ou juntar partes dos mesmos, estávamos livres para criar a partir deles. A turma, composta por Antonella Pons³⁸, Antônio Chaves³⁹, Felipe Vianna⁴⁰, Gustavo Pavão⁴¹, Letícia Francisco⁴², Lígia Lazevi⁴³, Pedro Collares⁴⁴ e eu, foi dividida em dois grupos e dali surgiram duas ideias de letras e melodias diferentes.

³⁶ Poeta, crítica literária, professora e tradutora brasileira.

³⁷ Poeta e escritora indiana-canadense.

³⁸ Compositora, instrumentista, cantora e pesquisadora, integrante do grupo de pesquisa Sônicas na UFRGS.

³⁹ Cantor, compositor e produtor musical gaúcho.

⁴⁰ Baterista e programador gaúcho.

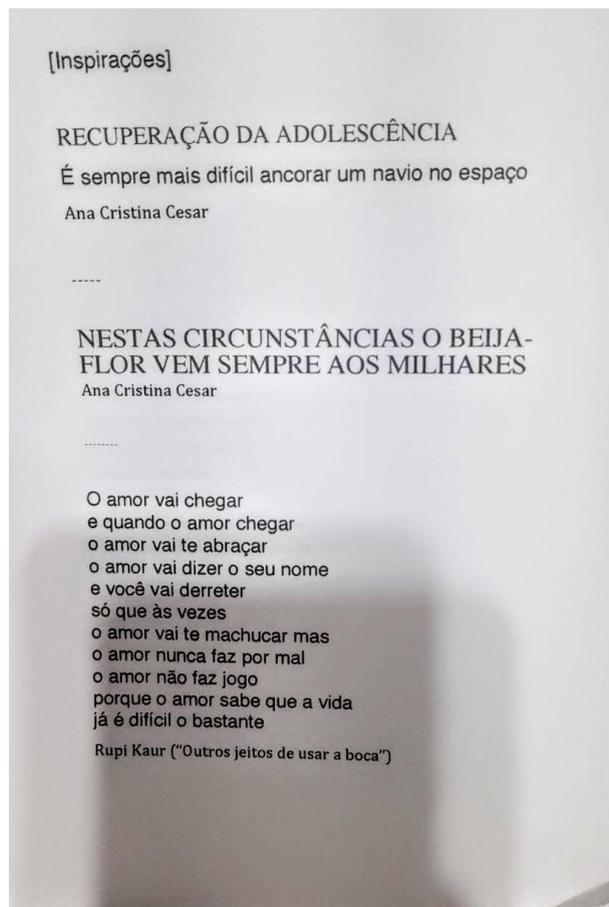
⁴¹ Cantor, instrumentista, compositor, produtor musical e arranjador gaúcho.

⁴² Cantora e compositora gaúcha.

⁴³ Cantora, compositora, instrumentista, produtora musical, artista visual e pesquisadora paulista radicada em Porto Alegre.

⁴⁴ Instrumentista, compositor e arranjador gaúcho.

Imagem 2 - Foto dos poemas que foram utilizados na música.



Fonte: Felipe Vianna.

Ao longo das aulas, as ideias foram se mesclando e então tínhamos o que hoje é a primeira estrofe e o refrão. A partir disso, fomos criando ideias de arranjo, achamos necessário que mais uma estrofe fosse criada, pois consideramos que o texto estava curto. Assim, Antonella Pons criou a segunda estrofe. A instrumentação da banda continha três vozes, piano, teclado, bateria, guitarra elétrica ligada a pedais de efeitos e violão. Essa formação aconteceu aleatoriamente devido às inscrições na disciplina, o que é normal nas turmas de prática musical coletiva, e, por causa disso, tivemos várias questões de arranjo para resolver. A principal dúvida aconteceu com as vozes. Antonella, Leticia e Lígia, as cantoras naquele momento, têm tessituras de voz diferentes de forma que, ao trocar o tom da música ficava muito agudo para umas, ou muito grave para a outra. Decidimos então que Lígia começaria cantando uma estrofe e Antonella cantaria a outra; no refrão foi feito um arranjo para vozes de forma que a linha melódica de cada uma ficasse confortável. Além disso, para que ficasse justo para todas, foi criada a terceira parte da música,

uma nova letra, melodia e harmonia que chamávamos de ponte. Nesse momento, fizemos com que a música fosse para uma região mais aguda, confortável para a Letícia.

A letra da música então ficou assim:

*Em qualquer cais, em qualquer lugar
Um navio sem velas no espaço
Navegando nas ondas do ar
Mistérios da primavera*

*Se esconde acima do temporal
Conduz amarras suaves sem laço
Quando esquecer a tristeza vai
Amanhecer primavera*

*O amor vai chegar
Vai dizer o seu nome
O amor vai te abraçar
Derreter circunstâncias*

*Quando for preciso amar
Ser beija-flor e em uma flor ancorar
Amar então somente esta
Como se fosse a última*

Essa canção acabou se tornando muito especial para mim, criei um vínculo afetivo com ela, a melodia, principalmente no refrão, que tem uma melodia repetitiva e de fácil memorização, me faz querer cantar ela o dia todo. Eu tenho bastante orgulho de ter ajudado a compor esta canção e ainda mais de poder agora fazer um arranjo meu.

Falando em arranjo, infelizmente a gravação daquele arranjo que foi feito durante a disciplina de prática foi perdida. Recuperei alguns registros de áudios gravados durante a aula, mas o arranjo final, apresentado em banca, não. Com esses registros, me recordei da letra, melodias e harmonia da canção e a partir disso criei um novo arranjo.

De todas as músicas, essa foi a que eu escolhi começar a gravar primeiro. Eu já sabia que seria difícil me desapegar do arranjo anterior e, por ter grande apego sentimental ou por ter sido feita com pessoas que admiro muito musicalmente, ela me deixa insegura, com medo de fazer algo errado que estrague a música, ou melhor, que estrague o meu sentimento por ela.

Comecei tocando a harmonia no piano e cantando junto, gravei então duas pistas⁴⁵ de piano no Studio One, cada uma com um ritmo diferente: a primeira, com acordes “cheios”, com as notas todas tocadas juntas, preenchendo todo o compasso na forma de semibreves; e a outra, com os acordes sendo colocados de uma forma mais rítmica, dando movimento às notas e à música. Feito isso, eu comecei a pensar na forma que a música teria, olhei para cada parte dela, estrofes, refrão, ponte e comecei a estruturá-la na minha cabeça, também passei a pensar em um *beat* que me agradasse, que não descaracterizasse muito o que eu gostava na música, mas que ao mesmo tempo a deixasse diferente. Procurei inspiração no álbum “Te Amo Lá Fora”, da Duda Beat, e resolvi procurar também nos *loops* de bateria e percussão que a plataforma do Studio One me oferecia. Acabei escolhendo o *loop* chamado “Clap Beat - 115bpm.music loop” que, ao ser colocado junto da minha música, ficou mais lento, em 60bpm, que foi o andamento que eu escolhi para a música. Depois, passei a gravar as linhas de baixo, usando sons de sintetizador e de baixo.

Diário de bordo dia 13/10/2021

[...] hoje eu comecei a fazer o baixo. Ele começa bem grave e flutuante, com bastante reverb. Me faz pensar num navio no espaço mesmo. No refrão vou deixar ele mais seco um pouco.

Comecei a segunda linha de baixo pensando primeiramente no ritmo que ela teria pois eu queria que encaixasse com o ritmo do piano, fui batendo palmas e balançando o corpo enquanto cantava a letra e escutava o piano, percebendo qual ritmo ficava melhor, logo a melodia já veio junto e eu fui testar no piano. Essa linha de baixo foi a última parte da música que fiz no Studio One. Percebi, ao longo do processo, que os timbres que a plataforma me oferecia já não eram suficientes para a sonoridade que eu queria para essa música e eu não consegui usar dentro do Studio One⁴⁶ os *plugins* que havia baixado. Eu também já estava pensando sobre a automação de *pan* nas *tracks*, algo que aprendi a fazer durante o *workshop* sobre mixagem utilizando o Reaper⁴⁷, ministrado pela ariadyne ferranddis, no dia 15 de outubro de 2021, no grupo Sônicas e, como eu havia aprendido a fazer no Reaper,

⁴⁵ Pistas é a forma como é chamada a separação das gravações dos instrumentos no Studio One, elas também podem ser chamadas de tracks.

⁴⁶ Eu não tenho certeza se é possível usar outros plugins no Studio One, o que quis dizer é que eu não consegui.

⁴⁷ DAW desenvolvida pela Cockos Incorporated.

estava com dificuldade de utilizar o que havia aprendido em uma plataforma diferente. Então resolvi migrar de vez para o Reaper e continuar a música lá.

Comecei testando os *plugins* que eu já tinha, para encontrar sons parecidos com os que eu estava usando no Studio One. Eu baixei quase todas as *tracks* do Studio One em formato MIDI e coloquei no Reaper e, por isso, nenhuma tinha som. Fiz dessa forma pois pensei que se precisasse alterar alguma parte da gravação (notas, intensidade, altura) seria mais fácil de fazer se elas estivessem naquele formato. A única *track* que baixei em formato WAVE foi a do Clap Beat pois eu gostei dos timbres que tinham ali e seria mais difícil de encaixar em outro VST, pois eu teria que mudar a posição de notas MIDI de acordo com os sons que eu queria e naquele momento eu preferi deixar como estava. O *beat* aparece sempre durante o refrão.

No baixo 1, que aparece no começo da música, utilizei um som de baixo chamado Black hole da MSoundFactoryPlayer⁴⁸, um VST criado pela MeldaProduction⁴⁹. Ele tem uma sonoridade bem grave e dá a sensação de movimento, como se pudéssemos ver as ondas sonoras se movimentando ao escutá-lo. Para que essa característica ficasse ainda mais evidente, eu coloquei o Voices em 8 vozes para que o som ficasse mais cheio e, assim, desse mais movimento. No baixo 2, que começa no refrão e continua até o final da música, utilizei um som da Helm⁵⁰ chamado CM Subsine. Ele não tem *reverb* e soa mais seco, me lembra um pouco o toque de baixo elétrico mas com som sintetizado. Eu o escolhi pois o som fica mais percussivo e, na minha percepção, deixa a melodia limpa, sem um som se sobrepondo ao outro.

Para os pianos eu segui a mesma linha de pensamentos dos baixos, deixando um som mais reverberado e flutuante no início e mais percussivo no refrão e na ponte. O Piano 1 tem um som da Helm chamado SF Piano Tremolo 1, e a *track* Piano 2, o FM EP no modo Classic da MSoundFactoryPlayer. Eu queria um som mais parecido com o de piano mas que não fosse igual, então, das opções que eu tinha de VSTs, esse foi o que eu mais gostei. Para completar a sonoridade do refrão eu ainda queria um som com bastante *reverb* e que ficasse soando enquanto o baixo, piano e *beat* ficassem mais ritmados, por isso, adicionei o que eu chamo de “*eww*”, um som mais metalizado que fica soando durante o refrão tocando a tônica

⁴⁸ <https://www.meldaproduction.com/MSoundFactoryPlayer>

⁴⁹ Empresa que desenvolve plugins para serem utilizados nas DAWs.

⁵⁰ VST gratuito desenvolvido por Matt Tytel. Link: <https://tytel.org/helm/>

de cada acorde. O *plugin* utilizado foi o Fleet da Vital⁵¹, ele tem bastante *reverb* e então eu o diminuí um pouco para que, no final, não ficasse soando por muito tempo, eu queria que ele soasse não muito mais que o compasso em que ele estava.

Imagem 3 - Parâmetros do reverb no *plugin* Fleet utilizado na track *eww* de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Na ponte, entre os dois refrãos, eu decidi deixar os instrumentos mais estáticos, sem muito movimento, para priorizar a voz e dar uma sensação de calma, deixei somente o piano e o baixo fazendo a harmonia e adicionei um som de prato no primeiro e no quinto compassos dessa parte, um elemento percussivo que para mim dava a sensação de alçar vôo junto com a melodia. O *sample* do prato é do *plugin* Percussion da LABS⁵². Nessa parte eu também adicionei uma gravação de alguns cantos de pássaros que gravei ao redor da minha casa no interior de Passo do Sobrado, durante uma atividade de escuta profunda para uma aula de Prática Musical Coletiva, em 2020, ministrada pela professora Isabel Nogueira. Escolhi usar esses cantos de pássaros porque achei que tinham a ver com o que eu queria para aquela parte da música e também porque eles estão o tempo todo cantando na janela do meu quarto enquanto produzo minhas músicas. Eu os escuto enquanto faço minhas músicas e gosto de tê-los cantando junto, então, me pareceu adequado colocá-los na produção. A única alteração que fiz no áudio dos pássaros foi cortar os ruídos graves e alguns agudos, para isso utilizei o software Audacity⁵³.

Por último, gravei a voz utilizando o microfone de um fone de ouvido da marca Asus, um fone simples que veio junto com o celular do meu pai, conectado ao meu celular captando o som através do gravador do mesmo. Neste momento do trabalho penso em futuramente regravar essas vozes com um microfone com melhor

⁵¹ VST gratuito desenvolvido por Matt Tytel. Link: <https://vital.audio/>

⁵² VST gratuito desenvolvido pela Spitfire Audio. Link: <https://labs.spitfireaudio.com/#type=&search=&new=true>

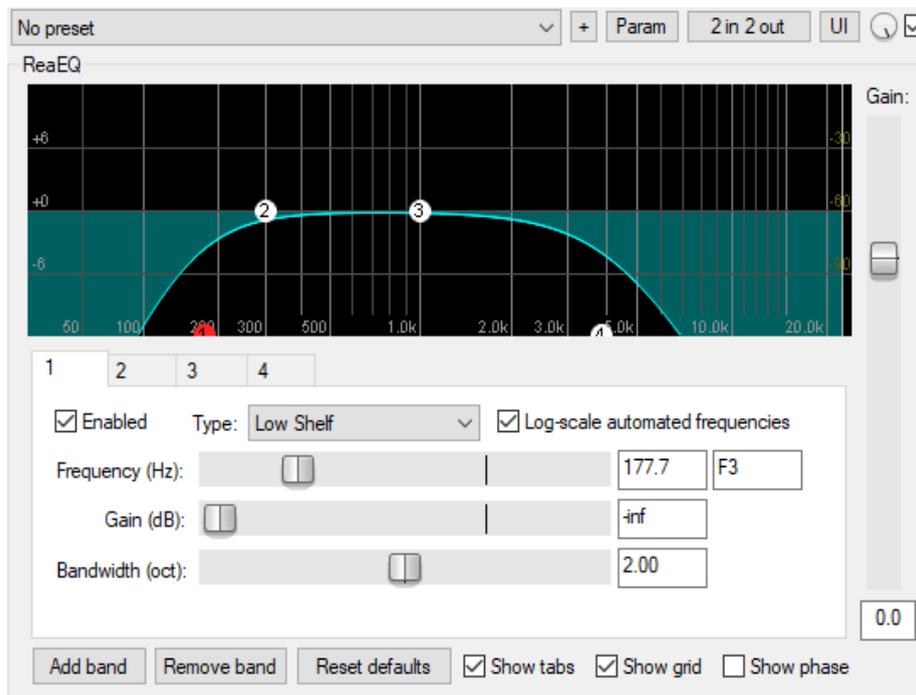
⁵³ Software livre utilizado para edição de áudio licenciado pela GNU General Public License. Fonte: Wikipédia.

captação de áudio e uma interface de som, mas, por ainda não ter acesso a esse equipamento, resolvi gravar com o que eu tinha. Tive duas tentativas de edição das vozes, na primeira eu utilizei o Audacity e o Reaper mas não cheguei em um resultado que me agradasse.

Diário de bordo dia 09/11/2021

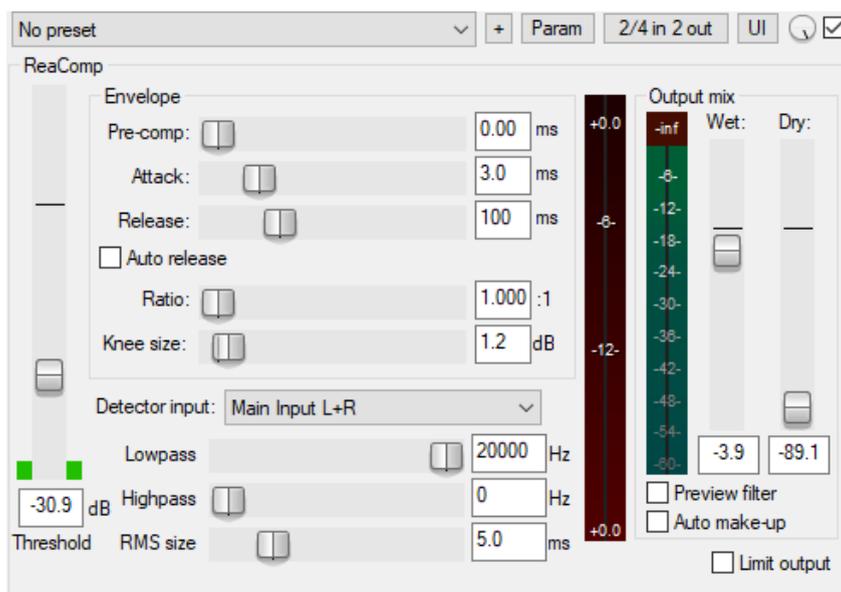
Gravei a voz de Navio no Espaço de novo. Percebi que a redução de ruído que eu estava fazendo no Audacity estava diminuindo muito o volume do áudio e deixando ele muito fechado, tirando o brilho da voz e também a clareza do que eu estava dizendo. Pode ser que eu não estivesse fazendo de um jeito certo mas, de qualquer maneira, resolvi tentar editar somente no Reaper. Consegui gravar uma track bonita hoje de tarde, acertei melhor os agudos. Equalizei o áudio no Reaper, consegui tirar bastante dos ruídos assim, também coloquei um condensador. Achei que ficou bem mais bonita que a anterior e bem mais clara. Por mais que dê para perceber que a qualidade da gravação de voz não é tão boa, eu tô satisfeita por enquanto.

Imagem 4- Parâmetros do equalizador utilizado na voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 5 - Parâmetros do compressor utilizado na voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Além disso, eu também utilizei o *plugin* ReaTune, que é nativo do Reaper, para editar o começo do refrão e o final do último refrão, pois as notas não estavam afinadas como eu queria, achei que nessas partes os agudos estavam mais destacados então seria bom arrumar para que a nota desejada saísse corretamente.

Essa foi a primeira versão da produção de Navio no Espaço que apresentei para a banca avaliadora do projeto deste trabalho no semestre 2021/01. Essa versão pode ser escutada através do link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/navio-no-espaco-versao-1/s-hSNBkigzgY7?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

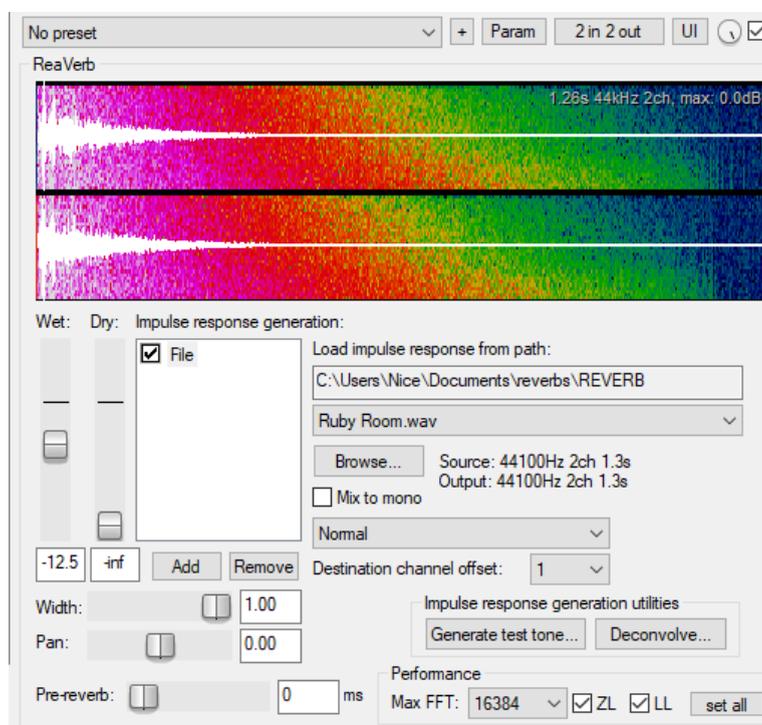
No semestre seguinte, após produzir Desenho Entediante e Filhas da Lua, adquiri mais experiência e queria voltar para o projeto antigo dessa canção e adicionar a ele as novas informações que eu tinha, principalmente sobre edição da voz.

Na produção dos instrumentos, meu primeiro pensamento foi colocar mais movimento rítmico nos teclados, mas, ao escutar algumas vezes eu percebi que gostava daquela certa monotonia no começo, então deixei como estava. Assim, a única coisa que modifiquei foi o timbre da *track piano 2*. Utilizei um *sample* chamado Eletric Piano no BandLab e salvei o áudio em formato wav para colocar no projeto do Reaper. Fiz isso pois eu não tinha um *plugin* com essa sonoridade no Reaper e não estava encontrando nenhum gratuito para baixar.

O *sample* utilizado na *track baixo 1* também foi modificado. Isso aconteceu pois o *plugin* que eu havia utilizado só era gratuito por um tempo determinado. Passei a usar então o *sample 136 - Godsend* da AAS Player⁵⁴. Dentre as opções que eu tinha esse foi o que mais me agradou, não é muito parecido com o anterior mas ficou bom também.

Além disso, trabalhei melhor a automação dos volumes e pan em cada instrumento e adicionei um reverb chamado Ruby Room no *plugin* ReaVerb - explicarei melhor sobre esse reverb mais adiante.

Imagem 6 - Parâmetros do reverb Ruby Room no ReaVerb, utilizado nos instrumentos de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

As *tracks* com reverb e a automação dele em cada uma ficaram assim:

⁵⁴ Plugin gratuito de banco da *samples* da Applied Acoustics Systems.

Imagem 7 - Parâmetros da automação do reverb nas tracks dos instrumentos de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Na produção da voz é onde percebo mais diferença de uma versão para a outra. Gravei a voz novamente com a ajuda da cantora - e minha amiga - Madalena Rasslan⁵⁵ - falarei desse processo mais adiante no subcapítulo 3.2. Para editá-la, assim, como nas outras músicas, me baseei em um vídeo⁵⁶ do canal do YouTube chamado Reaper Brasil. Esse vídeo me ajudou a entender melhor a mixagem de voz e a perceber o que eu queria em cada música, as dicas foram muito valiosas para o meu processo de produção. Junto disso, também lembrei das dicas do *workshop* de mixagem da ariadyne ferranddis, de outros vídeos que assisti no Youtube e também de dicas de outras mulheres produtoras com as quais convivo e que falam sobre produção comigo, seja no dia-a-dia ou em *workshops*, como Isabel Nogueira, Jalile Petzold, Viridiana e Anna Perin⁵⁷.

⁵⁵ Cantora e educadora musical porto-alegrense.

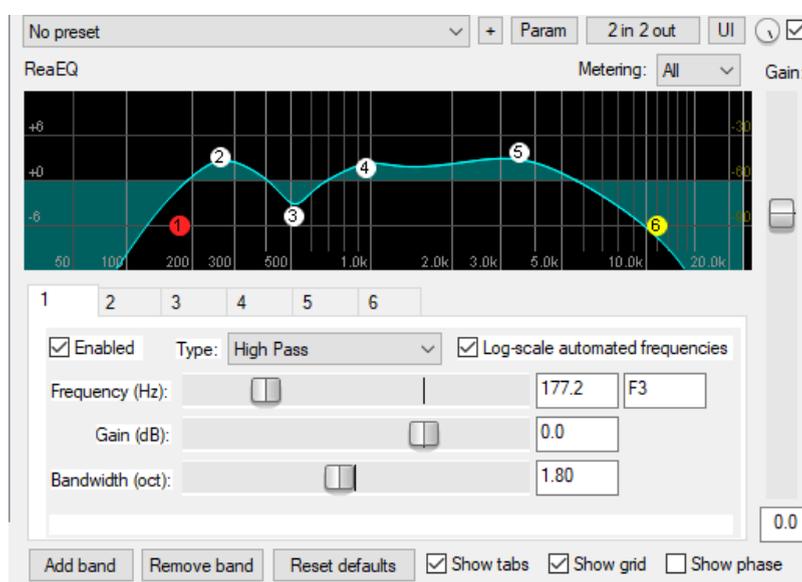
⁵⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=AV2yMXiOJo4>

⁵⁷ Cantora, compositora, produtora musical e arranjadora porto-alegrense.

Antes de seguir os passos do vídeo citado acima, eu ainda editei as gravações que fiz cortando os melhores pedaços de cada uma para formar uma *track* que ficasse da melhor forma possível. Logo após, eu passei para o processo de edição ensinado pelo Reaper Brasil.

Primeiramente tirei o que havia de ruídos, cortando alguns graves e agudos, utilizando o *plugin* ReaFir, depois utilizei o ReaTune para afinar individualmente algumas partes da gravação em que minha voz não estava totalmente afinada. Depois disso, passei para a etapa da mixagem, começando pelo equalizador, onde utilizei o *plugin* ReaEQ.

Imagem 8 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.

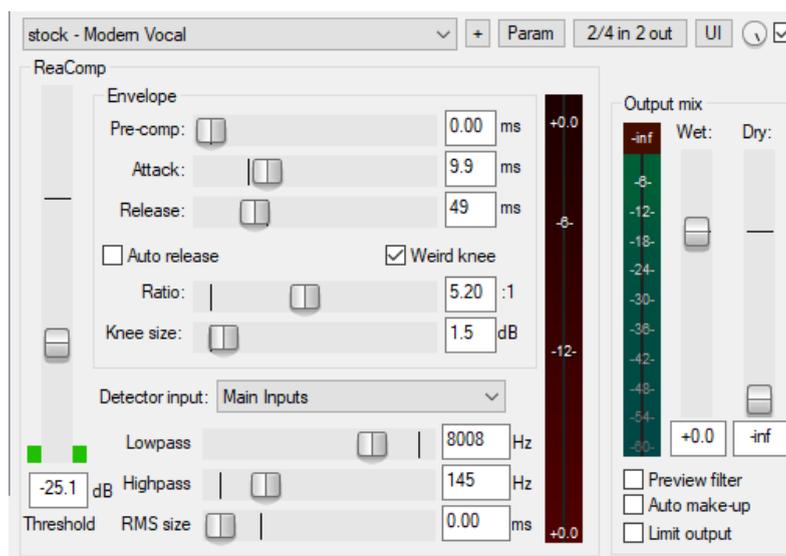


Fonte: acervo pessoal.

Prestei atenção nas frequências que queria priorizar e quais queria tirar. Esse processo de equalização me parece uma questão de gosto, de qual sonoridade se quer alcançar. Além disso, ter referências das sonoridades que queremos e praticar a escuta tanto das nossas músicas quanto de outras são partes importantes para esse aprendizado.

O próximo *plugin* que eu utilizei foi o ReaComp, um compressor nativo do Reaper.

Imagem 9 - Parâmetros do ReaComp utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.



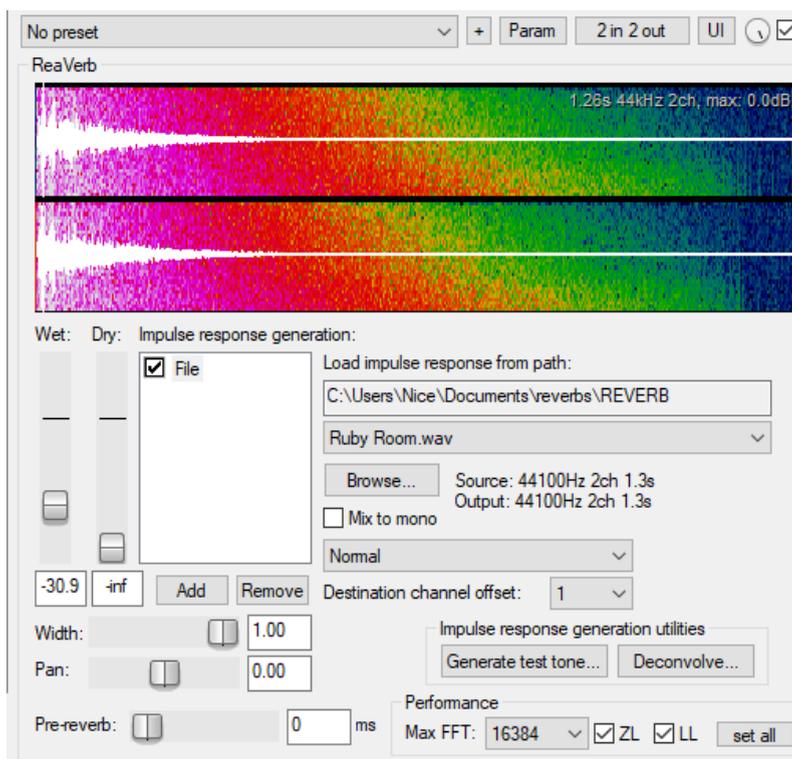
Fonte: acervo pessoal.

Desde a produção, o nome da música - Navio no Espaço - influenciou muito na escolha de sonoridades pois eu queria que ela navegasse e flutuasse nos ouvidos que quem a escutasse. Para isso, a utilização do reverb se fez muito importante, para criar um espaço para música flutuar e preencher. Na edição da voz, eu utilizei dois reverbs diferentes para chegar nessa sonoridade. Os dois foram arquivos adicionados ao *plugin* ReaVerb e retirados da pasta de reverbs disponibilizados na descrição do vídeo do Reaper Brasil para download gratuito.

O primeiro é o Ruby Room, que tem uma sala não tão grande mas que dá uma sonoridade que eu gostei muito de utilizar na *track* que chamo de “voz” - vou explicar isso em seguida no texto. O segundo, é o Going Home, que tem uma sala bem maior, fazendo com que eu conseguisse a sonoridade que queria. Eu pensei em utilizar somente o going home, já que eu queria uma sala grande, mas, testando eles de formas diferentes na música, fez mais sentido ter os dois juntos.

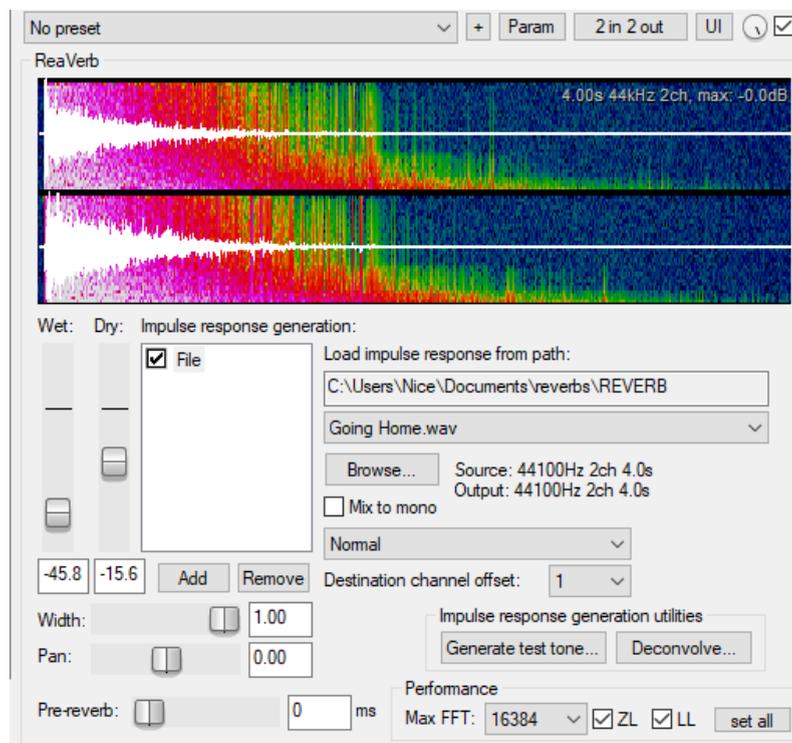
Os parâmetros do reverbs ficaram da seguinte forma:

Imagem 10 - Parâmetros do reverb Ruby Room no ReaVerb, utilizado nas tarcks de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 11 - Parâmetros do reverb Going Home no ReaVerb, utilizado nas tarcks de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Além do reverb, outro efeito que utilizei foi o delay. No *plugin* JS: Delay, editei pra que ele tivesse 500ms, e gostei do efeito alcançado na canção. Os reverbs e delay em cada *track* ficaram assim:

Imagem 12 - Parâmetros do reverb Ruby Room em cada *track* de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 13 - Parâmetros do reverb Going Home em cada *track* de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 14 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Depois de fazer passar por todos os itens que me interessaram e foram abordados no vídeo do Reaper Brasil, eu mandei minha música para a cantora, produtora e compositora Anna Perin, que também é egressa do curso de Música Popular da UFRGS. O trabalho dela tem uma grande influência no meu trabalho, por isso, pedi a opinião dela e também algumas dicas para melhorar a mixagem da voz. Ela me indicou um equalizador chamado Coffee “ThePUn”. Adicionei também mais um compressor chamado MCompressor, da MeldaProduction e nele, coloquei com *preset* chamado *Sing 1*. Com esses *plugins* eu procurei dar mais ganho e brilho para a voz, algo que fazia falta e eu não tinha conseguido com os outros *plugins*. Os parâmetros ficaram da seguinte forma:

Imagem 15 - Parâmetros do EQ Coffee The PUn utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 16 - Parâmetros do MCompressor utilizado nas tracks de voz de Navio no Espaço.



Fonte: acervo pessoal.

Esses *plugins* todos que citei foram utilizados nas 3 *tracks* de voz que essa música tem. Fiz três *tracks* diferentes para editar separadamente elementos importantes para a sonoridade. A primeira *track* é a voz principal, que está com o volume mais alto e que aparece em destaque. A segunda é uma cópia da primeira mas com a adição de um *plugin* chamado ReaPitch, onde eu coloquei a voz uma oitava abaixo⁵⁸. A terceira e última *track* eu chamo de voz *delay* pois ela foi criada somente para destacar esse efeito em algumas partes da música, sendo a principal delas, o refrão.

Outra coisa importante na minha produção, foi uma dica dada pela ariadyne ferranddis no *workshop* dela. Ela falou para que criássemos uma *track* somente para colocar os efeitos e depois utilizássemos o *route*⁵⁹ para rotear os instrumentos para essa *track*. Ela explica que, normalmente, por serem muito pesados e deixarem o computador mais lento, colocar o reverb em uma só *track* é melhor do que colocar o efeito separadamente em cada instrumento e/ou voz. Faço uso dessa dica em todas as outras produções.

⁵⁸ Essa foi uma dica de produção dada pela minha orientadora Isabel Nogueira.

⁵⁹ Route, no Reaper, é uma função para enviar/receber o som de uma *track* para outra. É como um cabo que liga um instrumento a um pedal de efeito, por exemplo.

No fim, fiquei feliz com o resultado da música. Minha falta de confiança inicial se transformou em orgulho da minha evolução como produtora e também me deu mais confiança.

O arranjo final feito para este trabalho pode ser escutado no link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/navio-no-espaco/s-yRmR3l8UumK?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

II. de Desenho Entediante

Desenho Entediante foi escrita como atividade de composição para uma aula de Prática Musical Coletiva, mas dessa vez a cadeira era em formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE), e a professora da disciplina era Isabel Nogueira. Na prática V em 2020, acabei formando um trio com Antonella Pons e Stefania Johnson Colombo⁶⁰, e resolvemos escrever uma canção.

Eu tinha uma ideia para letra, de algo que me angustiava muito na época e que foi motivo de muitas conversas com a Antonella Pons, minha amiga desde o começo da faculdade. Eu queria falar sobre a minha dificuldade em me apaixonar, me apegar amorosamente a alguém, era algo que me deixava confusa e que há algum tempo eu já queria transformar em canção. Eu tinha a ideia mas não sabia colocá-la em uma letra para ser cantada, ou pelo menos não conseguia fazer de uma forma que eu gostasse, já a Antonella é uma letrista e escritora muito criativa e competente e se baseou em alguns relatos escritos por mim para escrever a letra:

*Pelos olhos que me tocam flamejantes
Pelas mãos que me contornam um sinal
Eu preciso esclarecer a confusão
Será que é só normal andar em par?*

*Teus ruídos era o que eu queria tanto
Teus desenhos espalhados no lençol
Mas o desejo se desenha angustiante
Será que é só normal ou entediante?*

*E me frustra não saber o que se passa em mim
Não me toca, deixa o vento me tocar
No vazio que eu achava ser tão grande
O teu corpo se arrasta e só faz aumentar*

⁶⁰ Flautista, educadora musical e pesquisadora gaúcha.

Junto da letra, ela criou a melodia, com o auxílio da Stefania, e nos mandou para darmos nossa opinião. Eu lembro da sensação incrível de compreensão que senti ao escutar a Antonella cantando, de finalmente ter uma música que fosse para cantar a plenos pulmões o que eu sentia. A partir do que ela tinha me mandado, com a ajuda da minha colega do curso e amiga Jalile Petzold, a harmonia da música foi criada.

Começamos então a trabalhar em um arranjo para apresentar na disciplina, ainda estávamos nos acostumando com gravações em casa e a trabalhar com áudio nas DAWs⁶¹. Primeiro eu gravei o piano no BandLab, eu lembro de pensar em levadas diferente para caracterizar as partes da música, criar mais subdivisões rítmicas no refrão e deixar mais estável no início, deixei o som de piano digital mesmo, na época eu não sabia muito bem como mudar, e mandei pra Stefania. A ideia dela era colocar um instrumento de percussão, ao escutar a música ela nos mostrou o Udu, instrumento em forma de vaso feito de cerâmica, perguntando o que achávamos do timbre, se combinava com a música, adoramos a ideia e ela gravou e me mandou. Por último foi gravada a voz. Eu juntei a gravação do piano e da moringa e mandei para Antonella, ela gravou e depois coloquei a voz junto do restante, tudo. No final ainda adicionei uma caixa de uma bateria virtual do BandLab, mesma DAW em que editei todos os áudios.

Essa versão da música pode ser escutada no link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/desenho-entediante-v1/s-SvoDVpq8BvX?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

Para o TCC, decidi revisitar esta produção. Comecei então a nova produção escutando a primeira versão da música. Como eu normalmente começo pelo piano e eu já tinha isso gravado no BandLab, só coloquei o midi antigo no Reaper e passei a editá-lo utilizando um *plugin* de piano do LABS.

A melodia do começo sempre foi a minha parte preferida do arranjo então eu a mantive e repeti várias vezes ao longo da música e considero que este é o tema principal. Fui criando um arranjo com o piano e escolhendo quais partes queria usar. Ao decidir utilizar o riff do começo durante toda a estrofe eu fiz uma segunda *track* de piano para adicionar o acorde parado ao riff, fiz isso pra preencher mais a música

⁶¹ Digital Audio Workstations, ou estações de trabalho de áudio digital, são plataformas utilizadas para gravação, produção, edição, mixagem e masterização de áudio.

e diferenciar um pouco a introdução das estrofes. Os riffs de piano se dividiram entre essas duas *tracks* e por isso a automação de volume e pan foi muito importante, fiz uma conglomerado pianístico mas no fim valeu a pena.

No decorrer da produção, acabei utilizando um *sample* do BandLab chamado Grand Piano nas gravações. Recorri ao BandLab novamente pelo mesmo motivo em Navio no Espaço: não achei um *plugin* gratuito com a sonoridade que eu queria para utilizar no Reaper. Aquele do LABS que eu estava usando não me agradava totalmente pois queria o som de piano acústico.

Além da gravação do piano, outra coisa que reutilizei da primeira versão da música foi o *sample* de uma batida do Udu, gravada pela Stefania. Eu gostei muito daquela sonoridade, ainda mais na introdução, que foi onde eu utilizei o *sample*.

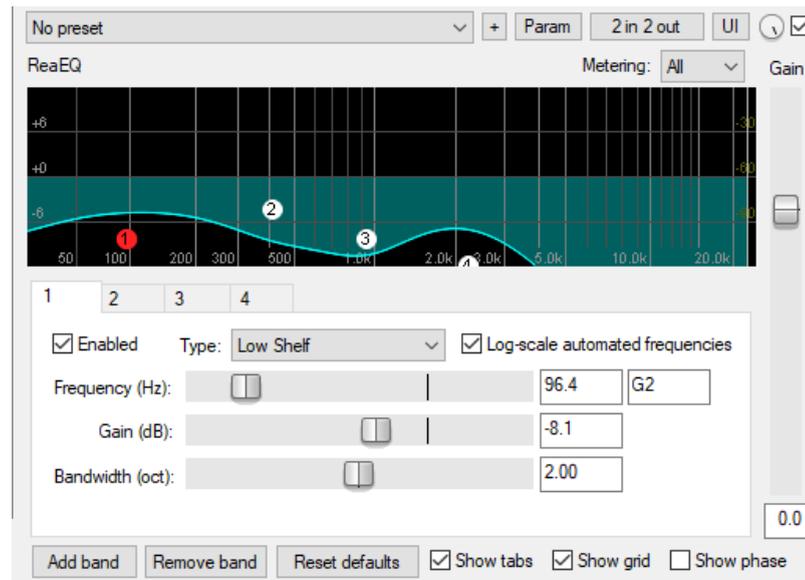
Essa música foi produzida durante as férias, nos meses de Novembro e Dezembro de 2021, entre os dois semestres que tive para fazer esse trabalho. Por isso, acabei demorando mais, pois queria descansar para aproveitar o tempo livre. Isso, na verdade, me gerou muitas frustrações pois eu me cobrava para produzir ao mesmo tempo que estava exausta do semestre anterior.

Na busca por inspiração e motivação, escutava as músicas que coloquei como referência desse trabalho. Em uma dessas escutas me empolguei muito com “O Que Range” da Rita Zart. O *beat* com bumbo e clap que tem na música dela me inspirou pra fazer *beat* de Desenho Entediante. Chamei essa parte de *beat clap* e utilizei *samples* do Sitala. Além disso, pensei que uma batida de funk ficaria ótima na segunda estrofe. Essa é uma das células rítmicas que mais gosto, e acredito que o funk, além de me agradar sonoramente, é uma escolha política e identitária.

O funk carioca, até hoje, é marginalizado, por mais que seja algo tão brasileiro. Eu entendo que para mim, como uma mulher branca do sul do Brasil, utilizar o ritmo do funk tenha um significado e peso diferentes mas, ainda assim, acho válido e importante que ele seja valorizado em diferentes produções musicais.

Para essa batida de funk, que chamei de *beat funk*, utilizei *samples* da pasta Percussion do LABS. Fiz duas *tracks* dele, uma mais seca e cheia, soando os instrumentos de forma mais “natural”, e outra com bastante reverb e mais abafada, como escutar o som de um show em estádio mas bem longe dele. Para conseguir a sonoridade desta segunda *track* utilizei um equalizador:

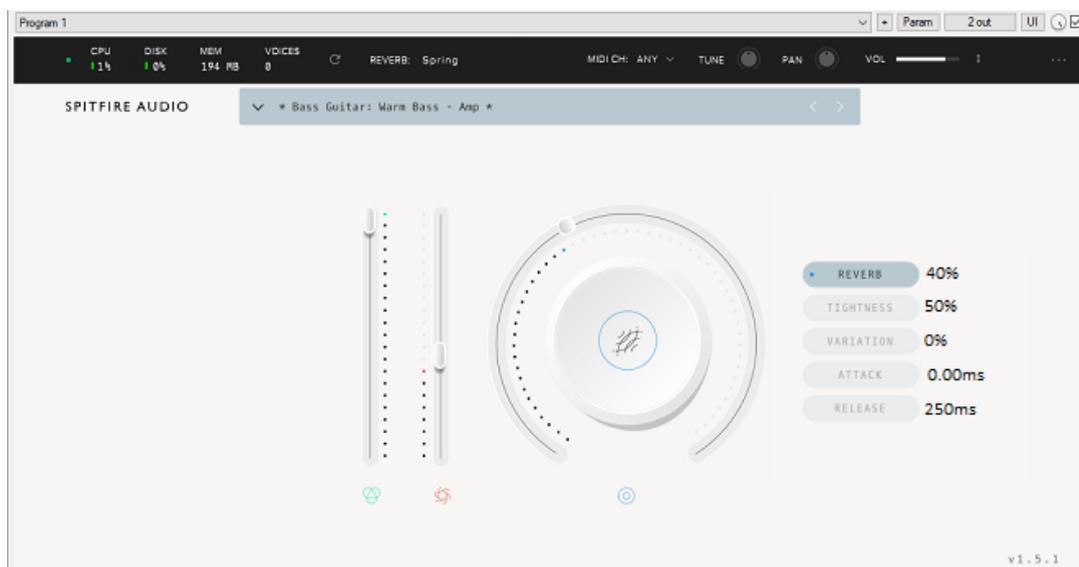
Imagem 17 - Parâmetros do equalizador utilizado na track beat funk 2 de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Com tanta informação rítmica no piano, quando fui gravar o baixo resolvi deixar mais estático ritmicamente. Escolhi um *plugin* com som de baixo elétrico do LABS chamado Bass Guitar: Warm Bass - Amp. Uma parte especial dessa gravação é a parada que tem no meio da música em que fica só o baixo e logo após volta para introdução. Eu sempre quis fazer esse tipo de dinâmica nas minhas produções mas no começo tinha bastante dificuldade. Me orgulho bastante desse arranjo e dessas pequenas conquistas que vão acontecendo ao longo dos processos.

Imagem 18 - Parâmetros do plugin de baixo utilizado em Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Com os elementos principais da produção prontos (piano, *beat* e baixo), dei por finalizada uma primeira versão e mandei para a Antonella escutar e dar a opinião dela. Escolhi mandar para ela pois foi ela quem compôs a letra e achei que seria a pessoa ideal para me ajudar. Por fim, ela me mandou algumas críticas para o arranjo e eu fiquei bastante feliz - ela falou sobre deixar o baixo mais *legato*⁶² e talvez variar o ritmo do riff do refrão. Naquele momento eu já não sabia mais o que fazer, para onde ir, e percebi que havia desenvolvido um vício de escuta.

Além dos elementos indicados pela Antonella, busquei preencher o arranjo com sintetizadores⁶³, sons mais eletrônicos, vamos dizer assim. O primeiro aparece junto com a batida de funk e eu chamo ele de *uiu*, é o *sample* número 14 - Cluster da AAS Player. Já o segundo, aparece no refrão e eu chamo de *tiu tiu*, esse também é da AAS mas é o número 1 - Fat 48.

Ao longo dessa produção, percebi que essa música é sobre o timbre de piano e também sobre os riffs⁶⁴ do mesmo, ou seja, esses são os elementos principais do arranjo. Por isso, priorizei essa sonoridade na hora de mixar a música. Fiz uma outra versão com outros sintetizadores para testar o que eu gostava até chegar a essa conclusão: ela realmente é sobre piano.

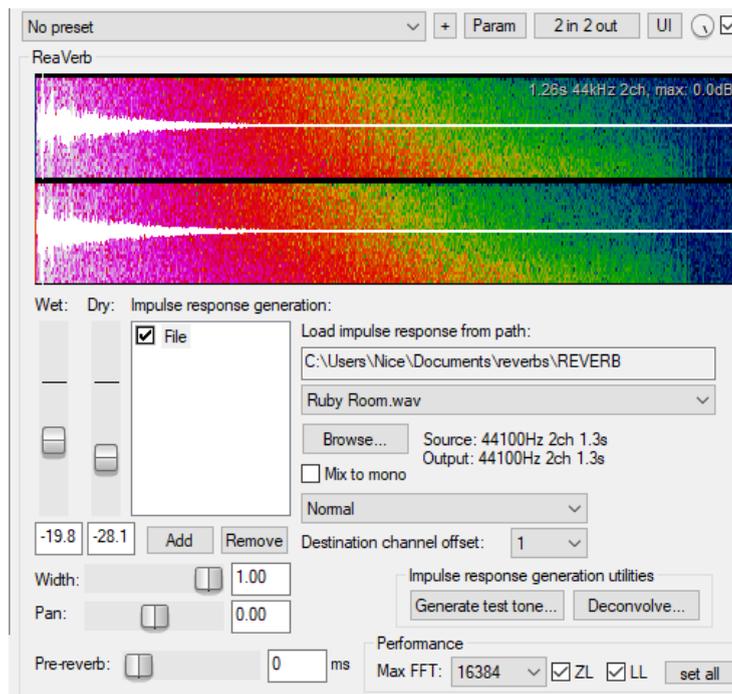
Para finalizar a mixagem dos instrumentos, adicionei duas *tracks* de reverbs. Utilizei o ReaVerb com arquivos da pasta disponibilizada na descrição do vídeo do Reaper Brasil - citado no capítulo sobre Navio no Espaço. Um é o Ruby Room e o outro é o Large Bottle Hall. O segundo efeito citado foi utilizado somente na track *beat funk*.

⁶² Consistem em deixar as notas mais ligadas umas às outras.

⁶³ Todos os sons que eu utilizo são sintetizados mas, sons eletrônicos ou que não são de instrumentos convencionais, eu costumo chamar de “sintetizados” enquanto que os outros eu chamo pelo nome do instrumento.

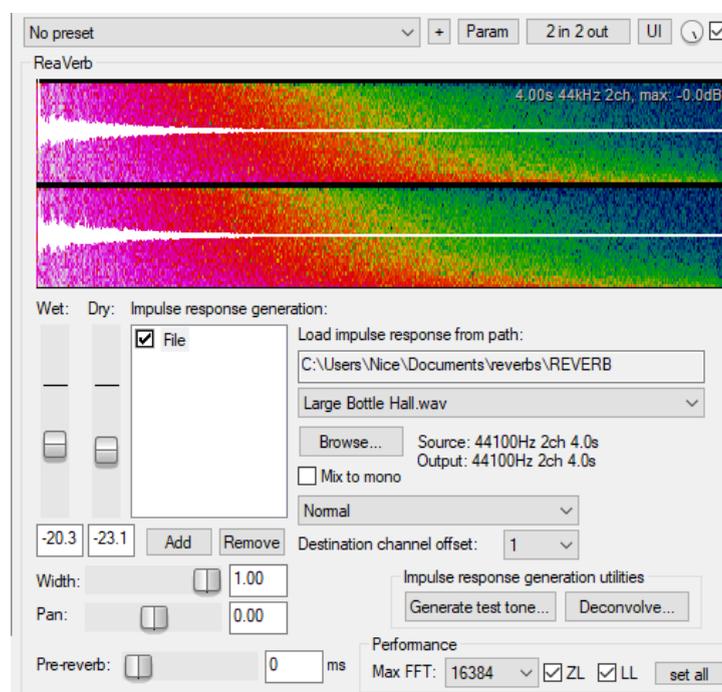
⁶⁴ Célula rítmica e melódica e/ou harmônica que se repete várias vezes.

Imagem 19 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nos instrumentos de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 20 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado na track "beat funk 2" de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Os parâmetros dos reverbs em cada *tracks* ficaram assim:

Imagem 21 - Parâmetros do reverb Ruby Room nas tracks de instrumento de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 22 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado na track "beat funk 2" de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Na edição da voz eu segui o mesmo processo de Navio no Espaço - assim como nas outras músicas. Para a escrita não ficar repetitiva, vou apenas pontuar o que foi feito de diferente em cada processo, já que acabei utilizando os mesmos *plugins* com o mesmo pensamento - seguindo as dicas do vídeo do Reaper Brasil e do workshop da ariadyne ferrandis.

Primeiramente, nessa mixagem resolvi não utilizar o ReaFir. Para equalizar as vozes, utilizei o ReaEQ, cortei as frequências extremamente graves e agudas -

onde havia um pouco de ruído ambiente - e mexi um pouco nas outras frequências de maneira que elas soassem em harmonia com as frequências dos instrumentos:

Imagem 23 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Também utilizei o Coffee ThePUn na intenção de aumentar o ganho e o brilho das vozes, principalmente nas frequências agudas mas também aumentei um pouco as médias e graves, os parâmetros ficaram assim:

Imagem 24 - Parâmetros do EQ Coffee ThePUn utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.



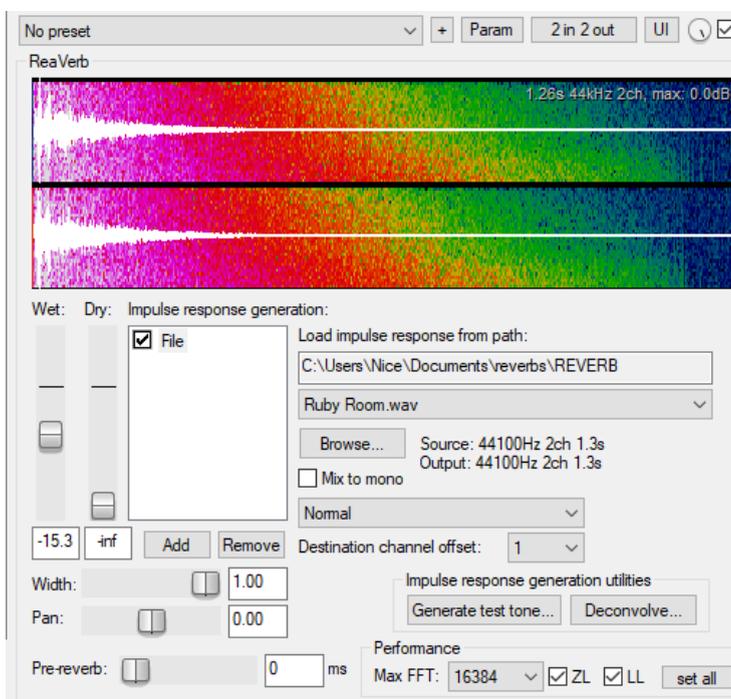
Fonte: acervo pessoal.

Adicionei os compressores ReaComp e o MCompressor para equilibrar o ganho e o volume das *tracks*, fazendo com que a dinâmica desses parâmetros ficasse mais estável. Acabei usando dois compressores diferentes pois os efeitos causados por eles juntos me agradou mais do que só um ou outro. Por mais que a intenção desses *plugins* seja a mesma, os efeitos parâmetros gerados podem se divergir.

Essa edição também tem três *tracks* de voz diferentes. As duas primeiras têm exatamente os mesmos *plugins* e parâmetros, a única diferença é no reverb, a voz *duplicada* tem um reverb maior e o volume dela está um pouco mais baixo. Já na terceira, a voz está uma oitava abaixo - utilizei o ReaPitch para isso - e também está com o volume bem baixo.

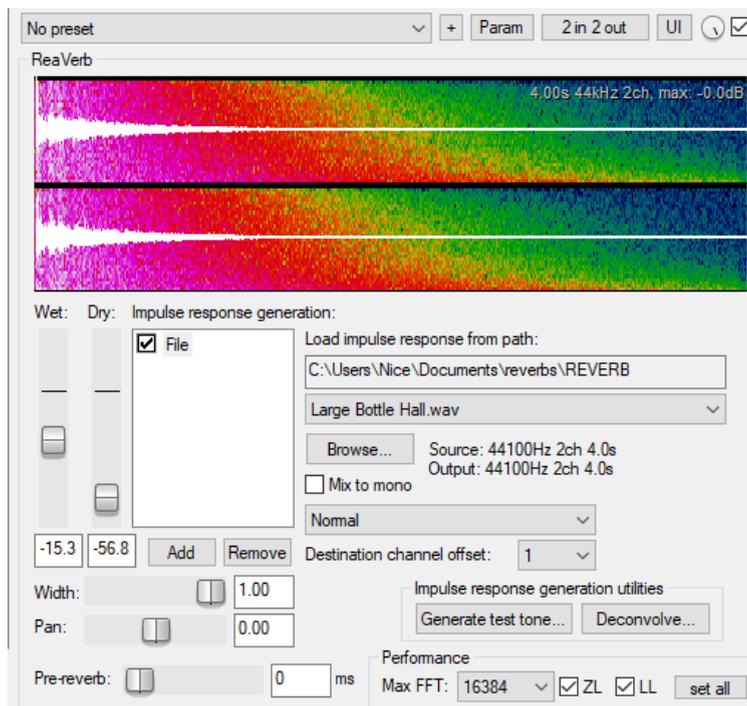
Sobre os efeitos utilizados, há dois reverbs diferentes e um delay. Os reverbs são os mesmos utilizados na mixagem dos instrumentos, mas, nesse caso, o Large Bottle Hall só foi utilizado na *track voz duplicada*. Já o delay, é do JS: Delay, com 500ms.

Imagem 25 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 26 Parâmetros do reverb Large Bottle Hall utilizado nas tracks de voz de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

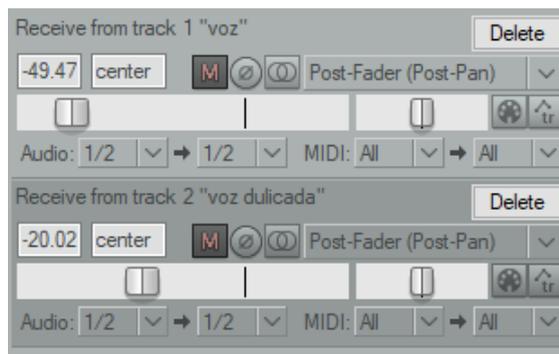
Já os parâmetros dos efeitos nas *tracks*:

Imagem 27 - Parâmetros do reverb Ruby Room em cada track de voz de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 28 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 29 - Parâmetros do reverb Large Bottle Hall na track "voz duplicada" de Desenho Entediante.



Fonte: acervo pessoal.

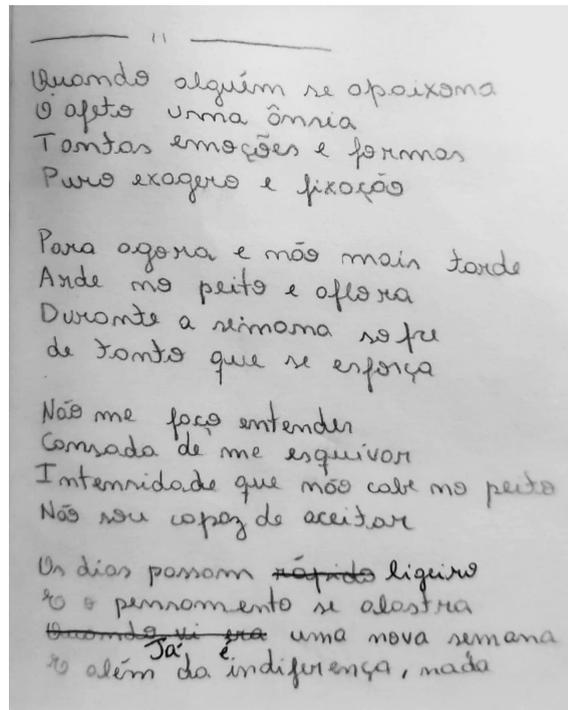
Escolho os reverbs de acordo com o tamanho de sala que quero e também o efeito disso na música. Acho importante colocar os parâmetros deles em cada *track* para demonstrar a diferença de cada voz e cada instrumento. Levo em consideração a importância da sonoridade para música e o efeito que ela tem no arranjo final, fazendo com que o elemento soe mais ou menos, de acordo com o que quero.

A versão final desse arranjo pode ser escutada no link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/desenho-entediante/s-2n1eI8WWTS6?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

III. de Poema Canção

Para começar, acho importante dizer que as partes da música (letra, melodia, harmonia) foram todas criadas separadamente. A letra, que eu chamo de poema, eu escrevi em 2019, sem pensar em uma melodia para ela, eu sabia que ela seria uma canção, mas naquele momento eu não consegui ou não tive inspiração para criar uma melodia ao mesmo tempo que escrevia.

Imagem 30 - Foto da primeira versão da letra de Poema Canção.



Quando alguém se apaixonou
 O afeto uma ônia
 Todas emoções e formas
 Puro exagero e fixação

Para agora e não mais tarde
 Arde no peito e afloxa
 Durante a noite se fez
 de tanto que se esforça

Não me faço entender
 Comada de me esquivar
 Intenridade que não cabe no peito
 Não sou capaz de aceitar

Os dias passam rápido líquido
 e o pensamento se alastra
~~Quando vi~~ ^{Ja} uma nova semana
 e além da indiferença, nada

Fonte: acervo pessoal.

Após ter o texto pronto, comecei a criar a melodia (acho que não foi no mesmo dia). Eu lembro de pensar que eu não podia deixar fluir a melodia do jeito que ela vinha para mim, que eu devia pensar melhor sobre ela e procurar uma forma mais interessante e complexa, que ela não poderia ser “simples”, ou seja, com repetições de notas ou frases, mas sim com saltos melódicos mais interessantes, que não se baseassem só em uma escala, se não ela não teria valor.

Fiz a melodia com esse pensamento e, após ter ela pronta, era hora de colocar os acordes na música. Sobre isso, minha visão era parecida com a de melodia, não podia ser simples. Comecei a olhar para a melodia escrita e a cantá-la, procurando no piano qual era o acorde que soaria mais adequado ao meu ouvido, e por certo quero dizer que na minha cabeça só existia uma possibilidade e eu devia encontrar aquela, perfeita e inquestionável, que tivesse as notas da melodia e que fizesse sentido. Acabei me frustrando e achando que eu não era capaz de encontrar a harmonia certa, perfeita, indiscutível para aquela música e pedi ajuda a um colega

guitarrista, Eduardo Moro⁶⁵. Ele fez e eu aceitei, mas depois disso eu deixei a música de lado e desisti dela.

Eu voltei para essa canção no primeiro semestre de 2021 quando procurava criações minhas ao longo do curso de música para usar nesse trabalho. Encontrei a letra escrita em um caderninho e decidi que, além de usá-la no trabalho, iria apresentá-la na cadeira de Composição de Canção com o professor Luciano Zanatta, a partir daquele texto, eu criaria a minha canção e ela não seria como em 2019.

Reescrevi a letra, modificando algumas partes:

*Quando alguém se apaixona
O afeto, uma ânsia
Tantas emoções e formas
Puro exagero e fixação*

*Para agora e não mais tarde
Arde no peito e aflora
Durante a semana sofre
De tanto que se esforça*

*Não me faço entender
Cansada de me esquivar
Intensidade que não cabe no peito
Não sou capaz de aceitar*

*Os dias passam ligeiro
E o pensamento se alastra
Enfim uma nova semana
E além da indiferença, nada*

*Os dias passam ligeiro
E o sentimento se alastra
Enfim uma nova semana
E além da indiferença, nada*

Me sentei na cama com o texto em minha frente e comecei a lê-lo, percebendo como as palavras soavam, como se dividiam e qual a melodia criada ao falar aquelas palavras, pensei nisso a partir de um estudo sobre o conceito de

⁶⁵ Guitarrista gaúcho.

análise semiótica da canção sugerido pelo Luiz Tatit⁶⁶ que aprendi na aula de Análise da Canção Popular I, com a professora Caroline Soares de Abreu⁶⁷. Esse foi o incentivo para que eu começasse a cantarolar melodias e procurar qual eu gostava mais. Foi só eu começar a cantar que parei de pensar em como fazer e só fiz, me deixei ser criativa e que a canção fluísse para fora de mim. Terminei a parte melódica naquela mesma noite.

Depois disso, a temida harmonia. Por mais que eu toque um instrumento harmônico e que essa seja uma cadeira do curso de Música, na hora de harmonizar as minhas canções e melodias, eu sempre fico insegura, com medo de estragar tudo, de fazer com que soe ruim. Me parece que ainda estou ligada à ideia de que existe um padrão que eu devo alcançar e que é muito difícil de ser alcançado. Essa insegurança parece boba pois o que vale, na verdade, é se eu acho que está soando bem e qual a sonoridade que eu quero na minha música. Infelizmente, por conta desse medo de não alcançar o padrão, adiei bastante o momento de sentar ao piano para criar a parte harmônica.

Comecei com o mesmo pensamento de 2019, ou pelo menos eu estava com ele até começar a tocar o primeiro acorde, que para mim era óbvio e fácil de identificar, a partir da melodia que eu tinha criado. Para o segundo acorde eu fiquei um bom tempo pensando em teorias e análises harmônicas, para qual grau da escala eu devia ir naquele momento, basicamente eu acreditava que havia uma progressão harmônica pré-estabelecida que eu deveria seguir com base na escala que eu estava usando e, para eu escolher um acorde, eu devia dizer qual a função dele ali, tinha que ter sentido, ser racional. Ao me deparar com esses pensamentos eu percebi que me frustraria novamente e que aquilo já não fazia mais sentido para o meu processo criativo. Então eu comecei a cantar a melodia e escutar o que meu ouvido interno dizia que seria a harmonia. Finalmente eu consegui sentir a criação, me escutar e escrever a harmonia para a minha canção.

⁶⁶ Músico, escritor, linguista e professor titular do Departamento de Linguística da F.F.L.C.H. da U.S.P. Seus livros “O século da Canção” (Ateliê, 2004) e “O Cancionista: Composições de Canções do Brasil” (Edusp, 1996) foram utilizados como referência nas aulas de Análise da Canção Popular além do vídeo de uma fala dele na *Abertura Laboratório da Palavra - PACC*. Fonte: Site oficial de Luiz Tatit (<http://www.luiztatit.com.br/release/index.php>) e arquivo pessoal da autora.

⁶⁷ Cantora e pesquisadora, doutora em Literatura Brasileira e professora do Instituto de Artes da UFRGS.

Feito isso, fiz um arranjo inicial⁶⁸, com piano, baixo e um *beat*, queria apresentá-la na disciplina de Composição de Canção mas não tinha muito tempo para criar um arranjo mais elaborado. Comecei gravando o piano no Studio One com o instrumento virtual Presence (instrumento esse que utilizei em todas as gravações do Studio One, mudando somente os timbres utilizados) e um timbre da pasta Keyboards chamado Clavinet 1. Toquei os acordes em uma região média aguda, deixando a parte grave para ser preenchida pelo baixo e o *beat*, não coloquei divisão rítmica nenhuma na maior parte - tocava os acordes uma vez, em semibreve, preenchendo todo o compasso - com exceção da segunda estrofe que eu resolvi destacar e por isso criei uma levada de piano para ser utilizada ali. Depois, passei a gravar o baixo, com um *sample* da pasta Bass chamado Pop Bass. Primeiramente fiz uma linha bem densa melodicamente, lembrando um pouco os walking bass utilizados no jazz e blues, mas, ao cantar junto, percebi que não ficava muito bom e então fiz uma melodia mais simples, priorizando os movimentos e saltos melódicos em partes de respiração da voz.

Faltava um *beat* na música para eu considerá-la apresentável, eu já estava cansada, tinha só mais um dia para terminá-la, lembrei então de um *beat* que eu havia utilizado em uma outra composição⁶⁹ minha feita na disciplina de Prática Musical Coletiva VI, em 2021, com a professora Isabel Nogueira. Ele foi criado no BandLab, com uma bateria virtual do programa, utilizando o 808⁷⁰ kit da pasta Drum Pads. Baixei o áudio de um compasso do *beat* e testei junto com as minhas outras gravações no Studio One, cantei junto e adorei, ele havia encaixado perfeitamente no que eu queria para música. Fiz poucas modificações, elaborei um segundo padrão rítmico para a segunda estrofe que acabei utilizando também na ponte para a segunda parte da música (nessa parte eu coloquei um efeito nativo do Studio One chamado Beat Delay) e no final.

⁶⁸ Uma ideia, um começo, não é a música pronta da forma que eu imaginava ela mas é um início para ser apresentada.

⁶⁹ Ciclo - Luiza Hermes:

https://soundcloud.com/luiza-hermes/ciclo/s-xrSQ8muBIFy?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

⁷⁰ Faz referência a bateria eletrônica TR-808, da Roland, que revolucionou o meio da produção musical na década de 1980. *Samples* que levam em seu nome *808* costumam ser de timbres graves, muito ligados ao trap e ao hip-hop, mas utilizados em diversos estilos musicais.

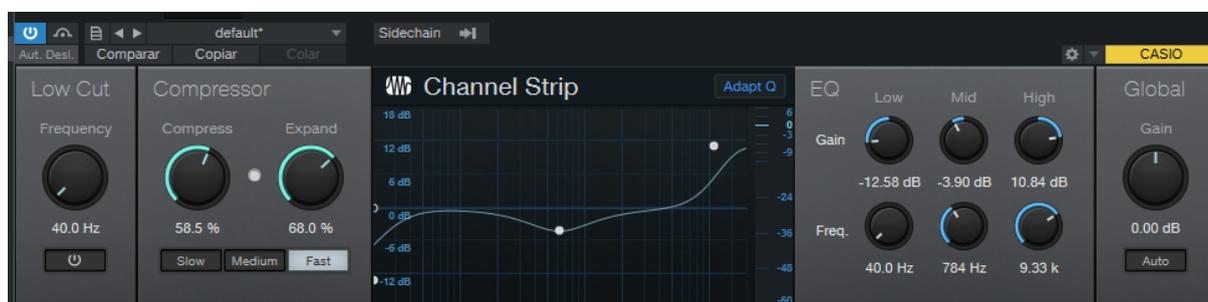
Imagem 31 - Parâmetros do Beat Delay na ponte em Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

Durante a noite gravei a voz, percebi que a melodia estava grave para mim mas resolvi gravar daquele jeito mesmo, adicionei o áudio da voz à música e coloquei o efeito Channel Strip, tentando deixar o áudio mais natural. Ele estava com bastante ruído ambiente e com uma qualidade que não favorecia totalmente as frequências da voz, então tentei modificá-lo um pouco. Eu ainda não tinha muita experiência com gravação e edição de voz e por isso acabou não ficando exatamente do jeito que eu queria.

Imagem 32 - Parâmetros do Channel Strip na voz de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

Para esse trabalho resolvi mudar o tom da música, já que a melodia estava muito grave para a minha tessitura, então subi um tom. Como as gravações estavam em formato MIDI eu modifiquei diretamente no Studio One e não precisei gravar novamente. A voz, por outro lado, eu gravei novamente. Fiz como na primeira vez. Usei o microfone do fone de ouvido conectado ao celular para captar a voz e um fone conectado ao computador para escutar a música enquanto cantava. Utilizei o Audacity para diminuir os ruídos ambientes que apareceram na gravação e depois passei a editá-la no Reaper com os *plugins* MEqualizer e MCompressor da

MeldaProduction. Esses efeitos foram utilizados como forma de diminuir ainda mais os ruídos e deixar o áudio mais limpo, dando mais clareza e atenção ao que estava sendo cantado, cortando as ondas muito graves e aumentando a atenção às médias e agudas.

Imagem 33 - Parâmetros do MEqualizer utilizado na voz da primeira versão de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 34 - Parâmetros do MCompressor utilizado na voz da primeira versão de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

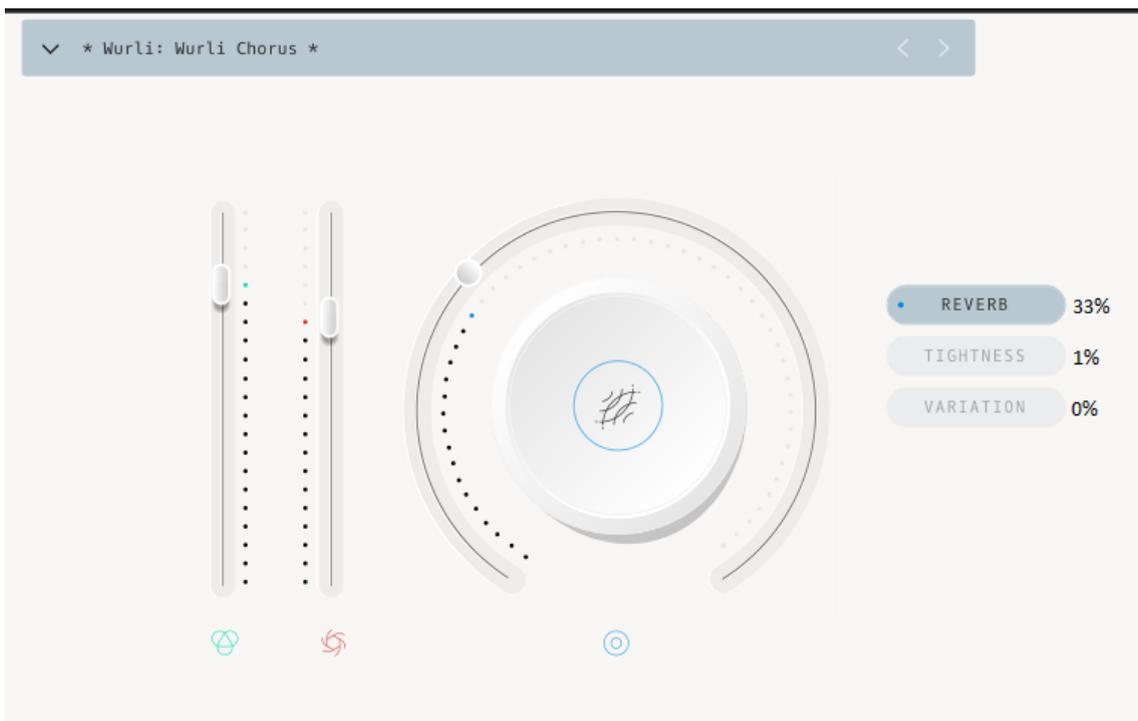
A primeira versão dessa música pode ser escutada no link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/poema-cancao-versao-1/s-KBatSOEtYOc?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

No segundo semestre, resolvi passar o projeto de Poema Canção inteiro para o Reaper. Eu já havia produzido todas as outras quando fiz isso e fiz com a mesma intenção de Navio no Espaço: adicionar o que eu havia aprendido durante as outras produções a essa.

Ao abrir o projeto dessa música percebi essa minha evolução. Eu estava produzindo Filhas da Lua e passei para Poema Canção, na primeira, eu tinha umas 10 *tracks* na época e a segunda só tinha 3. Não quero dizer que uma produção é melhor ou mais válida que a outra, só percebo uma grande mudança na forma de produzir e pensar a música.

Uma das primeiras coisas que fiz foi escolher um *plugin* para a *track* de piano pois eu só havia copiado a informação midi do Studio One. Escolhi o *sample* Wurlis Chorus do LABS e também adicionei o MAutopan para dar movimento a sonoridade escolhida.

Imagem 35 - Parâmetros do plugin da track "piano 1" de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 36 - Parâmetros do MAutopan utilizado na track "piano" de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

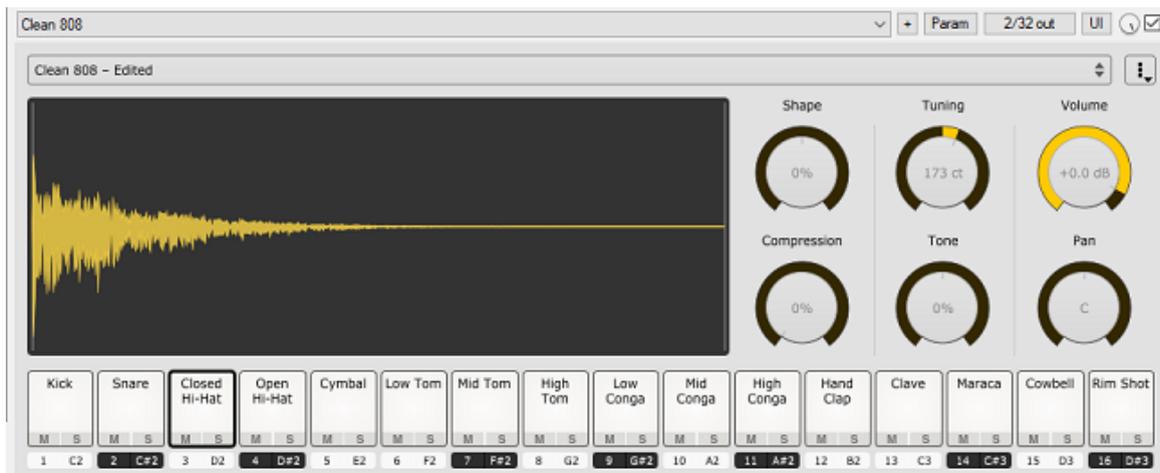
Para o baixo eu também usei o LABS, o *sample* escolhido foi o Bass Guitar: Warm Bass - Amp. Fiz duas *tracks* de baixo, sendo a segunda uma oitava acima da

primeira. Priorizei o som mais grave mas achei bonito utilizar a mesma linha uma oitava acima tocando junto, com o volume um pouco mais baixo que a principal. Essa linha melódica e com certeza é o elemento mais importante da música, depois da letra.

No caso do *beat*, resolvi gravar os instrumentos novamente com *samples* do Sitala. No Studio One eu acabei usando uma gravação wav baixada do BandLab, mas, dessa vez, eu queria separar os instrumentos do *beat*, colocar cada um em uma *track* diferente, para ter uma melhor automação de volume e efeitos em cada um. Dessa forma, consegui trabalhar melhor as sonoridades de cada elemento, separadamente.

Os *samples* do Sitala que eu utilizei no *beat* foram: bumbo, tom-tom, conga média e chipô fechado. O chipô teve uma pequena modificação na afinação para ficar com a sonoridade mais próxima possível do *beat* original.

Imagem 37 - Modificações feitas no chipô fechado do Sitala utilizado em Poema Canção.



Fonte: a autora.

A única parte do *beat* que está em formato wav é a parte da música que chamo de ponte. No Studio One eu havia usado o Beat Delay e gostei muito do efeito, então salvei o wav dessa parte para usar no projeto no Reaper.

Sentia que faltava algo diferente, que estava monótono demais e que precisava de mais um elemento para separar as partes da música, por isso, adicionei outro sintetizador que é um arpejador da Helm chamado SF Arp 1. Copiei os mesmos acordes do piano e passei a editar o midi, tirando algumas notas - pois não achei necessário deixar todas. Testei notas diferentes, escutando as melodias e

o ritmo que o arpejo formava até chegar ao resultado final. Também adicionei o MAutopan nessa *track* para que o som se movimentasse mais ainda. Brinquei com o formato da onda e ficou assim:

Imagem 38 - Parâmetros do MAutopan utilizado na *track* "piano 2" de Poema Canção.

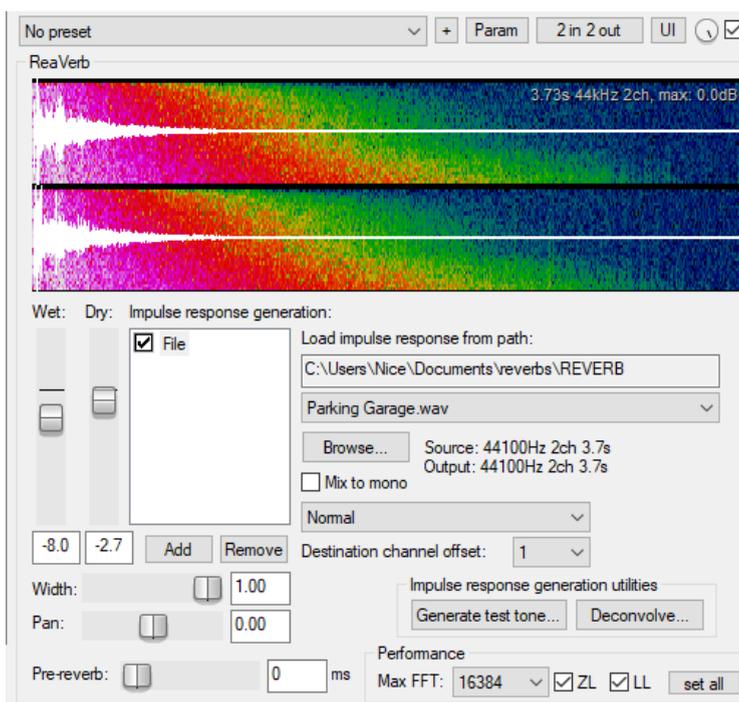


Fonte: a autora.

Na mixagem, procurei priorizar a sonoridade do baixo - deixei as *tracks* soando em lados opostos do pan - e do *beat* - cada elemento colocado no pan de acordo com o meu gosto, ficando bumbo e conga pra esquerda, tom-tom e chipô pra direita.

Também adicionei uma *track* com reverb do ReaVerb. Nessa música, como eu estava em dúvida de qual reverb usar e um pouco cansada de sempre usar os mesmos, resolvi testar todos os arquivos da pasta que tinha. No fim, escolhi o Parking Garage com os seguintes parâmetros:

Imagem 39 - Parâmetros do reverb Parking Garage utilizado nos instrumentos de Poema Canção.



Fonte: a autora.

E o reverb em cada track ficou assim:

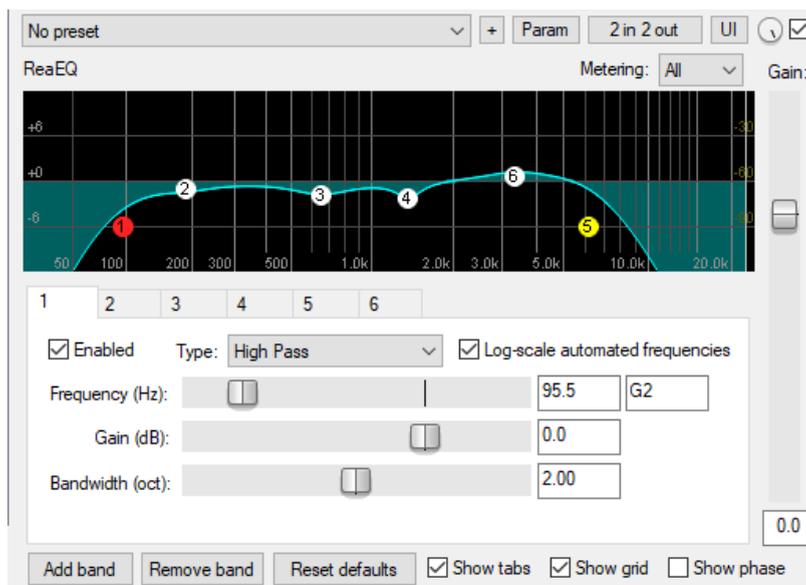
Imagem 40 - Parâmetros do reverb Parking Garage em cada track de Poema Canção.



Fonte: a autora.

Na edição da voz, segui o modelo de mixagem das outras músicas. As três *tracks* da voz são: a principal, uma com bastante reverb e a última é a voz uma oitava abaixo. Na equalização, acabei diminuindo as frequências médias e graves de acordo com o que me agradou na sonoridade, aumentei um pouco os agudos para dar mais brilho.

Imagem 41 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas *tracks* de voz de *Poema Canção*.



Fonte: acervo pessoal.

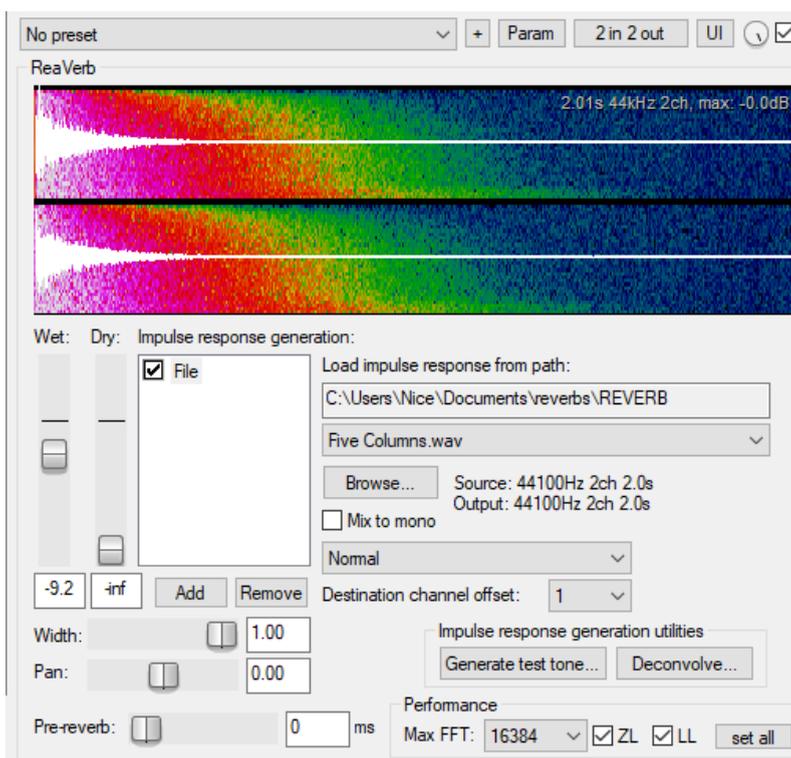
Utilizei novamente o Coffee “ThePUn” para aumentar o brilho e o ganho e também os compressores ReaComp e o MCompressor com o preset *Sing 1* para equilibrar o volume e ganho ao longo da gravação.

Nessa mixagem, como em *Desenho Entediante*, resolvi não utilizar o ReaFir, pois achei irrelevante, mas, acabei usando o *plugin* JS: De-esser, que serve para tirar os sons de S da fala. Não senti tanta diferença mas preferi deixá-lo.

Uma das coisas mais diferentes na edição desta voz para as outras é que o som da respiração entre as frases me incomodava muito, então, cortei e deletei as respirações uma por uma da *voz principal*. Resolvi deixar essa parte nas outras *tracks* para não eliminar totalmente o som da respiração, pois eu gosto que ela apareça, só me incomodou que aparecesse demais.

Por último, adicionei um reverb no ReaVerb chamado *Five Columns* que eu gostei muito, ficou bem diferente das outras produções e eu fiquei bem feliz com o resultado. Também utilizei um delay de 400ms.

Imagem 42 - Parâmetros do reverb Five Columns utilizado nas tracks de voz de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 43 - Parâmetros do reverb Five Columns em cada track de voz de Poema Canção.



Fonte: acervo pessoal.

A versão final de Poema Canção pode ser escutada no link:
https://soundcloud.com/luiza-hermes/poema-cancao/s-DLAhyAyVlaT?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

IV. de Filhas da Lua

Essa canção evoluiu muitas vezes até se tornar *Filhas da Lua*. Ela vem de um processo bastante longo mas muito especial. Compus ela no início de Fevereiro de 2022 quando eu achava que já tinha todas as músicas do meu TCC prontas. Mas pra falar dela, preciso voltar um pouco.

No ano de 2020, antes mesmo de pensar sobre o meu TCC, criei uma canção a partir de uma discussão que tive com um colega de trabalho quando fui recepcionista do plantão de urgência e emergência do posto de saúde do município de Passo do Sobrado. O ambiente, apesar de ter muitas mulheres, era bastante machista, principalmente no que diz respeito à atuação e comportamento dos colegas homens. Dessa discussão nasceu, primeiramente, Verde Dela⁷¹, uma letra de desabafo, irônica e debochada, de um sentimento de raiva por um pensamento e um homem machistas.

*Bah, eu queria ser mulher
Meu deus, isso sim seria bom
Tão bom passar na rua com medo
Tão bom passar a mão em mim sem consentimento
Seria incrível
Usarem o meu corpo como bem entendem
Ridicularizarem as dores que o corpo de mulher cis sente
Dizerem que devo geral uma criança
Mas por causa disso, não ganhar um cargo de liderança
Ah, como é bom ser mulher
Eu queria ser mulher*

Essa canção foi apresentada na aula de Prática Coletiva V com a professora Isabel Nogueira, no mesmo semestre em que apresentei Desenho Entediante. Fiz um *beat* na Drum Machine⁷² do BandLab, criei uma linha melódica que ficava tocando em loop, adicionei sons gravados, recortados e editados por mim, um do meu cachorro bebendo água e outro de uma faca batendo em um prato de vidro, esse último me fez recordar do uso do prato-e-faca no samba, assunto abordado pela professora Luciana Prass na disciplina de Música Popular do Brasil, também coloquei uma linha melódica de um instrumento *sampleado* chamado Air Keys no

⁷¹ Link para escutar Verde Dela:

https://soundcloud.com/luiza-hermes/verde-dela/s-rAOsl66myak?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

⁷² Bateria eletrônica do BandLab

BandLab. Com a base musical pronta eu li o texto de Verde Dela por cima, com todo deboche e raiva que consegui colocar na entoação das palavras.

como eu queria ser mulher, canção composta em 2021, foi criada a partir de Verde Dela. Na época, resolvi utilizar a canção no meu trabalho mas não estava satisfeita com o que eu tinha, queria uma letra que me lembrasse mais uma canção e não um texto, então resolvi aprimorá-la. Voltei para o texto de Verde Dela, li, reli e fui formando frases até chegar em uma nova letra.

*Ah, como eu queria ser mulher
Meu deus, isso seria tão bom
Tão bom passar na rua com medo
Tão bom passar a mão em mim sem consentimento*

*Seria incrível
Mulher
Seria incrível ser mulher
Mulher
Como eu queria ser mulher*

*Ah, ser objeto, eu queria
Do seu desejo que me enoja
E do seu olhar que me repulsa
Como eu queria ser bela, recatada e puta*

*Queria ser chamada de fraca
Ver minhas dores serem ridicularizadas
Ter que gerar uma criança
Mas nunca ter um cargo de liderança*

*Seria incrível
Mulher
Seria incrível ser mulher
Mulher
Como eu queria ser mulher*

Durante a escrita desta letra algumas coisas diferentes aconteceram no meu processo criativo. A primeira delas foi que a melodia foi criada junto com o texto, coisa que eu nunca havia feito. Para mim elas sempre aconteceram separadas e foi bom juntá-las e ver que também consigo fazer desse jeito. A segunda, e de certa forma mais emocionante para mim, foi a criação de um refrão. Isso sempre foi uma dificuldade para mim, percebi ao longo das minhas escritas que as letras contavam algo linear e que nunca havia espaço para um refrão ou que nenhuma das estrofes serviria como um. Foi boa a forma natural mas um tanto racional que isso aconteceu. Racional, porque eu estava escutando refrãos de músicas e percebendo

quais as características deles e qual o caminho no meu cérebro, durante a criação, eu deveria escolher para que um refrão fosse escrito. Digo que foi natural também por eu ter internalizado aquele pensamento, de certa forma sistemático, e criado com facilidade algo que se encaixava nos meus pré-requisitos de refrão.

Com as novas letra e melodia prontas, criei uma harmonia e apresentei a canção em uma reunião com a minha orientadora, Isabel Nogueira. Nesse momento, ela me trouxe alguns questionamentos sobre a importância dessa discussão e desse homem na minha vida e se eu realmente queria que ele fosse parte tão importante do meu projeto, se eu realmente queria cantar sobre ele. A partir desses questionamentos a canção *como eu queria ser mulher* passou a não fazer mais sentido pra mim.

Resolvi que tentaria escrever uma nova canção para substituí-la no meu trabalho, no entanto, não foi fácil me desapegar, eu senti muito orgulho do meu processo criativo e de como eu lidei com os meus sentimentos, e também da forma como me expressei na letra. Foi tão difícil que passei um dia inteiro tentando começar uma nova canção com alguma parte de *como eu queria ser mulher*, para que, de alguma forma, parte da música fosse reutilizada.

Para conseguir compor Filhas da Lua, eu utilizei o que Isabel Nogueira chama de ações artísticas. São diferentes jeitos de fazer uma mesma coisa. Nesse caso, ações diversas que me levaram ao processo de composição.

A primeira delas foi a de pensar e escrever sobre o que eu queria cantar. Durante a reunião com a Bel, falamos sobre o que eu queria afirmar na minha música, o que eu tinha para falar sobre como é, pra mim, ser mulher. A partir disso, fiquei com a ideia de “canção feminista” na cabeça. Como eu não sabia muito bem por onde começar então, escrevi em meu caderno as perguntas que me atravessaram, feitas por mim e pela Isabel, durante a nossa conversa.

*O que eu quero afirmar?
O que eu sou?
O que me caracteriza como mulher?
Quais são as minhas características?*

Depois disso afirmei:

quando eu me toco sou mulher
no espelho minha melhor versão é mulher

Continuei por algum tempo e depois passei a pensar sobre amor, sobre escrever uma canção de amor. Eu não queria que a canção acabasse falando novamente de um homem, nesse caso, do meu amor por um homem. Mas antes de seguir em frente, precisei explorar esse sentimento, então escrevi:

*Eu não queria falar de amor
por medo de que deixasse de falar de mim
Mas, por mais que eu me complete sozinha
Agora o amor me completa também*

Fiquei um tempo divagando sobre a questão de falar sobre homens nas minhas músicas e como seria importante eu mudar o meu foco para as mulheres. Como é importante que nós falemos sobre o que ou como somos, o que nos faz ser mulher, o que nos exalta, nos une. Também pensei sobre o meu eu mulher, sobre o que sou. A partir disso, escrevi um pequeno texto:

Sou mulher cis, sou ela e sou dela, tenho cabelos e olhos castanhos, assim como os pelos do meu corpo. Eu canto vivências, questiono, me escuto, me vejo e me amo. Sou leonina, cíclica e simples, coberta da cabeça aos pés de complexidade. Sou do interior, escuto piados e mius, canto com calcinhas e grilos. Cocoricós e assobios fazem parte dos meus dias a fio. A pio que me vejo tagarelado sobre coisas banais que só eu vejo e ouço. Ninguém mais é Luiza, nem mesmo aquela de Jobim. Só eu me vejo e ouço, me toco e sinto. Eu me dou o valor e certeza, e escrevo uma carta de amor a mim mesma.

Para me ajudar no processo de escrita de uma nova letra, e buscando uma fonte de inspiração, resolvi tentar uma nova ação: ler um texto. Escolhi um texto da Isabel chamado *Metodologia do Encantamento: Escuta, Diálogo e Criação para uma Pesquisa Artística Feminista*. A primeira coisa que anotei foi uma frase da Audre Lorde citada no texto: “A linguagem criada para nos oprimir não será a mesma que vai nos libertar”. Pensei muito sobre como eu queria falar sobre feminismo, sobre mim e sobre ser mulher, tentei focar em como eu queria falar ao invés de tentar adivinhar como as pessoas gostaria de escutar. Veja bem, durante os meus processos de escrita, eu normalmente me deparo com isso, eu almejo escrever letras lindas, criativas, envolventes e admiráveis, fico comparando frase por frase

com letras de outras canções. O mais triste para mim, provavelmente, é que essas outras canções normalmente são de homens considerados mestres, gênios ou algo do tipo.

Além dessa frustração, havia outra coisa me incomodando e me impedindo de escrever. Eu ainda estava muito apegada a letra e ao processo criativo que tive com *como eu queria ser mulher*. Numa busca desesperada por superar esse sentimento, resolvi desabar:

Eu fiz uma música muito legal. Tenho orgulho dela e de mim, tanto pelo produto final, quanto pela forma como se deram os processos. Me senti ótima com o que fiz e agora é difícil desapegar disso. Ao mesmo tempo que quero continuar com ela, eu sei do peso das minhas palavras e o significado novo que elas me trazem e isso não faz mais sentido no meu trabalho.

Ainda lendo o texto, me deparei com uma citação feita pela Isabel Nogueira (2020) sobre a “Carta para as Mulheres do Terceiro Mundo” da Gloria Anzaldúa (2000). No meu caderno anotei somente uma frase, mas resolvi colocar toda a citação aqui para que fizesse mais sentido o que eu queria. Gloria diz:

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p. 233 apud. NOGUEIRA, 2020, p.74).

Essa citação foi muito importante durante o meu processo para me conscientizar da importância de falar sobre as minhas particularidades, por mais banais ou esquisitas que me parecessem. Eu senti uma certa permissão para me abrir.

Mesmo depois de todos esses textos e frases eu ainda não havia conseguido escrever uma nova canção. Eu estava frustrada e me sentia presa. Presa ao apego que sentia por *como eu queria ser mulher*; presa dentro de casa e, principalmente,

dentro do meu quarto; presa ao sentimento de não ser capaz ou não ser suficiente; e também, presa a uma ansiedade e a um dia ruim.

Com toda essa pressão, minha terceira ação foi ir para rua. Procurei um lugar bem isolado e, como eu moro no interior de uma cidade do interior, isso não foi tão difícil assim. Me sentei em uma cadeira de praia ao lado de uma árvore derrubada durante um temporal e fiquei contemplando o ambiente, tentando me conectar novamente comigo e procurar um lugar de calma para que todos aqueles sentimentos ruins passassem.

Eu passei um bom tempo ali observando os animais que estavam ao meu redor. Havia várias galinhas ciscando pelo pátio, também observei meu cachorro que resolveu me fazer companhia e, por fim, também havia muitas formigas andando pelo chão, nos galhos da árvore caída, subindo pela cadeira de praia e nos meus pés. Lembrando da cena agora, me veio a música Formiga da Ligia Lazevi na cabeça: “Tudo ao meu redor, formiga”. Meio irritada com as formigas, comecei a escrever sobre elas:

*Eu piso no chão e têm formigas
Elas sobem nos meus pés e me incomodam
Mas ninguém mandou eu pisar no chão delas
Eu, se quiser pisar aqui que me acostume*

*Se eu soubesse voar não pisaria
Não precisaria lutar contra formigas
E nem me acostumar com elas sobre o meu corpo
Eu ficaria em paz e feliz
Até tropeçar em um pássaro*

Fui me acalmando aos poucos, meditei por um tempo, depois reli a minha “carta de amor a mim mesma” e procurei inspiração no que estava ao meu redor. Com esse pensamento, lembrei das minhas amigas e colegas do Sônicas, as mulheres maravilhosas que tenho ao meu redor, aquelas que eu costumo chamar de deusas. Lembrei de todo apoio que essas mulheres me dão, da força e amor feminino que recebo e sinto. Com o meu foco nisso comecei a escrever e, finalmente, escrevi o que se tornou a letra de Filhas da Lua:

Imagem 44 - Foto da letra de Filhas da Lua escrita no caderno.

Eu me sinto sozinha
 Mas sempre que canto
 Trago comigo
 Mulheres divinas
 A nossa união
 É nutrida de com
 E também tem a garra
 Das que vieram antes de nós

 Não somos recatadas
 Somos inteligentes
 Não ficamos coladas
 Pra quem nos quer com convites

 Eu, mulher também sou a força
 É a luta de outras mulheres
 Eu canto canções e faço reflexões
 Produzo e escrevo, minto e mexo
 É eu me meto onde eu quiser

 Somos filhas da lua
 É temos a magia das bruxas
 Só somos ameaça ao sistema
 Que o patriarcado cultua

Fonte: acervo pessoal.

Reescrevi a letra no computador com as estrofes mais organizadas pois, no caderno, eu escrevi elas sem pensar na estrutura, só colocava as frases do jeito que elas vinham. A letra final ficou assim:

Eu me sinto sozinha
 Mas sempre que canto
 Trago comigo
 Mulheres divinas

A nossa união
 É nutrida de com
 E também tem a garra

Das que vieram antes de nós

Eu, mulher, também sou a força
 E a luta de outra mulher
 Eu canto canções e faço refrões
 Eu produzo e escrevo, eu monto e mecho
 E eu me meto onde eu quiser (2x)

Somos filhas da lua
 E temos a magia das bruxas
 Só somos ameaça ao sistema
 Que o patriarcado cultua

Não somos recatadas
 Somos inteligentes
 E não ficaremos caladas
 Pra quem nos quer em correntes

Fiquei muito orgulhosa e aliviada assim que vi a letra pronta. Começar uma nova composição em um momento que achei que já estavam todas prontas foi bem desafiador mas também muito gratificante. A sensação de compor uma nova música, de saber que sou capaz, é sempre incrível para mim. Acho que é por isso que eu me apego tanto às canções, como aconteceu com *como eu queria ser mulher*.

No processo de criação da letra, algumas melodias vieram junto, a maioria continua na música e algumas foram modificadas enquanto eu escolhia a harmonia. Fiquei feliz com isso pois foi uma das coisas que mais gostei no processo criativo de *como eu queria ser mulher*. Também durante o processo de harmonização da música, eu pude finalmente reutilizar algo de *como eu queria ser mulher*. Eu comecei testando a harmonia que havia feito para aquela canção, percebendo que encaixava com a melodia que havia criado para Filhas da Lua. Aos poucos fui modificando e encaixando os acordes de uma forma que eu gostasse.

Nas outras canções comentei como essa parte harmônica costuma me deixar insegura. Nessa canção isso não aconteceu. Foi divertido ficar ao piano escolhendo acordes e testando sonoridades, eu me senti confortável e segura com o processo. Acredito que a prática e o meu reconhecimento de mim mesma como compositora, arranjadora, foram extremamente importantes para essa mudança.

Com essas partes da música prontas, passei para a produção musical.

Comecei tocando a harmonia no piano e testando alguns riffs. Durante a composição da música/melodia, criei uma divisão rítmica interna que me lembrava

um frevo ou maracatu e, quando fui para o piano essa divisão permaneceu influenciando na minha criação.

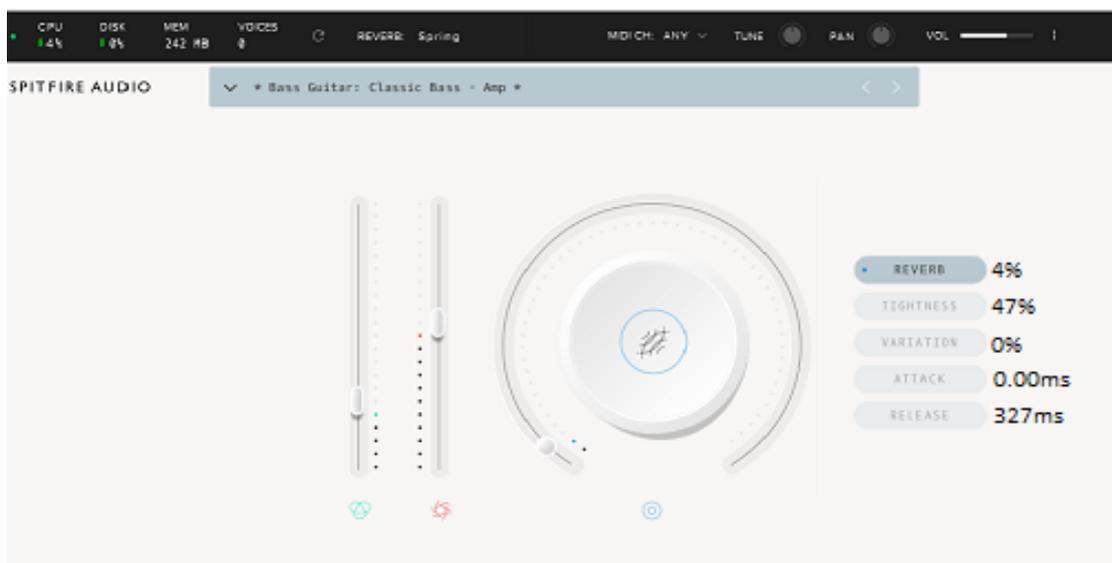
04/02/2022

Escutei algumas músicas para tentar me inspirar mas também não adiantou muito. Até pensei em abraçar o ritmo e fazer assim mesmo, o problema é que eu não me identifico com ele e não me vejo cantando essa música como um frevo.

Tentei gravar riffs aleatórios que vinham na minha cabeça, tentando me desvencilhar daquela subdivisão rítmica, também tentei escutar algumas músicas dos álbuns que coloquei como referência desse trabalho, mas nada disso me ajudou. Resolvi então começar a gravar o baixo e deixar para que os riffs se resolvessem depois.

O primeiro passo foi procurar o som de baixo que eu queria. Pensei em um timbre bem grave e que lembrasse o som de baixo elétrico, então, escolhi o Classic Bass - Amp, som da pasta Bass Guitar do LABS.

Imagem 45 - Alterações feitas no plugin do baixo de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Escutando o timbre e testando linhas melódicas eu já sabia que a música começaria com o baixo. Logo adicionei reverb, para dar mais destaque e criar um som mais cheio, com ambientação de uma sala, para a melodia.

Testei melodias até criar a linha que aparece no começo da música. Fiquei muito satisfeita com ela, tanto como uma introdução como acompanhamento para as estrofes. Tentei adicionar um dos riffs de piano que tinha criado mas ainda não estava gostando do resultado.

Passei então para a gravação do *beat*. A linha de baixo me deixou animada e minha percepção indicava que a música pedia uma percussão logo após. Comecei pelos timbres médios e agudos, fazendo uma levada de conga, meia-lua e chocalho - ou pelo menos lembrava o som de chocalho - com *samples* da pasta Percussion do LABS. Como na gravação do piano, tive muita dificuldade em me desvencilhar do ritmo que havia criado e, naquele momento da produção, já estava começando a parecer Lambada⁷³.

Testei ritmos diversos que me vinham à mente e também algumas coisas óbvias, por exemplo, batidas marcando semínimas ou colcheias. Apesar de todo esforço para descobrir o que fazer, o que acabou me ajudando a sair dessa ideia de frevo em todo o arranjo foram coisas aleatórias do meu dia-a-dia.

A primeira delas foi uma música sertaneja - que infelizmente eu não lembro qual é - que estava tocando no rádio do carro durante uma viagem, enquanto eu a escutava, acabei percebendo que ela tinha uma vaga lembrança de frevo mas era sertanejo universitário. Comecei a prestar atenção para ver qual eram os elementos que davam essa ideia e quais fugiam dela, foi então que eu imaginei que poderiam ser as melodias que estavam sendo tocadas nos instrumentos harmônicos ao invés de riffs de acordes super compostos e ritmados. Não lembro exatamente de todos os detalhes da música ou de como aconteceram as coisas, a única lembrança clara é “não posso esquecer disso, preciso testar melodias no lugar de riffs”.

Foi assim que eu passei a testar os sintetizadores que eu tinha, vendo quais sonoridades eu gostava para fazer melodias. No fim, nem tudo ficou tão melódico, um dos sintetizadores, inclusive, tem notas organizadas em acordes, mas mesmo assim, acredito que foi onde eu consegui voltar ao pop e deixar o frevo um pouco de lado.

Os sintetizadores que utilizei são: CM Pluck Time da Helm, que está presente em quase toda a música, fazendo os acordes e a melodia mais aguda do refrão, e o

⁷³ Gênero musical.

número 365 - Circular da AAS Player, que aparece somente no refrão como um preenchimento sonoro médio agudo.

A segunda aleatoriedade desse arranjo aconteceu na gravação do bumbo. Escutei no Instagram uma produção feita pelo Duda Raupp⁷⁴ e percebi uma grande variação rítmica na batida grave, isso me fez prestar atenção para criar mais variações.

21/02/2022

Trabalhei uma divisão de bumbo diferente nessa parte de solo, eu sempre acho muito monótono, mas nessa música isso tá sendo uma parte importante, algo que quero dar mais atenção.

Depois, durante a produção, arrastei um pedaço da gravação do bumbo mais para a frente no arranjo, deixei ali para usar mais adiante pois naquela hora não iria usar. O que aconteceu foi que eu botei para tocar o arranjo e quando voltou a tocar o bumbo ele estava em um lugar muito legal do arranjo e combinou perfeitamente.

O *sample* utilizado no bumbo é do Sitala.

A última gravação foi a do solo de sintetizador. Eu queria muito que uma das músicas tivesse um solo instrumental e essa foi a escolhida. Escolhi o mesmo *sample* da Helm já utilizado, a única diferença é que eu ativei um arpejador no *plugin*, e isso fez total diferença na formação da sonoridade.

Imagem 46 - Parâmetros do arpejador utilizado no sample CM Pluck Time do solo de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

No solo, como eu achei um pouco vazio, eu finalmente pude usar um dos riffs de piano que havia gravado no começo da produção. Adicionei ele e baixei bastante o volume para que só preenchesse e não tirasse a atenção do solo. Nessa parte eu também criei um outro ritmo de conga com uma afinação mais aguda.

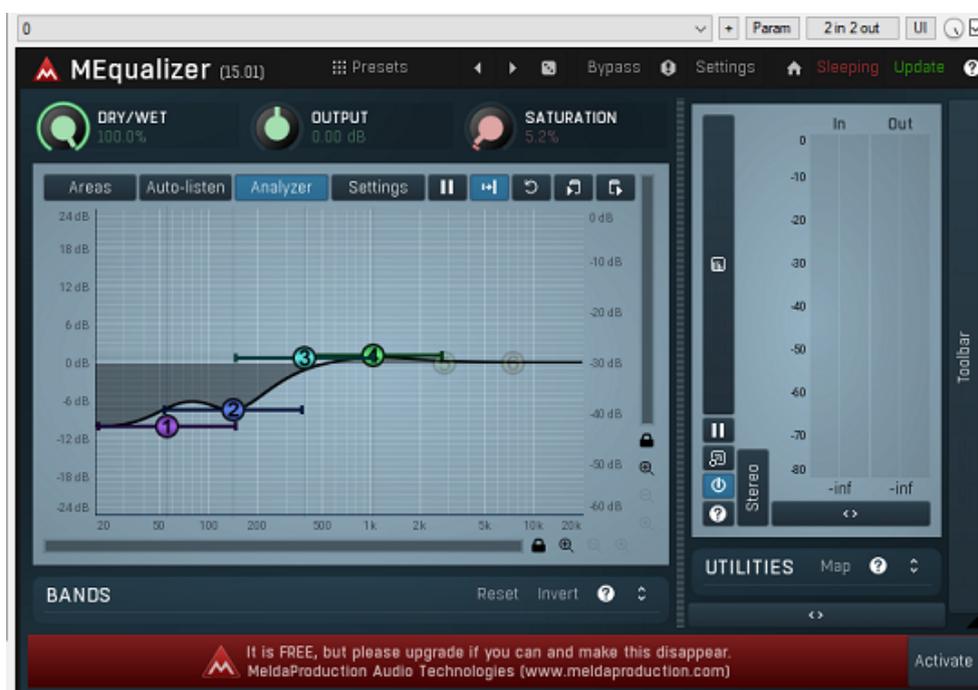
Na mixagem dos instrumentos, busquei priorizar o baixo e o bumbo, que para mim eram o mais importante. Uma coisa que a Isabel comentou durante uma reunião

⁷⁴ Músico e produtor musical porto-alegrense.

foi que nós, tecladistas e pianistas, temos, às vezes, uma tendência de priorizar os sintetizadores aos instrumentos de percussão e baixo na hora de mixar, e que seria interessante tentar deixar os synths soando mais ao fundo e trazer a atenção do ouvinte para os graves. A partir dessa fala, como eu gostei muito do baixo e do bumbo e fazia sentido para mim que eles fossem priorizadas, foi isso que fiz.

Ao aumentar o ganho dessas *tracks* e adicionar reverb a elas, o som - principalmente do bumbo - acabou clipando⁷⁵. Por conta disso, adicionei um equalizador ao bumbo, na tentativa de diminuir as frequências graves que pareciam estar em excesso.

Imagem 47 - Parâmetros do MEqualizer utilizado no bumbo de Filhas da Lua.

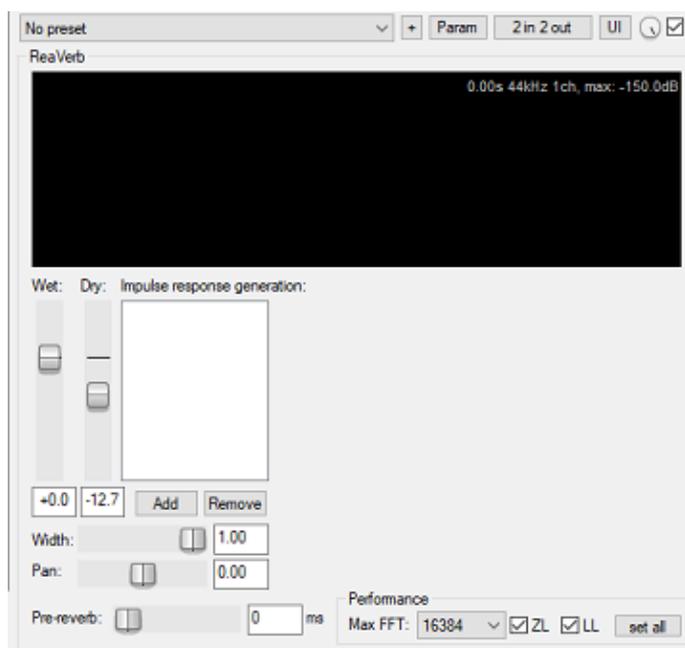


Fonte: acervo pessoal.

Usei dois reverbs na mixagem, dessa vez, sem adição de arquivos, somente o ReaVerb. Um deles eu fiz especialmente para o bumbo, para que ele se destacasse mais, e o outro, coloquei os instrumentos - com exceção do *synth 1* e *synth 2*.

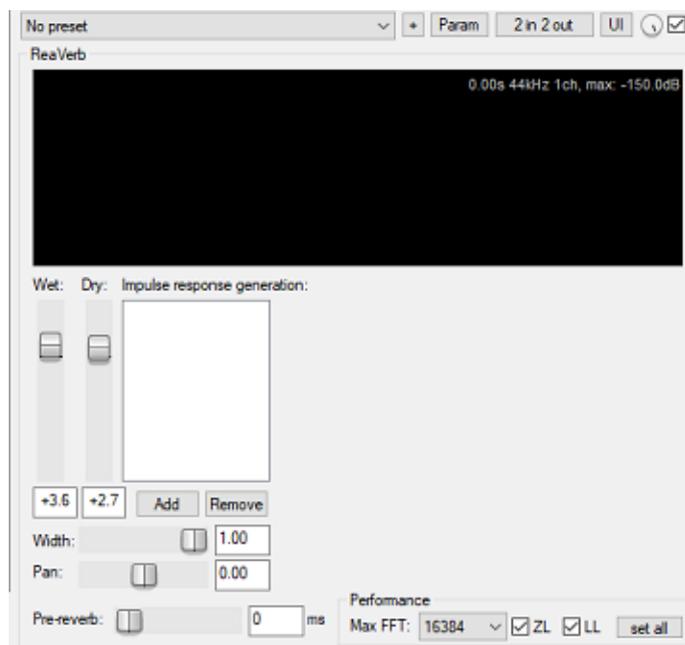
⁷⁵ Picos de saturação do áudio, quando o volume ou o ganho estão muito altos. É quando o som está “estourado”.

Imagem 48 - Parâmetros do reverb utilizado nos instrumentos de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 49 - Parâmetros do reverb utilizado no bumbo de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Os parâmetros desses reverbs em cada *track* ficaram assim:

Imagem 50 - Parâmetros do reverb dos instrumentos em cada track de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

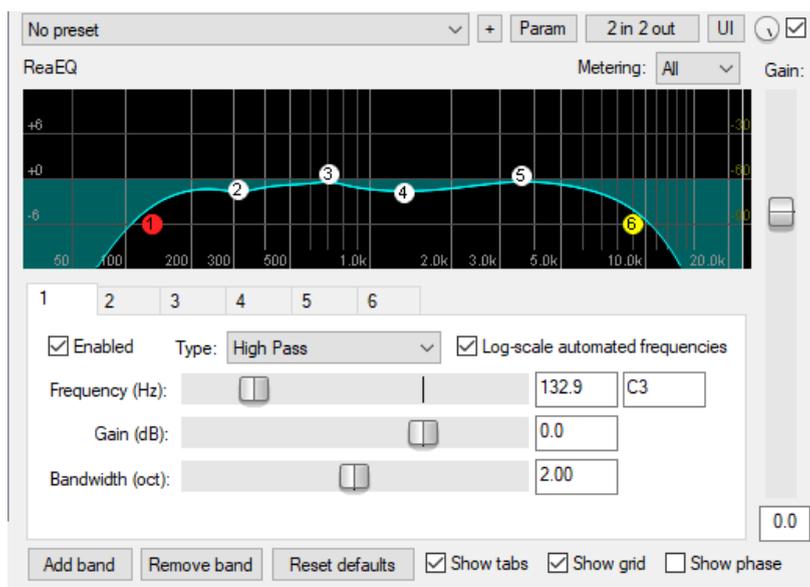
Imagem 51 - Parâmetros do reverb do bumbo na track de bumbo de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Na edição da voz, as *tracks* de voz são: uma com a voz principal, a segunda é uma cópia da primeira mas com adição de delay, e a última é uma oitava abaixo das outras - utilizando o ReaPitch. Utilizei nelas, tanto o ReaFir quanto o De-esser, além dos equalizadores, compressor - nessa edição eu só utilizei um, diferente das outras - e o ReaTune.

Imagem 52 - Parâmetros do ReaEQ utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 53 - Parâmetros do EQ Coffee ThePUn utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 54 - Parâmetros do MCompressor utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.

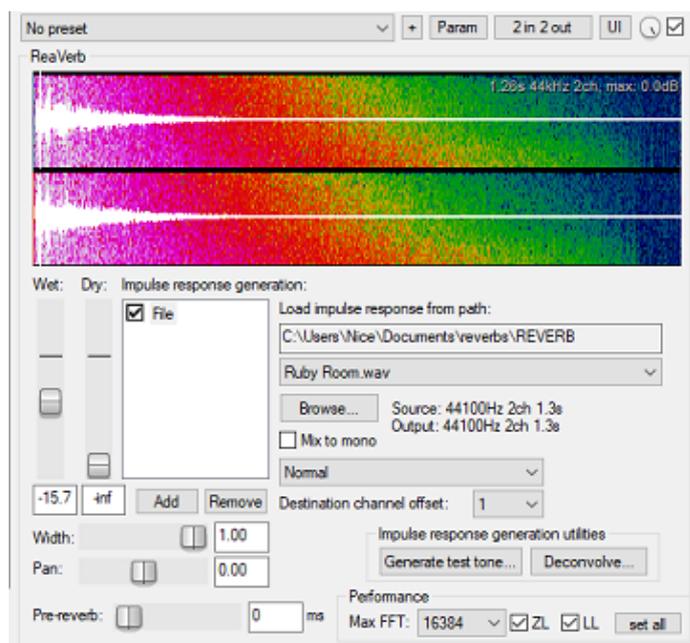


Fonte: acervo pessoal.

Como nas outras edições de voz, eu testei os *plugins* utilizados de diferentes formas e também em diferentes combinações. Nessa, eu acabei achando dispensável um dos compressores, preferi o efeito do MCompressor sozinho e, por isso, acabei excluindo o ReaComp dessa mixagem.

Adicionei dois reverbs, o Ruby Room utilizando o *plugin* ReaVerb e o MChamVerb da Melda Production, e um delay de 500ms. Aumentei o volume do delay na *track* de voz duplicada - sendo que essa *track* está com o volume mais baixo na mixagem. Faço isso porque, apesar de gostar dos efeitos, eu prefiro que a sonoridade deles seja algo secundário na voz. Quando eu adiciono muito delay a voz principal, ele se sobressai demais, e eu gosto quando ele é só um preenchimento nas sonoridades.

Imagem 55 - Parâmetros do reverb Ruby Room utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

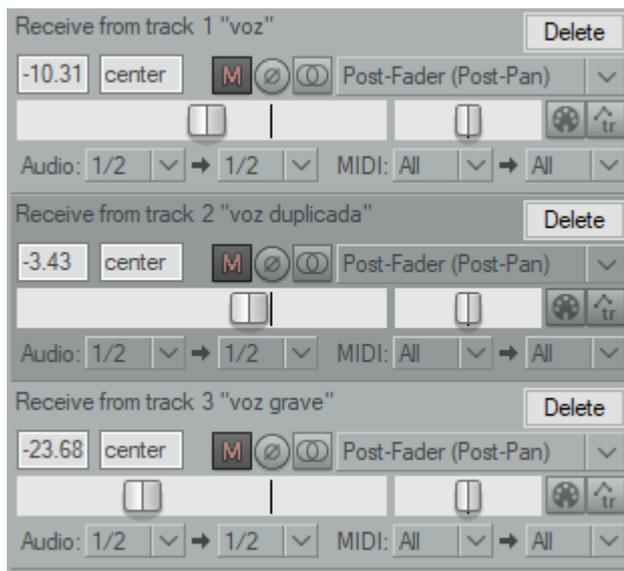
Imagem 56 - Parâmetros do MCharmVerb utilizado nas tracks de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

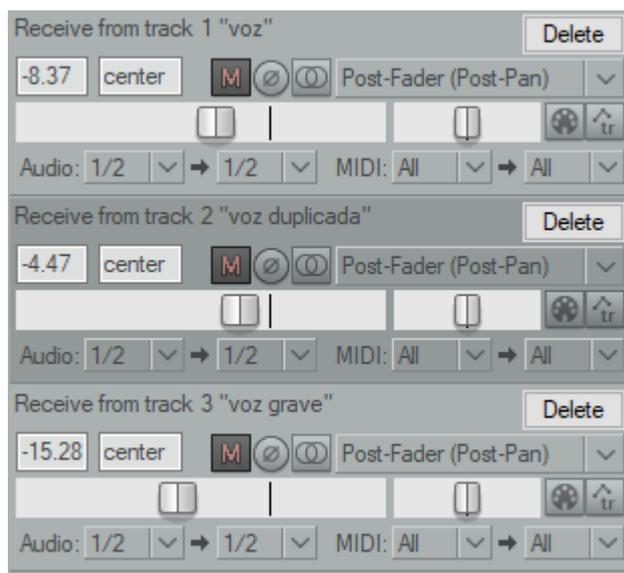
Os parâmetros dos efeitos em cada *track* ficaram assim:

Imagem 57 - Parâmetros do reverb ReaVerb em cada track de voz de Filhas da Lua.



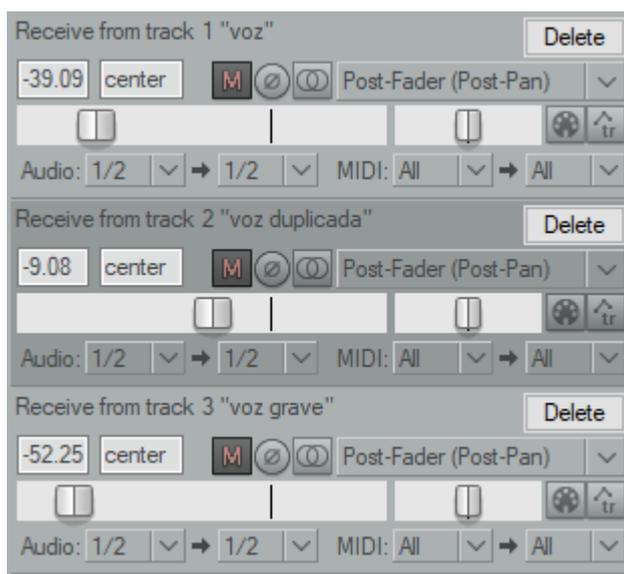
Fonte: acervo pessoal.

Imagem 58 - Parâmetros do reverb MCharmVerb em cada track de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 59 - Parâmetros do delay em cada track de voz de Filhas da Lua.



Fonte: acervo pessoal.

A versão final dessa música pode ser escutada no link: https://soundcloud.com/luiza-hermes/filhas-da-lua/s-7fgflxtQl5z?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing

3.2 da descoberta de uma nova voz

Lembro que em algum momento da minha infância eu quis ser cantora. Dublava as canções do rádio, cantava a plenos pulmões e me via em um palco sendo o centro das atenções. Adorava pensar no glamour que aquilo me transmitia.

Entretanto, nunca me permiti seguir isso, pensava que minha voz não era especial, que não era afinada e que não valia a pena seguir aquele desejo.

Ao decidir produzir as minhas músicas a primeira coisa que pensei foi em quem as cantaria. Fiz uma lista de cantoras do curso de música e passei dias ponderando quem cantaria, se escolheria uma para cada música ou se uma única cantora cantaria todas.

Entre a logística de escolher, convidar, marcar gravações e depender de alguém para que fosse feito, e a vontade de cantar que me deu em um súbito momento, resolvi que cantaria minhas próprias músicas independente do que isso significaria.

Sentindo-me muito insegura da minha voz, as primeiras versões foram gravadas em casa, sem noção de técnica vocal nenhuma. Minha voz tímida e tensa, criando até algumas dores as vezes, me fizeram buscar ajuda para que eu pudesse cantar da melhor forma possível.

Entrei em contato com a Madalena Rasslan em um final de semana. Conversamos sobre como podíamos fazer isso e resolvemos que, quando a gravação dos instrumentos estivessem prontas, eu iria pra casa dela para que fizéssemos ensaios e gravássemos as vozes.

Além de ser uma ótima cantora e professora de canto, Mada - como eu a costumo chamar - também tem um equipamento de gravação de voz mais sofisticado que o meu, o que ajudou muito na qualidade das gravações e no resultado final. Para ser mais específica, utilizamos um microfone da marca Shure, modelo SM58, ligado a uma interface de áudio da marca Steinberg, modelo UR22mkII.

Diário de bordo dia 02/03/2022:

Hoje começamos oficialmente o processo de gravação das vozes, Mada e eu. A primeira música que gravamos foi Filhas da Lua.

Fiquei impressionada com a mudança que ocorreu na minha voz, como ela saiu com força e vontade. Fizemos alguns aquecimentos e a Mada me ensinou como colocar a voz para que soasse melhor. Me

sinto muito feliz com o jeito que as coisas estão acontecendo, como foi boa a gravação. Tô orgulhosa de mim e grata a Mada por estar me ajudando com isso.

Os três dias que passamos gravando me deixaram em completo êxtase, a experiência de conseguir cantar, de me sentir segura e capaz foi o máximo. Com certeza os aquecimentos vocais que fizemos e as técnicas que a Mada me ensinou fizeram total diferença na minha voz. Eu, de fato, descobri uma voz que não sabia que tinha.

Depois dessa experiência penso sobre, no futuro, desenvolver esse conhecimento e cantar mais minhas músicas. Tenho essa vontade e agora me sinto capaz disso.

Considerações Finais

Termo esse trabalho orgulhosa de mim mesma. Nunca imaginei me sentir tão capaz, digna de me considerar musicista, criadora, produtora, compositora e até cantora.

Evoluí muito durante os 4 anos de graduação em Música Popular e também ao longo das 4 produções musicais que fiz. O curso e as músicas estão ligados diretamente, praticamente uma música para cada ano de curso, isso me faz sentir que eu vivi essa graduação ao máximo e que tudo valeu a pena. Tenho 4 músicas que resumem 4 anos.

bell hooks (2017, p. 53) fala sobre “a experiência de aprender quando as nossas próprias experiências são consideradas centrais” e eu percebo que meu trabalho e minha experiência no curso de Música Popular se deram dessa maneira, não só com professores buscando ensinar através das subjetividades mas também a minha própria busca por ela.

Faço questão de dizer que foi incrível e árduo ao mesmo tempo. Ao ler e escutar outros trabalhos costumo pensar que foi muito fácil, que as pessoas são muito boas e tendem a fazer sem problemas nenhum suas produções, mesmo que não tenha sido assim. Se em algum momento do trabalho pareceu que foi muito fácil para mim, já digo que não foi. Tive que aprender muito e tive que lutar contra mim mesma em momentos de crise, quando achava que não era capaz, não era boa suficiente, que nunca conseguiria fazer um bom trabalho como os outros. Falo isso unicamente na intenção de humanizar o processo.

Minhas músicas, meus processos criativos e eu mesma foram meus objetos de pesquisa durante esse trabalho e com certeza me trouxeram um conhecimento e uma evolução absurdos. Adentrei meus interiores da melhor forma possível e encontrei a mim mesma. Agora me sinto pronta para externar algo que posso dizer que veio de dentro, com todo amor, carinho e sabedoria.

Do interior para onde eu quiser ir e para quem quiser ouvir.

Referências

ARAÚJO, Marcos. López Cano, Rubén y Úrsula San Cristóbal Opazo. 2014. Investigación artística en música. Problemas, métodos, experiencias y modelos. Barcelona: Fondo para la Cultura y las Artes de México e la Escola Superior de Música de Catalunya, 259 páginas. **El oído pensante**, v. 4, n. 2, p. 5, 2016.

CANO, Rubén López; OPAZO, Úrsula San Cristóbal. El dilema de la investigación artística. **Anais do SIMPOM**, n. 3, 2014.

CANO, Rubén López; OPAZO, Úrsula San Cristóbal. Entre “musicología encubierta” y “mi obra es mi investigación”: mapeando el espacio de la investigación artística en música. **A Contratiempo: revista de música en la cultura**, n. 23, p. 1, 2014.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, Isadora Nocchi. Gênero, música e tecnologia: relato sobre a criação da performance feita à mão. 2018. Trabalho de Conclusão de Graduação – Curso de Música, habilitação em Música Popular. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/187869>

PERIN, Anna. Brasa: Trajetos e processos criativos tomando forma. 2020. Trabalho de Conclusão de Graduação – Curso de Música, habilitação em Música Popular. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres**, p. 25-37, 1998.

URIARTE, Lucas Zewe; MANNIS, José Augusto. Direcionamentos na escuta e suas influências no processo criativo - O caso do grupo Obra Aberta. **Revista Vórtex**, v. 5, n. 1, 2017.

VELARDI, Marília. Questionamentos e propostas sobre corpos de Emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. **Revista Moringa**, v. 9, n. 1, p. 43-54, 2018.

ZERBINATTI, Camila D.; NOGUEIRA, Isabel P.; PEDRO, Joana Maria. A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. **Descentrada**, v. 2, n. 1, 2018.

Apêndice

Apêndice 1 - Diário de Bordo

26/08/2021

17:00

Navio no Espaço: Consegui achar alguns acordes, infelizmente meu ouvido não é muito bem treinado e a insegurança também me atrasa, mas eu estou feliz por ter feito algo.

Desenho Entediante: procurei a harmonia no meu caderno e encontrei, toquei ela e cantei a letra, depois escrevi a cifra junto com a letra no arquivo do Word no 365.

21:00

Poema Canção: Dificuldade em transformar o poema em música. Não tenho experiência em criar melodias e ta sendo um pouco difícil, não consigo visualizar as melodias que crio em uma música que eu gostaria de ouvir ou com um tema chiclete que me atrai. Tentei lembrar de melodias da Bey e da DUDA mas também não me agradou totalmente. Gravei todas as tentativas e pretendo voltar amanhã pra ver o que eu acho, acredito que se eu tentar um pouco todo dia logo vou conseguir alguma coisa. Trabalhei somente na primeira estrofe, talvez a letra mude também de acordo com a criação, melodia, métrica.

Na hora de escrever eu já percebi que tento fugir do óbvio e sempre procuro fazer algo descolado, digno de se comparar com canções que eu admiro, e pensando agora, talvez essas amarras que eu me coloco estejam me impedindo de criar algo que seja realmente eu, meu.

02/09/2021

15:01

Como eu imaginei, meu diário não está acontecendo diariamente.

Essa semana foi angustiante, eu não consegui produzir como eu queria e eu surto a cada pensamento que tenho sobre escrever ou criar ou tocar porque a ansiedade tá mais difícil de controlar nesses dias.

Hoje, e ontem um pouco, eu pensei novamente sobre as perguntas da semana 4 do TCC - feitas pela Isabel para incentivar a nossa escrita - e sobre a música na minha vida, lá no texto sobre as perguntas eu escrevi um pouco sobre. As perguntas eram:

1. Conta um pouco sobre como a música entrou na tua vida e que papel ela tem hoje.
2. Como foi a tua trajetória dentro da universidade? Quais os elementos que foram importantes ou que significaram uma mudança de perspectiva no teu jeito de pensar e entender a música?
3. Quais os acontecimentos importantes que aconteceram ao mesmo tempo do período em que estiveste na universidade, com relação à música?
4. Comenta um pouco sobre as vivencias, parcerias, eventos relacionados a musica que são importantes hoje para a tua produção.

Eu tô tentando lidar com a síndrome do impostor, moldar meu pensamento e fazer mais e pensar depois sobre o que eu fiz porque se eu for pensar antes ou durante o processo eu acabo perdendo o foco e mergulhando e sentimentos de farsa novamente.

15/09/2021

11:30

O TCC não sai nenhum dia da minha cabeça mas ele também não vai para o “papel”. Eu penso, penso mas não escrevo nada.

Hoje, sentei, como devia fazer todos os dias, pra pensar e escrever e verbalizei um pouco sobre a ideia de interiores, que eu já tinha tido no encontro da semana passada, mas não havia escrito nada sobre. Acho que pensar assim faz bastante sentido para mim, é o que eu sou, o que eu vivo. Às vezes eu fico pensando que queria ser mais inteligente, mais mística, criativa, queria fazer algo diferente, inovador, que surpreendesse minha banca e fizesse meus professores terem orgulho de mim.

Faz vários dias que eu não escrevo na minha mandala lunar também e eu acho que agora eu senti como me faz falta. Eu sei que tudo bem eu não escrever e deixar de lado, as vezes são muitas coisas pra administrar, mas acho que hoje é um bom dia pra voltar pra ela e escrever e pintar um pouco.

Outra coisa que aconteceu essa semana foi eu entrar no grupo Sônicas. Eu tinha falado com a Jalile sobre mas não acreditei que ia se concretizar, eu tô bem feliz, tipo, muito feliz que vou ler e falar sobre um assunto que me cativa com mulheres incríveis, eu sinto que eu preciso disso.

21/09/2021

22:47

Terminei agora de escrever a letra de “Ele Queria Ser Mulher” e eu estava extremamente feliz por conseguir expressar o que eu queria dizer desde que criei a letra “Verde Dela” mas agora que parei pra pensar, minha letra pode passar uma visão errada do que eu quero falar porque talvez algumas pessoas associem a frase “ele queria ser mulher” com mulheres trans. Por mais que eu saiba que mulheres trans sempre foram mulheres, só nascem com uma genitália dita masculina, tenho medo que a letra seja julgada por isso, mas talvez seja só a minha visão de mulher cis sobre uma questão de mulheres trans, não sei como lidar, tenho que perguntar.

Quis escrever hoje porque aconteceram várias coisas. Eu li o TCC da Zazá todo e assisti a gravação da apresentação dela, anotei algumas coisas mas na real a maior parte ficou na minha cabeça mesmo, eu sei que foi bem inspirador. É engraçado ler o trabalho dos outros, sempre parece que foi muito simples e fácil de escrever quando na verdade ela provavelmente passou por várias angústias assim como eu tô passando.

29/09/2021

13:34

Hoje de manhã eu comecei a trabalhar nas gravações e a pensar sobre o arranjo de Navio no Espaço, comecei por essa porque acho que vai ser mais difícil pra mim. Mudei o tom, baixei um tom, fica melhor pra eu cantar, não sei se eu vou cantar mas acho que é um tom confortável e tranquilo pensando nas minhas opções de cantoras.

Tô tentando ir aos poucos, eu to com muito medo e acabo paralisada quando começo a pensar em todas as coisas que tenho pra fazer, com a ajuda da minha mãe eu percebi que eu queria começar e terminar, fazer tudo de uma vez, e isso me causava ansiedade, hoje tentei fazer um pedaço, gravei uma base de piano, a base das estrofes, mas ok foi alguma coisa, quem sabe de tarde eu gravo mais alguma coisa e tenho outras ideias, mas se não, tudo bem também.

30/09/2021

15:00

Parte do texto que retirei

“Hoje, a música pra mim é prazer, felicidade, trabalho, estudo, estresse, ansiedade, diversão, eu acho que a música tá em tudo que eu faço mesmo quando não tô fazendo música em si, tocando ou criando, ela é o que eu gosto de fazer, ela é o que eu faço. Minha vida toda gira em torno de fazer música, o tempo todo onde eu estou independente do que estou fazendo eu sou música (feminino de músico).

Eu ainda não sei onde exatamente eu me encaixo nesse mundo vasto que é o da música, mas sei que é nesse mundo que eu quero ficar, por mais insegura que eu seja e por mais que eu questione se sou digna de estar nele, esse é o mundo que eu gosto de viver.”

16:52

Tava escrevendo sobre minha iniciação em música, meu crescimento, minha formação e em um intervalo comecei a pensar sobre o nome do projeto, nomes de capítulos e tal, eu já tinha a ideia de interior como metodologia e como algo que eu me identifico e faz sentido pra mim então resolvi abraçar essa ideia, então, acho que o nome é Interior e cada capítulo é o interior de alguma coisa, de mim, das músicas, da vida, da criação, do meu crescimento, essas coisas.

Parte do texto que retirei:

Interiores

Neste trabalho quero falar sobre meus interiores, as coisas de dentro de mim (interior da minha mente) e a minha cidade no interior do Rio Grande do Sul. Falar dos interiores para explicar a criação desse texto e as músicas que o acompanham, eles são o externo, o que será criado a partir dos meus interiores.

Interior de mim: quero falar dos meu processos criativos, o que eu senti, como eu pensei, quais foram os caminhos que eu utilizei pra chegar àquele som, aquele *beat*, harmonia, melodia etc. Além disso, como eu me senti sobre o projeto, quais os meus questionamentos sobre futuro, sobre o curso de Música Popular, linkando isso com ansiedade e depressão e quarentena, pois é o que estou passando agora e com certeza isso influencia nas tomadas de decisões.

Cidade do interior: Minha cidade, minha criação (como eu fui criada, onde eu cresci), influenciou muito no que sou hoje, principalmente porque estou morando aqui novamente.

Quais as músicas que eu escuto, que tenho vínculo afetivo, por causa do interior?

Como estar aqui afeta meu psicológico?

Por que eu gravei em casa?

Por que eu decidi fazer praticamente tudo sozinha?

Como e quanto minha posição sócio-econômica influenciou no trabalho?

Ligar o meu TCC ao interior? O que mais eu sou? Qual a minha viagem?

01/10/2021

Decidi que eu quero cantar as minhas músicas. Eu tenho vontade de fazer isso, antes não queria por insegurança mas resolvi fazer isso, parece mais simples, depende só de mim.

13/10/2021

Voltei de novo pro arranjo de Navio no Espaço. Acabei não escrevendo muito durante o começo do arranjo, eu esqueço de fazer isso. Por enquanto tenho dois pianos, um só com o acorde tocando a semibreve e outro mais ritmado, já tô um pouco enjoada do ritmo que fiz mas vou decidir o que vai acontecer ao longo do processo, talvez eu mude, talvez não. Peguei um *beat* nativo do programa que eu achei que combinava, eu sempre penso que bateria combina muito com essa música mas é uma coisa mais difícil pra eu pensar e fazer agora, hoje eu comecei a fazer o baixo, ele começa bem grave e flutuante, com bastante reverb, me faz pensar num navio no espaço mesmo, no refrão vou deixar ele mais seco um pouco, menos synth. Tô gostando das sonoridades, não sei se a parte rítmica me agrada 100% mas é um começo, tô feliz e acho que vou conseguir cumprir meu prazo de uma música por mês.

Tô tentando focar em trabalhar na música uma hora por dia, hoje finalmente comecei, levando a sério mesmo o horário porque se não acabo atrasando outras coisas, seguir horários e fazer as coisas como planejado me deixa feliz e confiante, hoje de tarde quero ver se escrevo mais umas partes do texto pra mandar até sexta pra Bel, é uma semana antes do combinado mas daí vou ter mais tempo pra arrumar e adicionar coisas

26/10/2021

Não estava totalmente satisfeita utilizando o StudioOne então resolvi testar o Reaper. Depois do *workshop* da Dy eu fiquei bem motivada a testar as coisas que aprendi. Percebi que eu já tinha vários *plugins* instalados lá, vários sons ótimos que eu baixei por causa da aula de Composição Auxiliada por Computador, eu só não havia utilizado. Habilitei meu piano digital pra ser utilizado como controlador MIDI no Reaper e comecei a testar os sons. Eu fiquei incrivelmente animada com as possibilidades e em ver o quanto eu já tinha ali a minha disposição. Baixei todas as

Pistas de Navio no Espaço do StudioOne no formato MIDI e coloquei no Reaper pra editar lá.

Testei o efeito Fleet do Vital e percebi que aquilo era o que faltava no refrão de N.E. Foi muito animador.

27/10/2021

Escrevi e revisei meu texto hoje, algumas coisas me deixam bem ansiosa quando paro pra pensar, mas, agora, momento que eu produzi e que vejo como as coisas estão acontecendo (eu já tenho 19 páginas!) eu me sinto feliz, com orgulho de mim, eu me sinto plena, da vontade de chorar de alegria, eu sempre acho que não vou conseguir mas olha só, eu to conseguindo. Não é algo prático que eu escrevi mas neste momento esse sentimento é extremamente importante pra mim, meu psicológico não está no seu melhor, todos os dias eu me sinto insegura e duvido da minha capacidade, então esse pequeno momento me motiva a continuar.

09/11/2021

Gravei a voz de Navio no Espaço de novo. Percebi que a redução de ruído que eu estava fazendo no Audacity tava diminuindo muito o volume do áudio e deixando ele muito fechado, tirando o brilho da voz e também a clareza do que eu estava dizendo. Pode ser que eu não estava fazendo de um jeito certo mas, de qualquer maneira, resolvi tentar editar somente no Reaper. Consegui gravar uma *track* bonita hoje de tarde, acertei melhor os agudos. Equalizei o áudio no reaper, consegui tirar bastante dos ruídos assim, também coloquei um condensador. Achei que ficou bem mais bonita que a anterior e bem mais claro, por mais que dê pra perceber que a qualidade não é tão boa eu to satisfeita por enquanto.

08/13/2021

Eu peguei o arranjo anterior de desenho entediante e eu gosto dele mas talvez eu tenha que modificar um pouco o piano ou pensar melhor no *beat*. Eu tô muito acostumada com o arranjo anterior, eu escuto ele e não consigo sair do que já é e por isso estou com dificuldade de pensar em outra divisão rítmica para fazer o *beat*.

13/12/2021

A parte do meio da música, gostei do piano que usei no outro arranjo e também gostei da melodia da introdução. A primeira parte só tem um piano no primeiro tempo, talvez seja interessante mas talvez eu continue com a mesma célula da introdução e só adicione camadas junto se não ficar muita coisa. No refrão resolvi fazer o *beat* retirado de “o que range” da rita zart e no piano modificar a célula rítmica e fazer funk, usar um baixo que preencha bem isso e soe bem pra somar com o piano que só vai marcar e lembrar o funk.

14/12/2021

Coloquei o MIDI do piano no Reaper e baixei um novo *plugin* de piano pra usar, não aguentava mais o som daquele do LABS. Por enquanto tô querendo usar o som de piano mesmo, talvez eu tenha que mudar depois pela estética das minhas músicas, mas vamos ver. Gravei a primeira parte do *beat*, aquele inspirado na música 'o que range', achei o *sample* perfeito pra ele e fiquei muito feliz, tô usando o Sitala. Eu escrevi no twitter como eu fico chocada quando descubro que já tenho um *plugin* instalado com o som que tava procurando, isso tudo graças a composição auxiliada por computador, eu tinha tudo pra desistir dessa cadeira e no fim foi uma das melhores coisas que me aconteceram semestre passado, essa cadeira foi MUITO importante pra mim.

20/12/2021

Tô com dificuldade em ter vontade de produzir, eu me cobro bastante mas também estou bem preguiçosa.

Hoje eu foquei e consegui trabalhar uma hora em Desenho entediante. Fiz mais uma levada pro piano e pensei um pouco no arranjo, quase terminei toda a parte do piano, ou o que eu pensei que pode ser, só faltou o final. Tive a ideia de ter uma parada antes de voltar para a parte A, eu sempre acho legal em outras músicas mas nunca fiz, tomara que eu consiga fazer de uma forma legal!

O próximo passo deve ser o baixo e depois quero incrementar o *beat* pra diferenciar as camadas em cada parte da música. Também quero pensar em elementos e timbres diferentes pra adicionar futuramente.

29/12/2021

Eu tô meio surtada com o final do ano e meu cronograma, as vezes eu penso que to com tempo de sobra mas ao mesmo tempo eu surto porque não posso sempre me dar folga pois uma hora o tempo vai acabar.

Hoje eu consegui trabalhar mais um pouco na produção de DE, eu to com muita ansiedade pra começar, hoje é um dia que tá um saco produzir, começar algo, pensar no que tenho que fazer. Enfim, coloquei mais uma percussão no começo, um *sample* do que a Stef gravou para o outro arranjo de DE, usei na intro, dei uma equalizada e ficou bom, mexi um pouco nos pianos também e no *beat*, pensando mais nas camadas e dinâmicas sonoras, deixei um pouco mais leve o começo e ajeitei umas coisas, ainda preciso aumentar no refrão mas aos poucos vou fazendo. Queria ter feito o baixo mas mesmo assim foi bom o que eu fiz.

Vou tentar fazer um pouco do baixo mais tarde, gravei eu cantando umas ideias de entrada depois da pausa, no meio da música. Não sei se vou conseguir ainda hoje, tá difícil, mas vou tentar. Se não conseguir, amanhã vou tentar focar só no baixo, deixar os outros detalhes pra depois e focar na criação dessa linha.

Eu tô gostando do resultado apesar do medo e insegurança, da falta de vontade e ansiedade que tenho tido nessas férias, eu me animo cantando, me dá vontade de dançar, tenho que focar nesse sentimento.

03/01/2022

Procurei um timbre de baixo e ainda não achei o que eu quero, pra me atrapalhar mais ainda nesse dia horrível e improdutivo, o MSoundFactory não tá funcionando e eu não pude procurar timbres lá.

13/01/2022

Acabei não escrevendo mais aqui, eu fiquei bastante frustrada nas últimas semanas porque não conseguia produzir e estava mais “travada”, com bloqueio criativo.

Ao longo dessas semanas eu baixei novos *plugins*, encontrei o baixo perfeito pra Desenho Entediante (é o Guitar Bass da pasta LABS do Spitfire Audio), eu fiquei de queixo caído quando descobri o *plugin* pois eu já tinha procurado na LABS e não tinha encontrado esse. Enfim, tô feliz com a sonoridade dele e fluiu bastante a criação da linha de baixo.

Hoje eu gravei o baixo do refrão, “pulei o pré-refrão” porque tava mais difícil de criar um baixo pra ele. Tenho pensado bastante na parte rítmica, essa música parece bem mais madura que as outras duas, talvez seja porque eu já tinha uma versão gravada com o piano e nela tinha várias ideias rítmicas para trabalhar. No baixo eu tô tentando não inventar muito e focar em preencher, tanto com marcação rítmica onde os outros instrumentos estão soando, quanto na questão de camadas sonoras. Acho que tô indo bem, vou ter alguma coisa pra mostrar no começo do semestre, então tô feliz.

Trabalhei um pouco na automação do volume dos instrumentos, não foi muito, só algumas coisas pontuais que estavam me incomodando quando escutava o arranjo, baixo soando demais ou o piano mais baixinho em uma parte e alto em outra.

20/01/2022

Segunda-feira (17/01/2022) gravei uma track de voz para Desenho Entediante porque queria mostrar o arranjo pra alguém, tava muito animada com ele mas também não sabia mais pra onde ir, o que fazer. Coloquei a voz e mandei pra Antonella, já que foi ela que fez a letra, achei que seria a pessoa certa para mandar e pedir opinião. Ela gostou bastante e pareceu animada, me deu algumas dicas que eu adorei e me deram mais vontade de voltar a trabalhar no arranjo.

Ideias da Antonella pro arranjo:

- 1) Dobrar a voz no refrão
- 2) Deixar o baixo mais legatto
- 3) Variação rítmica dos acordes do refrão

Hoje eu trabalhei nessas ideias (menos a da voz) e já fiquei mais animada. Tenho que testar alguns *plugins* e criar umas camadas a mais, o arranjo tá me agradando mas parece que falta muito e eu não sei terminar. Tô tentando me acalmar, acho que consigo terminar até o fim do mês, vou tentar testar alguns sons todos os dias e ver no que dá. Acho que vai dar bom!

Eu tô nervosa mas to bem feliz com a minha evolução, olhando para os outros arranjos e pra esse dá pra ver bastante diferença. Também tô tentando

aceitar o meu limite e o que eu consigo criar a cada dia, a cada arranjo, o foco é que eu tô dando o meu melhor e no final isso vai ser suficiente.

26/01/2022

Coloquei dois sons de synth, um no pré refrão e outro no refrão, não tenho certeza se eles combinam totalmente ainda mas vou ver. Dei por pronta a primeira versão de Desenho Entediante e mandei pra Bel escutar, junto com as outras duas anteriores pra ver se ela queria me dar alguma dica. Fiquei animada e já tô pronta pra começar *como eu queria ser mulher*.

27/01/2022

Comecei a harmonizar como eu queria ser mulher. Percebi como ela é simples, só me deu um trabalhinho em uma parte mas talvez eu tenha resolvido. Ainda quero uma segunda opinião (da Jalile ou Edu) pra saber como é a escuta deles sobre aquilo.

Toquei um pouco a música no piano e fui internalizando a harmonia e já pensando em arranjo. Pensei em começar mais suave, com menos camadas sonoras, bem tranquilo, e depois ficar mais pesado, com várias camadas, bem alto, estridente. Também pensei em dobrar o refrão no final e a última frase ser só voz.

Logo que escrevi essa música e fiz a melodia me veio a Rita Lee na cabeça, talvez eu escute algumas músicas dela pra ter gatilhos de criação e para me inspirar, analisar o que soa na música dela que também soa na minha música (na minha cabeça).

01/02/2022

Sexta-feira passada (dia 28/01) tive orientação do TCC com a Bel e conversamos sobre leituras e arranjos. Ela me deu algumas ideias pra eu testar em Desenho Entediante e hoje eu fiz isso. Mexi bastante na mixagem da música, adicionei reverb em quase tudo, dupliquei a *track* de *beat funk* e na segunda deixei mais seco, eu tava achando que o agudo daquele timbre tava atacando demais a nota e colocar uma *track* dele mesmo com o som mais abafado resultou em uma sonoridade muito boa. Modifiquei a automação dos volumes também, aumentei o baixo e diminui os pianos, também aumentei os synths fazendo com que eles ficassem bem na frente e não só um timbre soando ao fundo como estavam antes.

Foi bem divertido hoje, essa parte da produção. Sempre fico nervosa e insegura mas hoje foi tranquilo, experimentando coisas e sem me cobrar tanto. Cada vez eu sinto mais orgulho do quanto eu tenho evoluído.

Hoje eu também fiz outra coisa que tínhamos comentado na reunião: comecei outra música. Bel e eu conversamos sobre o significado de *como eu queria ser mulher*, ela trouxe o questionamento “esse homem merece todo esse palco? Eu quero colocar ele no meu tcc?” e isso me fez pensar que não, eu não quero ter ele no meu tcc. Por mais que essa música tenha sido especial, que ela tenha me gerado orgulho pelo processo criativo que passei e por ter me expressado de uma forma que eu até então não sabia que conseguia, eu prefiro lembrar dela como uma

conquista minha, particular, um processo para algo maior e que me ajudou a colocar pra fora algo que precisava mas que foi só isso, colocar pra fora.

Com isso, comecei hoje a escrever uma nova música. Já tenho parte da letra ou ela inteira, ou nada ainda não sei, mas consegui começar. Ontem eu já havia tentado começar mas ainda não tinha me desapegado da música antiga, eu estava com pena de deixá-la de lado. Eu também não sabia do que eu queria falar, eu sabia que queria seguir uma linha mais feminista, não queria falar sobre um homem nem que fosse por amor, queria que fosse sobre mim ou sobre mulheres mas não me vinha muita coisa. Foi difícil encontrar algo para falar e como falar sobre aquilo.

Me senti frustrada, angustiada e ansiosa, me isolei no meio de umas árvores aqui de casa, escondida entre galhos que caíram durante um temporal a um tempo atrás e fiquei lá por um tempo. Eu demorei pra me acalmar e conseguir escrever. Primeiro eu falei sobre formigas, depois eu observei as galinhas e pássaros, chorei e então li um texto que escrevi ontem que nomeei de “carta de amor a mim mesma”. Depois de tudo isso, me lembrei das minhas amigas e minhas colegas do Sônicas e comecei a escrever sobre apoio, amor e força feminina, principalmente o que eu recebo e sinto.

Fiquei feliz e orgulhosa do que tinha conseguido, eu já estou feliz com o que tenho mesmo se não estiver pronto ou se amanhã eu já não achar tão perfeito, mas acredito que vai sair algo muito bom disso tudo.

03/02/2022

Terminei de harmonizar a nova música hoje. Ontem eu modifiquei um pouco a letra (devia ter escrito a primeira pra ter uma comparação mas agora já era).

Comecei tentando usar a mesma harmonia de como eu queria ser mulher, algumas partes deram certo mas em outras tive que modificar. Achei bem legal como ficou, tem uma parte que pode ser estranha mas também pode ser legal, vou gravar e escutar e decidir o que eu acho.

Meu objetivo é gravar e tentar finalizar até o final de semana que vem. Pelo tempo que levei gravando e arranjando as outras (em média um mês) eu acho que pode ser um pouco difícil mas vou tentar.

Por enquanto vou chamar essa nova canção de Filhas da Lua mas não sei se gosto muito do nome.

04/02/2022

Comecei o arranjo e gravação de Filhas da Lua.

Tô com dificuldade de me desvincilhar do ritmo que fiz durante a composição, quero chegar em algo mais pop e aquilo tava mais ligado a um frevo. Comecei gravando um riff de piano (que ficou mais puxado pro frevo) e depois passei mais de uma hora tentando criar outra coisa mas sem sucesso. Escutei algumas músicas pra tentar me inspirar mas também não adiantou muito. Até pensei em abraçar o ritmo e fazer assim mesmo, o problema é que eu não me identifico com ele e não me vejo cantando essa música como um frevo.

Tô bem desesperada porque tenho pouco tempo pra produzir essa música e ela veio do zero, agora a pouco, não tenho muito tempo pra pensar com calma e fazer aos poucos, isso me deixa frustrada também.

07/02/2022

Hoje de manhã eu trabalhei um pouco nos riffs de piano, fiz um novo que pretendo usar no refrão junto com o que eu já tinha feito. Pensei um pouco sobre o arranjo: pretendo começar com baixo e percussão na primeira estrofe, na segunda entrar o piano 1 (riff mais simples); logo após vem o refrão com pianos 1 e 2, baixo, percussão e synth.

Tô pensando em modificar mais os timbres de piano, na última música coloquei um *plugin* de piano e agora talvez use um de teclado ou até o synth mesmo.

Parece que consegui fugir um pouco do ritmo de frevo, esse final de semana eu escutei alguma música no rádio que me fez pensar em outras subdivisões rítmicas e riffs de teclado, pena que não consigo lembrar qual música foi. O pensamento foi rápido sobre testar dedilhados diferentes e tentar algo com arpejo, nem sei se era isso que estava acontecendo naquela música mas sei que me levou a isso.

Já escolhi um timbre de baixo pra começar, eu tô gostando MUITO dos timbres da Bass Guitar do LABS (Spitfire Audio), quero ver se hoje a tarde eu já começo uma linha de baixo - já que quero começar a música com ele - pra dar uma animada no meu processo e me sentir produtiva. Espero mesmo que eu consiga terminar a música essa semana, vou priorizar a produção para semana que vem estar pronta pra gravar.

Sobre a gravação, já mandei mensagem pra Mada e estou esperando a resposta dela sobre começar semana que vem.

Comecei a linha de baixo e já coloquei reverb pra deixar mais parecido com a sonoridade que eu quero. Eu gostei da linha e já to pensando que alguma percussão ou synth vai entrar junto no começo da música. Tô um pouco mais calma com o decorrer da produção, achando que vai dar tempo, mas ao mesmo tempo continuo com medo.

Descobri esses dias que se eu colocar o metrônomo do Reaper mas só escutar o som do meu piano e não o MIDI que tá saindo no programa as notas ficam mais certinhas no tempo, isso ta me economizando tempo de edição.

15/02/2021

Hoje eu voltei a produzir Filhas da Lua, eu não acho que to gostando de como ta ficando mas eu to seguindo pra chegar em algum lugar. Não gosto mais dos timbres de synth que escolhi da última vez, então deixei de lado e passei a fazer outras coisas. Gravei a harmonia do refrão no piano e também uma linha de baixo, também adicionei um kick, que não está ainda em um ritmo que me agrada mas eu deixei assim por enquanto.

Usei o mesmo baixo e piano que já estava usando, o kick é do Sitala. Pensei em usar algum áudio de pássaro ou alguma coisa gravada nas atividades de escuta profunda pra fazer um synth nessa música, acho que amanhã vou tentar isso.

Tô um pouco frustrada com a produção e também bastante ansiosa com o TCC todo, os acontecimentos da minha vida pessoal também me deixam ansiosa e isso tudo tá influenciando nesse processo. Queria dizer que está atrapalhando (porque eu sinto que está) mas tudo faz parte do processo em si, mesmo as coisas ruins, tudo é caminho para algo. Pensar assim me faz aceitar os dias ruins e pensar que aos poucos vai dar certo e que virão dias bons, e no final tudo vai dar certo.

Salvei os projetos do Reaper na nuvem hoje também porque fiquei com medo de acontecer algo com o computador e eu perder isso. As outras partes do tcc todas estavam lá já mas os projetos eu não tinha me dado conta que perderia caso algo acontecesse.

16/02/2022

Coloquei um synth no refrão fazendo intervalos de nona e décima(terça), gostei bastante da sonoridade. Tirei o piano das estrofes e deixei só o synth, gostei mais assim. Tentei gravar algumas linhas de baixo diferentes pro refrão mas eu acabei gostando mais da linha que eu fiz ontem então deixei aquela e passei para os outros instrumentos, tinha algo me incomodando na sonoridade e eu não sabia o que.

Editei o kick (agora eu tô chamando de bumbo), ficou parecido com o que fiz em Desenho Entediante, eu acho, mas tá tudo bem. Também coloquei percussão no refrão, não criei do zero, só editei o que tinha na estrofe. Não gostei da caixa que coloquei, a percussão toda tá meio confusa ainda, acho que vou mudar mais, tentar deixar mais diferente do desenho da estrofe.

17/02/2022

Tirei a caixa do *beat*, tava me incomodando muito. Acho que do jeito que está já é bom. Mudei o bumbo na parte da estrofe pra ficar uma subdivisão diferente da do refrão. Adicionei mais um synth, que eu gostei bastante, aliás, mas o primeiro que coloquei no refrão tá começando a soar chatinho, vou ver se mudo algo nele amanhã, gosto dos intervalos mas o timbre não me agrada, parece um robô do Star Wars tentando se comunicar e eu não entendo nada.

Arrumei a linha do tempo de forma que eu vejo até onde vai a música, como é o arranjo e tal. Quero fazer um solo de synth mas ainda não escolhi o timbre e nem fiz a melodia.

21/02/2022

Adicionei na linha do tempo as camadas do refrão onde ele toca pela segunda vez, também coloquei a harmonia das terceira e quarta estrofes, tudo isso pra visualizar melhor a canção e o que eu já tenho. Eram coisas simples mas que, ao serem adicionadas, me mostraram como eu já tenho material e não tô tão atrasada como pensava.

Trabalhei um pouco na parte que quero o solo de synth, adicionei um baixo e arrumei o bumbo também. A parte harmônica deixei no *plugin* de piano mas ainda vou escolher um dos synths depois, ou nenhum, tudo vai depender de como ficar o solo e quais as camadas eu vou querer adicionar àquilo.

Trabalhei um divisão de bumbo diferente nessa parte de solo, eu sempre acho muito monótono, mas nessa música isso tá sendo uma parte importante, algo que quero dar mais atenção. Preciso lembrar disso na mixagem pra deixar esse som importante mais na frente.

Hoje de manhã eu estava bem ansiosa com o atraso no meu cronograma e o medo de não terminar as coisas a tempo mas agora eu já me sinto mais calma. Tive reunião com a Bel e falamos sobre mixagem tanto dessa música quanto das outras e, por mais que pareça difícil e/ou demorado, também parece bem possível. Tô mais esperançosa.

A parte escrita ainda me preocupa, principalmente porque não tô fazendo muito ela, mas novamente a Bel me acalmou e lembrou que meu texto está bastante avançado, então vamos lá, uma hora termina.

22/02/2022

Gravei o solo de synth mas não sei se gostei totalmente. Gostei dele sozinho mas não tenho certeza se encaixa com o arranjo. Eu sinto que tá tudo muito cheio e confuso, não tenho certeza se é questão de automação do volume ou se gravei elementos demais, tô meio sem ideia e sem conseguir tomar decisões sobre o arranjo e a mixagem e isso me frustra muito porque eu realmente quero terminar isso essa semana pra gravar as vozes semana que vem.

Separei a percussão, coloquei cada elemento em uma track separada pra fazer a automação do volume com mais facilidade e também testar onde eu deixo ou tiro cada elemento ao longo da música, acho que fazendo isso eu vou ter uma mudança mais significativa nas camadas sonoras, podendo dar uma movimentação maior no arranjo e tirar essa impressão de saturação de elementos sonoros.

Pensei em mudar a linha de baixo do solo também, deixar mais parada para levar a atenção mais pro solo mas não cheguei a uma conclusão sobre isso ainda, tenho que testar.

23/02/2022

Acho que hoje eu terminei as gravações de Filhas da Lua e deixei o arranjo praticamente pronto, se mudar alguma coisa vai ser na mix, se sentir que precisar.

Tô muito feliz! Parecia que nunca ia terminar e agora já tá quase no fim. Nem acredito que vou conseguir gravar as vozes com tranquilidade e que vou terminar as coisas a tempo.

Hoje eu coloquei o baixo na estrofe depois do primeiro refrão, também adicionei percussão nessa parte. O bumbo foi colocado aleatoriamente para ser editado depois mas, no momento que coloquei os outros instrumentos, ficou muito bom.

Troquei o reverb do bumbo pra aparecer mais, baixei um pouco o volume dos outros instrumentos e ficou bom, ainda tá ficando vermelho a linha da master mas não sei se é por causa do bumbo mesmo, não queria baixar mais o volume, vou ver o que posso mudar amanhã, colocar um equalizador quando vê.

Tenho que editar o volume dos instrumentos, principalmente do baixo duplicado no refrão e da conga na estrofe depois do primeiro refrão. Trabalhar com o pan, dividir os instrumentos.

24/02/2022

Comecei a mixagem de Filhas da Lua hoje de manhã mas acabei perdendo todo o meu trabalho perto do meio-dia porque meu notebook desligou e as mudanças não estavam salvas. Isso me fez voltar a produzir logo depois do almoço porque eu estava decidida a terminar a mixagem hoje.

Comecei a mixagem pensando no que era mais importante, então, deixei mudos todos os canais menos o baixo. Aumentei o volume o máximo que pude sem clipar, depois liguei o canal do baixo duplicado, deixando esse um pouco mais baixo e ajustando volume e reverb de acordo com o sinal da master, baixando um ou outro se o som estivesse clipando. Tive um pouco de problema com isso pois o sinal ficava vermelho na master mas não no canal, então eu tinha que testar pra ver qual deles era o problema e ir baixando aos poucos. Também utilizei um equalizador.

O próximo canal adicionado foi o do bumbo, tive bastante dificuldade com esse porque queria muito que ele aparecesse bem mas o som não parava de clipar. Adicionei equalizador no bumbo também, baixei bastante os graves mas aumentei um pouco os médios, isso parece ter resolvido o problema e deixou o bumbo bem presente. Também tive que mexer no volume um pouco mas, principalmente no reverb. Eu havia criado um reverb só pro bumbo com parâmetros diferentes dos outros instrumentos, (não lembro o que fiz de diferente, tenho que ver no Reaper)

Passei então para os outros instrumentos percussivos, estava levando em consideração a fala da Bel sobre a tendência de pianistas/tecladistas acharem que os sintetizadores tem que estar no plano principal da música. Ajustei a percussão, coloquei um equalizador na conga e ajustei os volumes de uma maneira que os graves e agudos tivessem seu espaço na música. No começo tava meio embotado, eu baixava o volume de acordo com a importância do instrumento, ao longo da mixagem essa importância sonora mudou e eu trouxe a percussão de região sonora aguda mais pra frente.

Por último, eu mixei os sintetizadores, tentei não deixar muito alto o volume, não era a parte mais importante mas, principalmente no refrão, tinha sua importância no arranjo. Aquele agudo que me irritava às vezes eu deixei mais baixo mas a parte harmônica foi importante pra mim que ficasse audível. Uma surpresa nessa parte foi o riff de piano que fiz no começo dessa produção, hoje ele foi o último canal a ser aberto, aquela sonoridade não me fez falta onde ela estava mas o solo parecia pedir algo a mais, então aquele riff foi parar na parte do solo, num volume bem baixo só dando uma certa sustentação sonora, deixando mais cheio.

Eu tô bem satisfeita com o meu trabalho até agora, tô bem feliz com o que estou conseguindo fazer. Hoje a noite quero gravar a voz pra poder apresentar a música na reunião do Sônicas amanhã. Se tiver a voz também já posso mandar pra Madalena e, assim, ela já vai ter todas as músicas. Todas as músicas prontas pra gravar a voz!!!!!!!!!!!!!! Eu quase não consigo acreditar.

Amanhã a meta é trabalhar em Poema Canção, essa é a única das músicas que não tem projeto no Reaper, talvez seja mais difícil achar os timbres e faça com que a revisão desse arranjo seja mais trabalhosa que de Navio no Espaço, por isso prefiro começar com ela.

Tô animada e esperançosa, o que parecia impossível semana passada se encaminha pra dar certo, não tem sido fácil mas tô orgulhosa de mim mesma!

02/03/2022

Hoje começamos oficialmente o processo de gravação das vozes, Mada e eu. A primeira música que gravamos foi Filhas da Lua.

Fiquei impressionada com a mudança que ocorreu na minha voz, como ela saiu com força e vontade. Fizemos alguns aquecimentos e a Mada me ensinou como colocar a voz para que soasse melhor. Me sinto muito feliz com o jeito que as coisas estão acontecendo, como foi boa a gravação. Tô orgulhosa de mim e grata a Mada por estar me ajudando com isso.

Tentei trabalhar no arranjo de Poema Canção mas acabei fazendo outras coisas, em algum momento isso vai acontecer, ou pelo menos eu espero que aconteça, mas acho que durante as gravações não vai rolar.

15/03/2022

Falar sobre a importância de políticas públicas, software gratuitos, acesso a informação e uma educação transgressora para que todos tenham acesso e conhecimento a tecnologia e possam aprender a fazer suas músicas.

16/03/2022

- Colocar mais brilho (agudos) e aumentar um pouco o volume da voz em Filhas da Lua.
- Talvez diminuir um pouco o delay na voz de desenho entediante e pensar em aumentar o volume no começo
- Aumentar o volume da voz do Refrão e em algumas partes graves que ficaram baixas e na ponte

23/03/2022

Pianos do Band Lab:
Desenho Entediante: Grand Piano
Navio no Espaço: Electric Piano
Filhas da Lua: Studio Grand

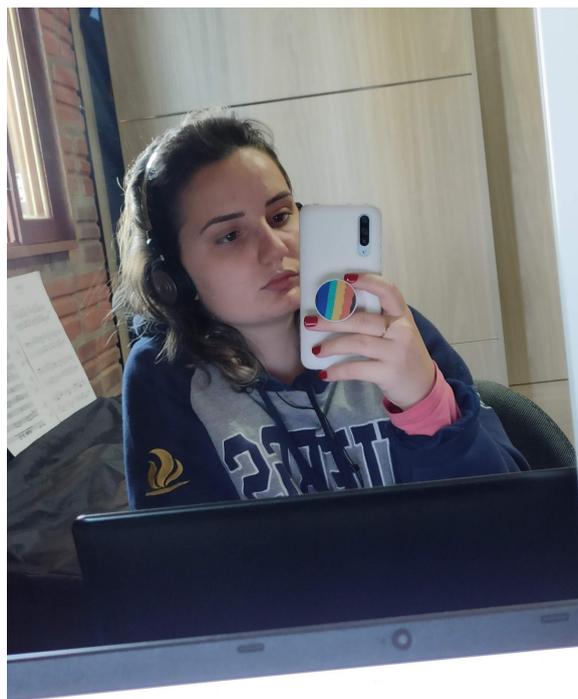
Apêndice 2 - Auto retratos



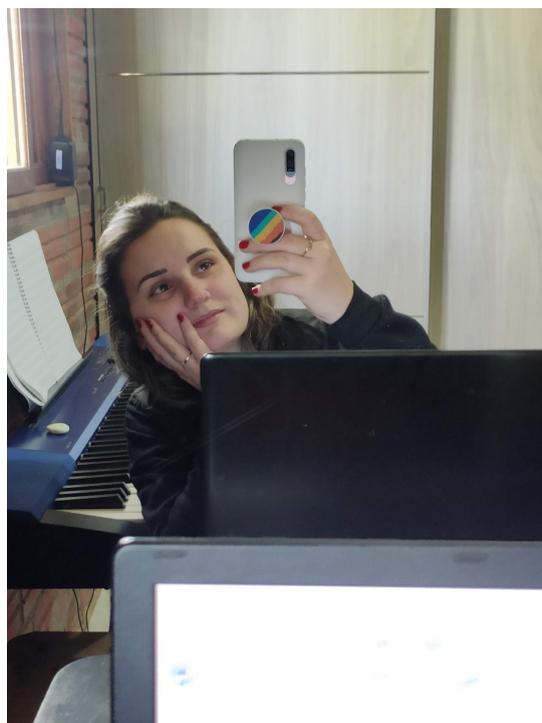
Auto retrato tirado no dia 26 de agosto de 2021



Auto retrato tirado no dia 11 de setembro de 2021



Auto retrato tirado no dia 15 de setembro de 2021



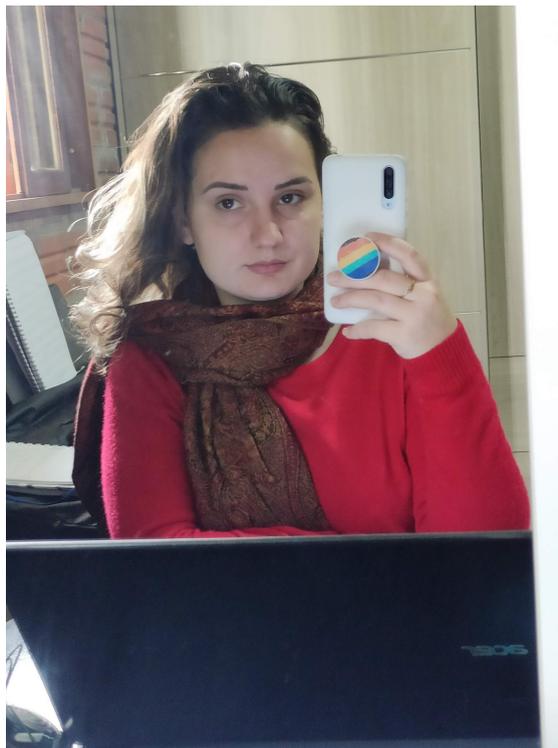
Auto retrato tirado no dia 16 de setembro de 2021



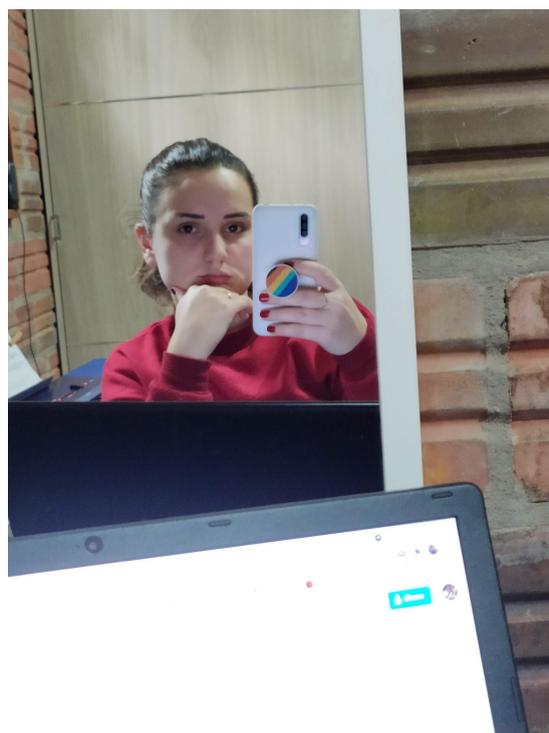
Auto retrato tirado no dia 21 de setembro de 2021



Auto retrato tirado no dia 22 de setembro de 2021



Auto retrato tirado no dia 24 de setembro de 2021



Auto retrato tirado no dia 29 de setembro de 2021



Auto retrato tirado no dia 07 de outubro de 2021



Auto retrato tirado no dia 19 de outubro de 2021



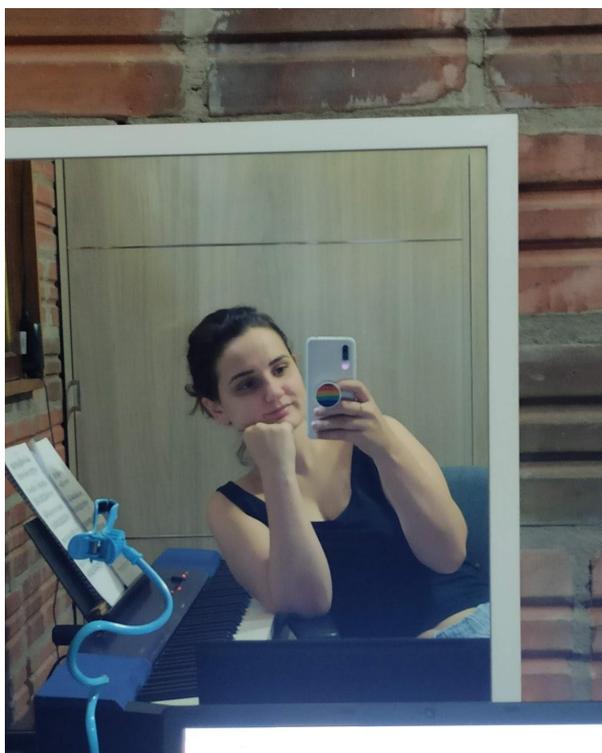
Auto retrato tirado no dia 20 de outubro de 2021



Auto retrato tirado no dia 27 de janeiro de 2022



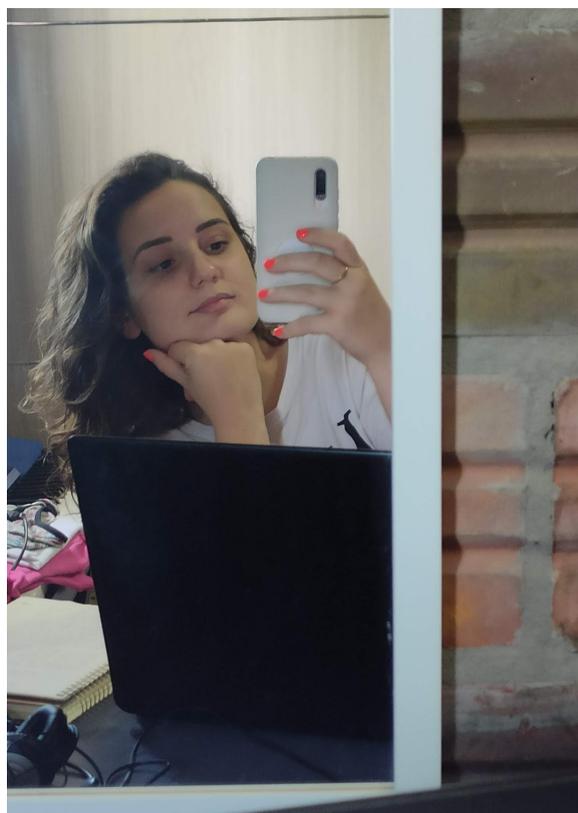
Auto retrato tirado no dia 01 de fevereiro de 2022



Auto retrato tirado no dia 03 de fevereiro de 2022



Auto retrato tirado no dia 21 de fevereiro de 2022



Auto retrato tirado no dia 17 de março de 2022